

PROJETO INTEGRADO DE PESQUISA
PRODUTIVIDADE EM PESQUISA – PQ SR-2022-2027 - CNPq

Educação intercultural:

Viver, conviver e gerar vida em plenitude

Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri

DADOS DO PROJETO E DO PROPONENTE

Sigla:	Intercultura
Título do Projeto:	Educação intercultural: viver, conviver e gerar vida em plenitude. Intercultural education: to live, to live together, to generate well living.
Referência da Chamada:	Produtividade em Pesquisa
Vigência do Projeto	Março de 2022 a fevereiro de 2027
Linha(s) de atuação em que se insere o projeto (*):	(7) Pesquisa; () Desenvolvimento tecnológico e inovação; () Projetos de demonstração e aplicações; () Tecnologias-chave () Protótipos; () Serviços; (6) Capacitação científica e tecnológica (5) Estudos prospectivos
Coordenador do Projeto:	Reinaldo Matias Fleuri
Instituição Executora:	UFSC/PPGICH
Data:	08 de setembro de 2021

Palavras-chave: Bem Viver, educação intercultural, sustentabilidade, decolonialidade, indígenas.

Keywords: Living-well, intercultural education, sustainability, decoloniality, indigenous, inclusive education.



Ficha Técnica: *Título:* Mundo ancestral da criança nativa marajoara. *Autora:* Carla Bethania Ferreira da Silva, *aliás,* Yapoti Porã Eté. *Ano:* 2021. *Dimensões:* 60x50cm. *Técnica:* Pintura, tinta de tecido, puff e urucum sobre tela. *Fotografia:* Reinaldo Matias Fleuri.

Na tela, a criança nativa da Ilha do Marajó convida a floresta para brincar. Trata-se de um encontro profundo entre o mundo criativo e ancestral. De tempos em tempos, a cobra grande assombra os invasores com olhares sedutores e enigmáticos. Ela se enrola e em suas entranhas protege os moradores da aldeia que se resguardam na grande maloca. Esta arena é o portal de muitas descobertas com personagens que se constroem em torno do seu mundo ancestral revelando a tradição e cultura do seu povo. *Yapoti Porã Eté.*

(FLEURI; OKAWATI, 2021, capa)

APRESENTAÇÃO

Com relação a si próprio - Qual(is) a(s) principal(is) contribuição(ões) científica, intelectual, tecnológica e/ou social da sua atividade de pesquisa?

(Em Português)

Em fevereiro de 2022, completarei 50 anos de atividades de pesquisa e ensino em instituições de ensino superior. Nos últimos 20 anos trabalhei como pesquisador 1 do CNPq. Nesta trajetória profissional, minha contribuição científica e pedagógica está enraizada nas áreas de educação intercultural, educação ambiental, formação de educadores e pesquisadores. A relevância de tal contribuição para a produção científica é verificada principalmente pelo número expressivo de citações de nossos trabalhos, pela crescente produtividade acadêmica, bem como por nossas atividades de cooperação científica interinstitucional e internacional.

As pesquisas, que venho desenvolvendo em conjunto com o Grupo de Pesquisa Viver em Plenitude: Educação Intercultural e Movimentos Sociais (UFSC/CNPq), são pioneiras no campo da educação intercultural e têm focado temas de ponta e do debate científico a nível nacional e internacional, trazendo perspectivas e propostas originais enraizadas no contexto sociocultural contemporâneo.

Compreendendo a educação intercultural, inicialmente, como uma linha de fuga que delinea a perspectiva de superação das relações autoritárias e disciplinares na escola (objeto da pesquisa de pós-doutorado em 1995-1996), tenho estudado as articulações criativas entre a educação escolar e a educação popular, bem como suas implicações para a formação de professores e de educadores populares. Nesse campo, venho desenvolvendo de forma crítica teorias e propostas educacionais de ponta, como dialogicidade, complexidade e decolonialidade. Na última década, tenho aprofundado o estudo das contribuições críticas e paradigmáticas das culturas ancestrais dos povos nativos para o desenvolvimento científico e social.

A originalidade desse processo de construção teórico-metodológica tem promovido processos radicalmente inovadores na práxis pedagógica, como os estudos realizados na década de 2001-2011, juntamente com experiências de formação de educadores populares de capoeira, bem como em projetos de formação de educadores, especialmente para a inclusão e para a diversidade cultural. Durante a última década (2011-2021), nossa pesquisa avançou significativamente no campo da interculturalidade crítica e da práxis dialógica de formação de

pesquisadores e educadores em nível de pós-graduação, o que resultou em trabalhos emblemáticos recentemente produzidos em coautoria com pesquisadoras e pesquisadores em formação. Essa inovação pedagógica amplia o trabalho de formação *stricto sensu* de pesquisadores (nos últimos 20 anos, orientamos 14 pesquisas de mestrado, 10 de doutorado e 5 de pós-doutorado, além da orientação de pesquisas de doutorado em andamento). Nesse mesmo período, publicamos 45 artigos em periódicos, 24 livros e 44 capítulos de livros, além de trabalhos e resumos em anais de eventos e outras publicações. Essa produção teve um impacto significativo na comunidade científica: 2.726 citações (até 27/08/2021), com média de 200 citações/ano, nos últimos cinco anos.

(Em Inglês)

In February 2022, I will complete 50 years of research and teaching activities in higher education. In the last 20 years I have worked as researcher 1 of the CNPq. In this professional career, my scientific and pedagogical contribution is rooted in the fields of intercultural education, environmental education, training of educators and researchers. The relevance of such a contribution to scientific production is verified mainly by the significant number of citations of our work, by the growing academic productivity, as well as by our activities of interinstitutional and international scientific cooperation.

The researches, which I have been developing together with the Research Group to Living Well: Intercultural Education and Social Movements (UFSC/CNPq), are pioneers in the field of intercultural education and have focused on cutting-edge issues in the scientific debate at national and international levels, bringing original perspectives and proposals rooted in the contemporary sociocultural context.

Understanding intercultural education, initially, as a line of flight that outlines the perspective of overcoming authoritarian and disciplinary relations at school (the subject of postdoctoral research in 1995-1996), I have been studying the creative articulations between school education and popular education, as well as its implications for the formation of popular educators and teachers. In this field, I have been critically developing cutting edge educational theories and proposals, such as dialogicity, complexity, decoloniality. In the last decade, I have been deepening the study of the critical and paradigmatic contributions of the ancestral cultures of native peoples to scientific and social development.

The originality of this process of theoretical-methodological construction has promoted radically innovative processes in pedagogical praxis, such as the studies carried out in the decade 2001-2011, along with experiences in the training of popular capoeira educators, as well as in training projects for education, especially for inclusion and for diversity. During the last decade (2011-2021), our research has significantly advanced in the field of critical interculturality and the dialogical praxis of training researchers and educators at the graduate level, which resulted in emblematic works recently produced in co-authorship with researchers and researchers in training. Such pedagogical innovation expands the *strictu sensu* training work of researchers (in the last 20 years, we have supervised 14 master's, 10 doctoral and 5 postdoctoral researches, in addition to ongoing PhD direction). In this same period, we published 45 articles in periodicals, 24 books and 44 book chapters, as well as works and abstracts in event proceedings and other publications. This production had a significant impact

on the scientific community: 2726 citations (until 27/08/2021), with 200 citations/year, in the last five years.

Com relação ao projeto em foco - Qual(is) a(s) contribuição(ões) científica, intelectual, tecnológica e/ou social, que podem resultar do seu projeto submetido ao presente Edital?

(Em Português)

O presente projeto de pesquisa – que propõe focalizar o tema da educação intercultural, recorrente em todas os projetos de pesquisa realizados nas últimas três décadas, agora focalizando as cosmovisões ancestrais dos povos originários de Abya Yala, voltadas para a perspectiva de “viver, conviver e gerar vida em plenitude” – fundamenta a formulação de seus objetivos em referências teórico-metodológicas estudadas e debatidas criticamente ao longo do percurso de pesquisa.

A consistência teórica do projeto enseja avanços na concepção da metodologia de formulação e do estudo do problema (indicado pela contradição entre a modernidade/colonialidade e a ancestralidade/Bem Viver), ao incorporar princípios epistêmicos de culturas ancestrais complexos, para além das lógicas modernas, formal e dialética. Neste sentido, problematiza-se o racionalismo, antropocentrismo e o especismo, viabilizando-se um diálogo crítico decolonial com as cosmovisões de povos originários, ao se reconhecer os princípios ético-epistêmicos da relacionalidade, complementaridade, reciprocidade e integralidade. Assim, o atravessamento ético-epistêmico transmoderno possibilita desativar os dispositivos subalternizantes, montados segundo as lógicas bipolares e generalizantes da modernidade, abrindo possibilidade de reconhecer a alteridade, a singularidade e o protagonismo dos povos originários e aprender com os modos de saber e de poder, de ser e de viver das culturas ancestrais de Abya Yala. Tal aprendizado é extremamente relevante no contexto contemporâneo, uma vez que pode fundamentar e mobilizar estratégias socioculturais e políticas públicas necessárias para enfrentar com eficácia os três grandes impasses em que a humanidade se encontra hoje, tal como apontados por Noam Chomsky (ou seja, os riscos do colapso ambiental global, da corrida armamentista e da erosão das democracias). Neste sentido, a contribuição do presente projeto é extremamente necessária, original e inovadora.

A articulação do processo de pesquisa em rede constitui-se como estratégia fractal e sustentável de cooperação científica interinstitucional e internacional, que lhe garante viabilidade e amplo potencial de expansão. A promoção cooperativa de eventos e colóquios, em que lideranças e pesquisadores orgânicos aos povos e movimentos populares de raízes ancestrais desempenham posição protagonista, se constitui como processo de produção de pesquisa, ao mesmo tempo que empodera pesquisadores populares, na busca de Bem Viver, ao conviver e gerar vida em plenitude.

(Em Inglês)

The present research project – which proposes to focus on the theme of intercultural education, recurrent in all research projects carried out in the last three decades, now focusing on the ancestral cosmovisions of the native peoples of Abya Yala, focused on the perspective of “living, coexisting and generate full life” – bases the formulation of its objectives on theoretical-methodological references studied and critically debated throughout the research path.

The theoretical consistency of the project leads to advances in the conception of the methodology for formulating and studying the problem (indicated by the contradiction between modernity/coloniality and ancestry/Living Well), by incorporating epistemic principles from complex ancestral cultures, in addition to modern logics, formal and dialectical. In this sense, rationalism, anthropocentrism and speciesism are problematized, enabling a critical decolonial dialogue with the cosmovisions of original peoples, by recognizing the ethical-epistemic principles of relationality, complementarity, reciprocity and integrality. Thus, the transmodern ethical-epistemic crossing makes it possible to deactivate the subalternizing devices, assembled according to the bipolar and generalizing logics of modernity, opening the possibility of recognizing the otherness, singularity and protagonism of original peoples, and learning with the modes of knowledge and power, of being and living of the ancestral cultures of Abya Yala. Such learning is extremely relevant in the contemporary context as it can support and mobilize sociocultural strategies and public policies necessary to effectively face the three great impasses in which humanity finds itself today, as pointed out by Noam Chomsky (the risks of global environmental collapse, the arms race and the erosion of democracies). In this sense, the contribution of this project is extremely necessary, original and innovative.

The articulation of the research process in a network constitutes a fractal and sustainable strategy of inter-institutional and international scientific cooperation, which guarantees its viability and ample potential for expansion. The cooperative promotion of events and colloquiums, in which leaders and researchers organic to peoples and popular movements with ancestral roots play a leading position, constitutes a process of research production, at the same time as the empowerment of popular researchers, in the search for Living Well, to live together and generate life to the fullness.

PRÓLOGO

A transição de etapas de pesquisa

O projeto PQ/CNPq, em desenvolvimento no período 2018-2022, priorizou o estudo de cosmovisões de povos originários relacionadas com a concepção de Bem Viver, em suas implicações decoloniais e não coloniais para a formação de educadores e pesquisadores. Alavancado pela rede de cooperação científica intercultural e internacional construída ao longo das últimas duas décadas, contando com o apoio institucional do PPGICH/UFSC/CNPq, do PPGEduc/UNIRIO e do PPGEd/UEPA/CAPES, nosso processo de pesquisa voltou-se para o estudo dos e com os povos originários amazônidas e de Abya Yala, focalizando as implicações pedagógicas interculturais e decoloniais das cosmovisões e dos movimentos populares relacionadas com o Bem Viver. Defrontamo-nos com o protagonismo dos povos, das associações e dos movimentos populares de raízes ancestrais, liderados pelas mulheres, jovens e anciões, na defesa e gestão de seus territórios, no desenvolvimento de suas estratégias e práticas educacionais, científicas, políticas, econômicas e sanitárias. Movimentos organizados e articulações comunitárias populares de povos indígenas, quilombolas e tradicionais, mesmo em contextos adversos, vêm construindo seus processos de reexistência, que empoderam sua capacidade de resistência e resiliência frente ao avanço do neocolonialismo e da colonialidade. O protagonismo dos movimentos populares de raízes ancestrais nos interpelou a assumi-los como parceiros, não como objetos de pesquisa, mas como autores e coautores de pesquisas científicas contextualizadas e mobilizadas na perspectiva de viver, conviver e gerar vida em plenitude. Assim, o processo integrado de pesquisa desenvolvido no quadriênio 2018-2022 realizou duas inflexões importantes em relação aos seus objetivos preliminares: o voltar-se para o contexto dos povos amazônidas de Abya Yala, para estudar os limiares interculturais decoloniais de seus processos de reexistência – radicalizando o interesse de estudar as concepções resistência e resiliência decoloniais emergentes em diferentes contextos nacionais – e assumir o protagonismo das lideranças e conhecedores originários como parceiros autônomos na construção dialógica e intercultural de processos de pesquisa e de educação no contexto de suas cosmologias ancestrais. Estes resultados de pesquisa – além de se expressarem nas diferentes publicações, atividades educacionais e de cooperação científica – impulsionaram a configuração do problema, dos objetivos e da metodologia enunciados no projeto de pesquisa proposto para o próximo quinquênio.

O projeto PQ/CNPq/Sr proposto para o período 2022-2027 visa estudar cosmovisões de povos originários de Abya Yala, relacionadas com a concepção de “Viver em Plenitude” (Bem

Viver), em suas implicações decoloniais e não coloniais para a educação intercultural crítica e a construção de políticas de sustentabilidade.

Do ponto de vista metodológico, a presente proposta consolida o processo sociopoético de pesquisa que a Rede Mover vem desenvolvendo, ao potencializar as “posições” dos conhecedores sujeitos de culturas originárias, na busca de se compreender e enfrentar problemas emergentes da relação complexa entre modernidade/colonialidade e ancestralidade/Bem Viver.

Nesta direção, buscaremos manter e promover o diálogo crítico “conversitário” entre pesquisadores situados em contextos institucionais acadêmicos e pesquisadores orgânicos a movimentos populares indígenas, quilombolas e tradicionais, reconhecendo o protagonismo, a complexidade e as singularidades das “posições” dos parceiros e interlocutores. Tal interação vem promovendo a problematização e a reinvenção de propostas e práticas de formação de professores em reciprocidade cooperativa e crítica com práticas e propostas de formação de educadores populares enraizados em movimentos de reexistência ancestrais.

O desenvolvimento deste processo de pesquisa vem se construindo mediante articulação entre diferentes ações (seminários e conversações presenciais e virtuais, oficinas de criatividade artística e textual, desenvolvimento de pesquisas temáticas individuais e integradas, bem como de diferentes formas acadêmicas e populares de produção científica) e se expandindo através de variados meios (desde a elaboração de teses, dissertações, monografias, artigos e livros, até a produção de obras artísticas e socioculturais em linguagens e mídias audiovisuais, corporais, ambientais, impressas, sendo veiculados mediante publicações acadêmicas e produtos de divulgação em rede virtual). Os resultados do processo de pesquisa continuarão contribuindo para o avanço das pesquisas relacionadas com a interculturalidade crítica na área de educação, para a cooperação científica interinstitucional, intercultural e internacional, para o estreitamento da interação entre universidades e movimentos sociais de povos originários, bem como para a construção de políticas interculturais de sustentabilidade e de práticas que fomentem a integração e empoderamento das culturas e povos originários.

Do ponto de vista pedagógico-institucional criativo, a formação de pesquisadores e a produção bibliográfica, bem como as atividades de gestão e de cooperação científica internacional realizadas, consolidam a liderança da Rede Mover no campo de pesquisas interculturais na área da Educação, tornando possível prospectar e convocar uma nova etapa de pesquisa em rede capaz de explorar novas fronteiras científicas e interculturais, particularmente com os povos originários de Abya Yala.

The PQ/CNPq project developed in the period 2018-2022 prioritized the study of worldviews of native peoples related to the concept of Living Well, in its decolonial and non-colonial implications for the training of educators and researchers. Leveraged by the network of intercultural and international scientific cooperation built over the last two decades, with the institutional support of PPGICH/UFSC/CNPq, PPGEduc/UNIRIO and PPGEd/UEPA/CAPES, our research process turned to the study of and with native Amazonian peoples and Abya Yala, focusing on the intercultural and decolonial pedagogical implications of cosmovisions and popular movements related to Living Well. We face the protagonism of peoples, associations and popular movements with ancestral roots, led by women, young people and the elderly, in the defense and management of their territories, in the development of their educational, scientific, political, economic and sanitary strategies and practices. Organized movements and popular community articulations of indigenous, quilombola and traditional peoples, even in adverse contexts, have been building their processes of re-existence, which empower their capacity for resistance and resilience against the advance of neocolonialism and coloniality. The protagonism of popular movements with ancestral roots has challenged us to assume them as partners, not as study objects, but as authors and co-authors of contextualized scientific research, mobilized in the perspective of living, coexisting and generating harmonious life. Thus, the integrated research process developed in the 2018-2022 quadrennium made two important inflections in relation to its preliminary objectives: turning to the context of the Amazonian peoples of Abya Yala, to study the decolonial intercultural thresholds of their processes of re-existence - radicalizing the interest in studying the emerging decolonial resistance and resilience conceptions in different national contexts – and assuming the leading role of original leaders and experts as autonomous partners in the dialogic and intercultural construction of research and education processes in the context of their ancestral cosmologies. These research results – in addition to being expressed in different publications, educational activities and scientific cooperation – boosted the configuration of the problem, objectives and methodology set out in the research project proposed for the next five years.

The PQ/CNPq/Sr project proposed for the period 2022-2027 aims to study cosmovisions of people from Abya Yala, related to the concept of “Living Well”, in its decolonial and non-colonial implications for intercultural critical education and the construction of sustainability policies.

From a methodological point of view, this proposal consolidates the sociopoetic research process that “Mover” Network has been developing, by enhancing the “positions” of knowledgeable subjects of original cultures, in the search to understand and face problems emerging from the complex relationship between modernity/coloniality and ancestry/Living Well.

In this direction, we will seek to maintain and promote the critical “conversational” dialogue between researchers located in academic institutional contexts and researchers organic to indigenous, quilombola and traditional popular movements, recognizing the protagonism, complexity and singularities of the “positions” of partners and interlocutors. Such interaction has been promoting the problematization and reinvention of proposals and practices for training teachers in cooperative and critical reciprocity with practices and proposals for training popular educators rooted in ancestral reexistence movements.

The development of this research process has been built through the articulation between different actions (seminars and face-to-face and virtual conversations, artistic and textual creativity workshops, development of individual and integrated thematic research, as well as different academic and popular forms of scientific production) and expanding through various means (from the elaboration of theses, dissertations, monographs, articles and books, to the production of artistic and sociocultural works in audiovisual, bodily, environmental, printed languages and media, being conveyed through academic publications and dissemination products in a virtual network). The results of the research process will continue to contribute to the advancement of research related to critical interculturality in the area of education, to interinstitutional, intercultural and international scientific cooperation, to closer interaction between universities and social movements of indigenous peoples, as well as to the construction of intercultural sustainability policies and practices that foster the integration and empowerment of native cultures and peoples.

From a creative pedagogical-institutional point of view, the training of researchers and bibliographic production, as well as the management and international scientific cooperation activities carried out, consolidate “Mover” Network's leadership in the field of intercultural research in the field of Education, making it possible to prospect and to summon a new stage

of network research capable of exploring new scientific and intercultural frontiers, particularly with the native peoples of Abya Yala.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados dos integrantes da equipe de pesquisa.....	65
Quadro 2 - Bolsas CNPq PQ 1 Reinaldo Matias Fleuri (2002-2022)	76
Quadro 3 - Periódicos científicos	95
Quadro 4 - Livros publicados	101
Quadro 5 - Capítulos de livros publicados	104
Quadro 6 - Orientações realizadas.....	111
Quadro 7 - Cargos desempenhados (2001-2021)	120
Quadro 8 - Atividades de editoração científica (2001-2021)	121
Quadro 9 - Seminários de pós-graduação realizados (2017-2021).....	122
Quadro 10 - Organização de eventos científicos	123
Quadro 11 - Projetos de pesquisa e de extensão.....	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Produção científica almejada.....	70
Tabela 2 - Indicadores de produção bibliográfica (2001-2021)	78
Tabela 3 - Obras mais acessadas (2001-2021)	79
Tabela 4 - Orientações concluídas (2001-2021).....	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPEd	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação
CAOI	Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas
CES	Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra)
CMN	Confederación Mapuce de Neuquén
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COEDUC/UFMT	Grupo de Pesquisa Corpo Educação e Cultura da Universidade Federal do Mato Grosso
CUSP	Curtin University Sustainability Policies Institute
DECIDe	Núcleo de estudos sobre Democracia, Cidadania e Direito (Universidade de Coimbra)
FMP	Faculdade Municipal de Palhoça
GEPDETAM	Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Educação e Trabalho na Amazônia
GIER	Griffith Institute for Educational Research
GU	Griffith University
IFC	Instituto Federal Catarinense
IFPA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
IFSP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IIRSA	Integração da Infraestrutura Regional Sul Americana
NEP	Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (UEPA)
OIIIPE	Observatório Internacional sobre Interculturalidade, Inclusão e Inovação Pedagógica
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PPGICH	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC)
PQ/CNPq	Bolsa de Produtividade Científica (CNPq)
PUCSP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RedeMover	Rede Mover de Pesquisas, liderada pelo Grupo de Pesquisa “Educação Intercultural e Movimentos Sociais” (CNPq/UFSC)
UA	Universidad de Antioquia
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco

UEM	Universidade Eduardo Mondlane
UEPA	Universidade Estadual do Pará
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
ULHT	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
UNCOMA	Universidad Nacional del Comahue
UNICAMP	Universidade de Campinas
Unijuí	Universidade de Ijuí
UNIMEP	Universidade Metodista de Piracicaba
UNIVR	Università di Verona
UQ	The University of Queensland
VEPOP-SUS	Projeto de Pesquisa e Extensão “Vivências de Extensão em Educação Popular e Saúde no Sistema Único de Saúde”

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
PRÓLOGO	9
1. INTRODUÇÃO	20
1.1. TRAJETÓRIA DE PESQUISA DA REDE MOVER: OPÇÕES TEMÁTICAS	20
1.2. (RE)CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	25
1.3. O PROTAGONISMO DO MOVIMENTO INDÍGENA NO BRASIL	26
1.4. AS COSMOVISÕES DOS POVOS ORIGINÁRIOS ANCESTRAIS	29
1.5. BEM VIVER: VIVER EM PLENITUDE	33
1.6. EDUCAR NO BEM VIVER: CONVIVER EM PLENITUDE	39
1.7. EDUCAR: GERAR VIDA EM PLENITUDE	42
1.8. (RE)FORMULAÇÃO DO OBJETIVO DA PESQUISA	45
1.8.1. <i>Objetivo geral</i>	45
1.8.2. <i>Objetivos específicos</i>	45
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS	46
2.1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	46
2.1.1. <i>O que entendemos por “problema” de pesquisa</i>	47
2.1.2. <i>(Re)Formulação do problema de pesquisa</i>	49
2.1.3. <i>Delimitação do problema de pesquisa</i>	51
2.2. DESAFIOS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	52
2.2.1. <i>Propósito e plano de desenvolvimento da pesquisa</i>	56
2.2.2. <i>Integrantes da equipe do projeto integrado de pesquisa</i>	57
3. IMPACTOS ESPERADOS	67
3.1. RESULTADOS E IMPACTOS ALMEJADOS	67
3.1.1. <i>Livros</i>	67
3.1.2. <i>Artigos e capítulos de livros</i>	68
3.1.3. <i>Teses e dissertações</i>	68
3.1.4. <i>Seminários pedagógicos</i>	68
3.1.5. <i>Eventos</i>	68
3.1.6. <i>Consultorias</i>	69
3.1.7. <i>Cooperação científica</i>	69
3.1.8. <i>Produção acadêmica almejada</i>	70
3.2. RISCOS E OPORTUNIDADES	70
3.3. MODALIDADES DE APOIO AO PROJETO DE PESQUISA	71
4. ORIGINALIDADE, RELEVÂNCIA, VIABILIDADE E POTENCIAL INOVADOR DA PROPOSTA	72

5.	CONSIDERAÇÕES AVALIATIVAS SOBRE A PRODUTIVIDADE ACADÊMICA	76
5.1.	EXERCÍCIO DE LIDERANÇA DO GRUPO DE PESQUISA	77
5.2.	PRODUÇÃO CIENTÍFICA	77
5.3.	FORMAÇÃO DE PESQUISADORES	80
5.4.	GESTÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA	80
5.5.	COORDENAÇÃO DE PROJETOS NUCLEADORES.....	81
5.6.	INSERÇÃO INTERNACIONAL	81
5.7.	COLABORAÇÃO EM COMITÊ EDITORIAL.....	82
6.	SINOPSE.....	84
	REFERÊNCIAS	89
	APÊNDICE	95
	ANEXO	126

1. INTRODUÇÃO

**“Pesquisar, para quê?
... para Viver em Plenitude!”**

É com imensa satisfação que apresento esta proposta de pesquisa na modalidade PQ-Sr. Manifesto minha profunda gratidão pelo apoio que o CNPq tem me prestado desde 1995, já por ocasião de meu estágio de pós-doutorado, quando orientei minhas pesquisas para o tema da educação intercultural e movimentos sociais.

O presente projeto se constitui, de fato, a partir de um longo processo de estudos realizados, desde meados da década de 1990, pelo Grupo de Pesquisas Viver em Plenitude: Educação Intercultural e Movimentos Sociais (UFSC/CNPq)¹, que vem teorizando e experienciando propostas de educação, formação e pesquisa intercultural, em interação com os movimentos populares enraizados em culturas originárias ancestrais.

Os resultados destes complexos processos de pesquisas vêm constituindo perspectivas teórico-epistemológicas que assumem significados singulares de acordo com as posições dos sujeitos e dos contextos a partir dos quais tais processos podem ser vividos e relatados.

1.1. TRAJETÓRIA DE PESQUISA DA REDE MOVER: OPÇÕES TEMÁTICAS

Ao esboçar uma visão sinóptica do processo de pesquisa coletivo desenvolvido pela rede de pesquisadores Mover ao longo de mais de duas décadas, esperamos contextualizar a trajetória de pesquisa que gerou a opção por focalizar, no presente projeto de pesquisa, a temática do “Viver em Plenitude” ou “Bem Viver”, formulada a partir das histórias e culturas ancestrais de povos de Abya Yala, como referência para aprofundar nossos estudos relativos à educação intercultural na perspectiva crítica decolonial.

¹ O Grupo de Pesquisa Viver em Plenitude: Educação Intercultural e Movimentos Sociais, conhecido pelos cognomes Núcleo ou Rede Mover, encontra-se registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil desde 1997, com o nome “Educação Intercultural e Movimentos Sociais” tendo sido renomeado em 2020, mediante o acréscimo da expressão “Viver em Plenitude”, para enfatizar seu foco de pesquisas na perspectiva da interculturalidade crítica (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/581765>). O site www.mover.ufsc.br mantém o acesso público às obras produzidas, bem como serve de ferramenta de comunicação e cooperação dos integrantes desta rede de pesquisadores e pesquisadoras.

Ao concluir minha dissertação de mestrado – em que estudei o processo de formação de consciência crítica no Ciclo Básico da PUCSP, à luz do pensamento de Paulo Freire (FLEURI, 1978) – entendi o “diálogo” e a “práxis” como palavras-chave da concepção pedagógica freiriana. Concluí que o processo de formação da consciência crítica só se constrói no contexto acadêmico na medida em que este se conecta organicamente com a “práxis” dos movimentos populares.

Essa compreensão orientou minhas opções por estudar, na pesquisa de doutorado em 1988, as relações da universidade com a educação popular, mediadas pelos projetos de extensão universitária realizados pela Universidade Metodista de Piracicaba (FLEURI, 2001). Da mesma forma, entre 1989-1992, engajei-me no acompanhamento do Seminário Permanente de Educação Popular promovido pela Universidade de Ijuí junto com seis grandes movimentos populares atuantes na região Sul do Brasil. Tal estudo (FLEURI, 2002), por sua vez, se expressou no trabalho apresentado em 1993, por ocasião do meu concurso a Professor Titular na Universidade Federal de Santa Catarina.

A mesma busca – por articular minhas atividades acadêmicas com ações de movimentos populares – mobilizara, no ano de 1989 em Florianópolis, minha atividade de cooperação com o Centro de Educação e Evangelização Popular (CEDEP), que realizava o projeto de educação popular “Oficina do Saber” em periferias urbanas da cidade, em parceria intercultural com o Movimento de Cooperação Educativa (MCE), da Itália. Foi este trabalho que me despertou o desejo de iniciar as pesquisas científicas relacionadas com a educação intercultural, particularmente nos contextos de movimentos populares e da própria universidade.

Na pesquisa que realizei no estágio de pós-doutorado junto à Universidade de Perugia, Itália, no período de 1995-1996, busquei compreender criticamente a proposta de educação cooperativa intercultural, que havia conhecido ao colaborar com o projeto de educação popular “Oficina do Saber”, no início dos anos 1990 em Florianópolis (SC, Brasil). Esta experiência e os estudos realizados neste período foram determinantes na definição do enfoque inicial da problemática da “educação intercultural” estudada pela rede de pesquisadores e pesquisadoras que se articulariam, a partir de 1997, em torno do Grupo de Pesquisas Educação Intercultural e Movimentos Sociais (CNPq/UFSC). Este Grupo de Pesquisas foi um dos pioneiros no Brasil a desenvolver e mobilizar no campo da interculturalidade relacionada à educação popular.

Seguindo os relatórios do grupo de pesquisa apresentados ao CNPq, visualizamos sete períodos desenvolvidos entre 2000 e 2022, cada um focalizando temáticas deliberadas a partir da avaliação dos trabalhos realizados em períodos precedentes².

No primeiro período (biênio 2000-2002), o grupo de pesquisa dedicou bastante energia para a construção de coesão interior, mediante reuniões e atividades regulares, que de fato permitiram a constituição de um referencial teórico-metodológico que serviu de mediação entre os diferentes subprojetos de pesquisa. Tal referencial teórico – baseado nas teorias da complexidade, de Gregory Bateson (1986) e Edgar Morin (1985), assim como na dos “entre-lugares”, de Homi Bhabha (1998) – foram de fundamental importância na formulação de dissertações e teses defendidas neste período.

Já no segundo momento (biênio 2002-2004)³, o grupo de pesquisa buscou articular seus objetivos específicos com a marcante demanda externa. De modo particular, liderou o Projeto de Pesquisa desenvolvido no âmbito do Plano Sul de Pesquisa, resultando na articulação da Rede de Pesquisas Rizoma e do II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais (Florianópolis, 8 a 11 de abril de 2003).

No terceiro período (triênio 2004-2007), o grupo de pesquisa, contando já com vários pesquisadores e pesquisadoras formados e atuando em diferentes instituições do país, buscou manter interações de cooperação interinstitucional. Ao mesmo tempo, buscou articular os diferentes projetos desenvolvidos pelos integrantes do grupo em torno da promoção e análise de um percurso comum de pesquisa constituído por cursos experimentais de formação de educadores populares na perspectiva intercultural, visando ao aprofundamento teórico da perspectiva intercultural da educação, assim como à elaboração de subsídios teórico-metodológicos e didático-pedagógicos. Neste período, ampliou-se e consolidou-se significativamente a rede de cooperação científica internacional, resultando inclusive na promoção do III Seminário Internacional Educação Intercultural, Movimentos Sociais e

² Adotei aqui a periodização do processo de pesquisa do Núcleo Mover conforme os períodos de vigência do financiamento pelo CNPq, iniciados nos meses de março de 2000, 2002, 2004, 2007, 2010, 2014, 2018 e, para o presente projeto, 2022. Entretanto, os relatórios de pesquisa foram apresentados geralmente com oito meses de antecedência ao início do novo período de financiamento do projeto integrado, de modo que a produção científica analisada em cada relatório parcial se refere ao período de oito meses anterior à data do início da vigência do projeto subsequente.

³ A partir de 01 de março de 2002 a bolsa de Produtividade Científica (PQ) concedida para este projeto de pesquisa foi reclassificada para o nível de “Pesquisador 1”.

Sustentabilidade: Perspectivas Epistemológicas e Propostas Metodológicas e do I Colóquio da Association Internationale pour la Recherche Interculturelle (ARIC) na América Latina, (Florianópolis, 13 a 17 de novembro de 2006).

O quarto período (triênio 2007-2010) foi marcado pela intensa colaboração com a Association Internationale pour la Recherche Interculturelle (ARIC), iniciada com a organização do seu primeiro colóquio na América Latina, em 2006, e culminando com a realização do seu XII Congresso Internacional, sediado na UFSC no período de 29 de junho a 03 de julho de 2009. O apoio intensivo oferecido pelo Núcleo Mover a estes eventos possibilitou um redimensionamento tanto da articulação de sua rede de cooperação científica nacional e internacional, quanto do referencial teórico-metodológico das pesquisas em desenvolvimento.

De um lado, as pesquisadoras e os pesquisadores do Núcleo Mover tiveram a oportunidade de interagir com pesquisadores de cerca de 300 instituições, dos cinco continentes. De outro lado, puderam aprimorar criticamente seu enfoque teórico-metodológico, aprofundando sua compreensão das perspectivas latino-americanas de interculturalidade, particularmente relacionadas com a crítica da modernidade/colonialidade, assim como de suas relações com pesquisadores e pesquisadoras de outros contextos nacionais e continentais. Esta vivência do debate científico foi determinante para definir o rumo das próximas etapas de pesquisa do Núcleo Mover.

No quinto período (quadriênio 2010-2014), com base na rede internacional de cooperação científica tecida ao longo da década, o grupo avançou significativamente no estudo e debate em torno da compreensão e da construção de perspectivas emergentes de interculturalidade crítica. A participação incisiva do Núcleo Mover nas atividades científicas desenvolvidas pela Association Internationale pour la Recherche Interculturelle (ARIC) – inclusive pelo nosso engajamento na presidência da entidade em 2007-2011 – garantiu sua inserção internacional, assim como o desenvolvimento de intercâmbios e ampliação da produção científica. Com isso, o “Núcleo” se transformou em “Rede” de pesquisas, cuja base de articulação passou para o campus de Camboriú do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, onde – após ter me aposentado na Universidade Federal de Santa Catarina – passei a atuar como Professor Visitante Nacional Sênior (CAPES) no período de setembro de 2012 a setembro de 2016.

O sexto período (o quadriênio 2014-2018)⁴ caracterizou-se pelo esforço em estudar os desafios interculturais e ecológicos que se colocam na região catarinense e por analisar as perspectivas do projeto político institucional do Instituto Federal Catarinense (IFC) em sua missão de promover a educação científica e tecnológica neste contexto. Para isso, conduzimos um processo de pesquisa participante institucional, articulado com a rede interinstitucional de pesquisadores e pesquisadoras construída a partir da experiência do grupo Mover. Este processo de pesquisa contribuiu particularmente para qualificar o corpo de professoras e professores, que se dedicaram a elaborar o Projeto de Curso de Mestrado na área de concentração em Educação e Sustentabilidade do Instituto Federal Catarinense.

O sétimo período (o quadriênio 2018-2022) foi marcado por significativas opções temáticas que produziram uma importante inflexão na trajetória de pesquisas que estavam sendo realizadas. Primeiramente, decidimos dirigir nossos esforços para estudar as cosmovisões de povos originários do hemisfério sul, relacionadas com a concepção de Bem Viver, em suas implicações decoloniais e não coloniais para a construção de políticas de sustentabilidade, bem como de propostas e práticas inovadoras de educação intercultural e inclusiva. Alavancada pela rede de cooperação científica intercultural e internacional construída ao longo das últimas duas décadas, a proposta de pesquisa interativa vem sendo erigida como um processo sociopoético de pesquisa, congregando em rede pesquisadoras e pesquisadores, bem como mediadoras e mediadores interculturais ligados a povos originários do Brasil, América Latina e Austrália. A segunda inflexão importante foi considerar os povos originários ancestrais como interlocutores protagonistas de nossos processos de pesquisa. Neste sentido, a imersão no contexto amazônico – oportunizada em grande parte pela atuação, a partir de 2019, como Professor Visitante Nacional Sênior, vinculado ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia (PROCAD/Amazônia) junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará – ensejou a cooperação ativa com projetos de pesquisas articulados com intelectuais orgânicos e organizações populares amazônidas, particularmente indígenas e quilombolas. Neste contexto é que nos concentramos no estudo da interculturalidade crítica, das pedagogias e narrativas decoloniais, priorizando a compreensão das culturas do Bem Viver e de suas implicações socioculturais e político-pedagógicas.

⁴ A trajetória de pesquisas do Núcleo Mover desenvolvida até 2014 foi apresentada e analisada detalhadamente em livro (FLEURI, 2017b).

Ao nos propor a iniciar o que consideramos a oitava fase da longa trajetória de nosso processo de pesquisa, a ser desenvolvida no próximo quinquênio (2022-2027), somos motivados a estudar e promover propostas e práticas de educação intercultural como processos de “viver, conviver e gerar vida em plenitude”. Tal propósito de pesquisa foi gerado por estudos das práticas de cooperação educativa e científica entre agentes universitários e sujeitos coletivos populares, que evidenciaram o protagonismo e a autonomia de movimentos populares – notadamente os radicados em suas ancestralidades – na construção de teorias e cosmovisões críticas, uma vez que constituídas por epistemologias, metodologias e linguagens mais complexas do que aquelas modeladas pela universidade moderna. Assim, nos propomos agora a investigar, em diálogo e cooperação com lideranças de movimentos populares de origens ancestrais, propósitos e práticas educacionais inerentes ao Bem Viver, que estão promovendo processos de reexistência⁵ ancestrais, como alternativas de resistência à degradação social e ambiental, produzida pelo sistema-mundo colonial/capitalista.

1.2. (RE)CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

A trajetória do processo de pesquisas que estamos desenvolvendo, junto com o grupo de pesquisas Viver em Plenitude: Educação Intercultural e Movimentos Sociais (UFSC/CNPq) desde sua criação em 1997, seguiu um processo estocástico⁶, em que nossas opções teórico-metodológicas, bem como a focalização dos problemas e objetivos de pesquisas, foram sendo definidas *pari passu* à nossa tomada de consciência das raízes dos desafios emergentes nas relações que estamos tecendo com diferentes contextos e com diferentes sujeitos socioculturais.

Ao desenvolver nossa caminhada de pesquisa – cuja metodologia pode ser indicada metaforicamente pelo crescimento de um rizoma ou pelo modo sinuoso como a serpente se

⁵ Reexistência significa muito mais do que resistência, do que a preservação e manutenção das identidades, valores e formas de vida de um grupo social. São processos de reexistência, de ressurgimento. Etimologicamente, na língua latina, o verbo *sistere* significa erguer-se, estar em pé por si mesmo. *E-sistere*, sugere crescer de dentro para fora, desenvolver-se autonomamente. *Re-sistere*, implica em se reerguer frente a lutas, a derrotas, a quedas, a processos de morte. *Re-e-sistere* significaria reviver e se desenvolver autonomamente, a partir das próprias raízes ancestrais, conectando-se com a vitalidade de todos os seres do universo. Reexistir, portanto, implica em viver, reviver, conviver e gerar vida em plenitude (FLEURI, 2020).

⁶ “Estocástico. (Em grego, *stochazein*, atirar num alvo com um arco; quer dizer, distribuir eventos de uma maneira parcialmente aleatória, alguns dos quais alcançam um resultado determinado). Se uma sequência de eventos combina um componente aleatório com um processo seletivo de forma que só seja permitida a permanência de determinados resultados do aleatório, esta sequência é considerada estocástica” (BATESON, 1986, p. 232).

movimenta, seguindo seus propósitos, observando atentamente o ambiente, contornando os obstáculos, mergulhando e atravessando os diferentes contextos – fomos tematizando, de modo cada vez mais radical e consistente, os desafios assumidos em sucessivos processos e diferentes conjunturas de pesquisa.

Assim, ao buscar, na última fase de pesquisa, “aprender com os povos originários do sul a decolonizar a educação”, fomos descobrindo – para além dos véus subalternizantes da colonialidade do saber e do poder, do ser e do viver, que já tínhamos estudado precedentemente – o protagonismo dos povos e culturas de raízes ancestrais de Abya Yala na condução de seus processos de reexistência, em desafiantes, por vezes hostis e cruéis, situações criadas pelo sistema-mundo neocolonial contemporâneo. Tal tomada de consciência nos mobilizou a recontextualizar o problema, o propósito e o caminho da pesquisa, que pretendemos desenvolver no próximo quinquênio.

1.3. O PROTAGONISMO DO MOVIMENTO INDÍGENA NO BRASIL

Boaventura de Sousa Santos nos convidava a “aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul” (SANTOS, 1995, p. 508). O “Sul” metaforicamente indica um campo de desafios epistêmicos emergentes das relações coloniais estabelecidas historicamente entre a Europa Moderna e outros povos, bem como pelas relações de exploração, dominação e subalternização entre diferentes grupos sociais, seja nas metrópoles europeias, seja nas próprias nações colonizadas. Nesta direção, as epistemologias do Sul são constituídas pelo conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados, bem como “valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos” (SANTOS; MENEZES, 2010, p. 13).

As mesmas perspectivas ideológicas estão presentes no termo “SULear”, criado por Marcio D’Olne Campos, em 1991, para problematizar o termo “nortear” como sinônimo de orientar-se pela direção norte, tida como posição acima e superior, subsumindo a posição dos povos do sul como abaixo, inferior. “Com SULear pretende-se dar valor e visibilidades às perspectivas e às epistemologias do Sul, como forma de contrariar a lógica dominante da *episteme* eurocêntrica que apresenta o Norte e o sentido do norte como referência universal, qualquer que seja o hemisfério” (CAMPOS, 2019, p. 9).

As metáforas geográficas das epistemologias do “Sul” e geopolíticas do “Sular” trazem a clara intenção de se problematizar a pseudo-superioridade das metrópoles coloniais situadas no hemisfério Norte em suas relações com os povos e as culturas colonizadas do Sul. Entretanto, a adoção de referências geográficas bipolares (Norte-Sul) universalizadas no mundo ocidental, pode não ser suficiente para reconhecer a alteridade, a singularidade e o protagonismo histórico de povos originários. Os diferentes povos desenvolvem, de fato e no presente, sistemas culturais singulares para interpretar e conduzir suas relações interculturais a partir de princípios éticos e epistêmicos mais diferenciados e complexos do que a relação de oposição binária sugerida pela metáfora Sul-Norte.

Somos, pois, desafiados a reconhecer e a compreender as relações interculturais a partir das posições epistêmicas e éticas autônomas e singulares assumidas pelos povos originários, para além e independentemente da posição de instituições, estados e corporações modernas eurocêntricas.

Assim, o diálogo intercultural crítico com os povos originários de Abya-Yala⁷ não é um processo simples, justamente porque têm se hegemonizado no mundo ocidental sistemas coloniais e neocoloniais, o que vem resultando na alienação, invisibilização, subjugação e extermínio de povos ancestrais, bem como de suas epistemologias⁸, de suas identidades étnicas e de seus territórios.

⁷ Ao invés de expressões que identificam ou adjetivam os povos originários do ponto de vista claramente colonial (com “índios”, “selvagens”, “primitivos”), ou de modo negativo (“marginalizado”, “oprimido”, “excluído”), ou subalterno (“do sul”, “colonizado”, “dominado”), estamos buscando usar expressões pelas quais os próprios povos originários se autodenominam a partir das próprias raízes culturais ancestrais. A expressão Abya Yala (que significa, na língua do povo Kuna, “terra em sua plena maturidade”) vem sendo cada vez mais usada pelos povos originários do continente ameríndio, objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento aos povos ancestrais submetidos historicamente à colonização ibérica. Da mesma forma, os Guarani, juntamente com os diferentes povos indígenas brasileiros, resgatam a nação Pindorama e sua cultura Tekó Porã, contrapondo-se ao estereótipo de “índio”, que lhes foi atribuído pelos colonizadores portugueses. Pindorama (etimologicamente, em Guarani, significa “região das palmeiras”) é uma designação para o local mítico dos povos Tupi-Guarani, que seria uma terra livre dos males (CLASTRES, 1978).

⁸ “Epistemologia é toda a noção ou ideia, reflectida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e actores sociais. E como umas e outros não existem senão no interior de relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias” (SANTOS; MENEZES, 2010, p. 9). A dimensão ideológica e valorativa do conhecimento se sustenta pelas próprias estruturas lógicas de conexão dos conceitos e de concatenação da argumentação constitutivas dos discursos nos diferentes contextos culturais. Neste sentido lógico, metanarrativo, a epistemologia é entendida como “um conjunto de premissas que sustentam nossos modos de fazer distinções, de segmentar os eventos, de dar sentido ao mundo” (BATESON, 1972; 1979).

Maria Cristina dos Santos (apud SANTOS, 2018, p. 16) considera que “a ideia do indígena como vítima do processo de conquista tende a esvaziá-lo das características culturais mais fundamentais, tais como a relação com a natureza ou a concepção anímica de mundo”. Tal entendimento implica na suposição de que os indígenas são “incapazes” de viver na sociedade civilizada e, por isso, precisam ser tutelados pelo Estado-Nação. Contestando esta visão indigenista colonial, Eduardo Viveiros de Castro (apud FERRAZ, 2017) nos alerta que “O encontro com o mundo índio nos leva para o futuro, não para o passado (...). Os índios têm muito a colaborar para um país mais democrático e diverso”. E Casé Angatu⁹ afirma que “a luta dos povos originários, dos povos indígenas, ribeirinhos e pescadores é a luta de todos os brasileiros, porque nós protegemos a natureza e somos a barragem ao desenvolvimentismo mercadológico-capitalista do agronegócio que só pensa no negócio”¹⁰ (apud MACHADO, 2018, p. 41).

Com efeito, o relatório produzido em 2020 pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e Amazon Watch (2020, p. 74) denuncia que a “Amazônia brasileira é um dos epicentros das crises ambiental e de direitos humanos do planeta, empurrada à beira do abismo por forças políticas, econômicas e, muitas vezes, também criminosas, que buscam obter lucros acima de tudo”. Os povos amazônidas lutam “para defender a floresta e seus territórios, culturas e modos de vida das ameaças que também colocam em risco o bem-estar coletivo da humanidade”. Por isso, convocam a todos – empresas, governos, investidores e a sociedade civil brasileira e internacional – a “trabalhar juntos, rapidamente, para realizar mudanças radicais”.

⁹ Casé Angatu - Carlos José F. dos Santos, Indígena e Morador da Aldeia Gwarini Taba Atã, Território Tupinambá de Olivença, é Doutor em História e Cultura da Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo-FAU/USP.

¹⁰ Hoje os povos indígenas são mais vulneráveis do que nunca, frente à ofensiva dos proprietários de terra e dos grandes projetos econômicos, bem como de projetos políticos que cerceiam os processos de demarcação e autonomia dos territórios indígenas: “A iniciativa voltada para o mercado internacional atende à expectativa de poderosas corporações econômicas, sobretudo transnacionais, nas áreas da mineração, de petróleo e gás, de monocultivos da soja, da cana de açúcar, da pecuária, da celulose, produção de agrocombustível, exploração madeireira e demais recursos naturais. Também se beneficiam as grandes empresas construtoras, que doam generosas quantias em dinheiro para abastecer os caixas de campanha eleitoral dos partidos políticos, com a certeza de que receberão tudo de volta, em dobro. Fazem parte da carteira de projetos da IIRSA (Integração da Infraestrutura Regional Sul Americana), que aqui no Brasil integram o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) a construção de hidrelétricas, linhas de transmissão, estradas, ferrovias, hidrovias, portos e aeroportos, sistemas de comunicação. A IIRSA traz no seu bojo uma concepção de desenvolvimento, entendido como crescimento econômico, a partir da super-exploração dos recursos naturais e alimentando padrões insustentáveis de consumo, para assegurar a acumulação capitalista” (HECK et al., 2012, p. 25).

Ao denunciar publicamente a cumplicidade de empresas e instituições financeiras internacionais e nacionais¹¹ e ao mobilizar ações junto às instituições jurídicas nacionais e internacionais – denúncias que mobilizaram empresas multinacionais a mudar suas políticas de investimentos¹² – e mobilizar ações junto às instituições jurídicas nacionais¹³, a APIB, juntamente com outras organizações indígenas, demonstram o protagonismo do movimento indígena no Brasil na construção de um país mais justo.

1.4. AS COSMOVISÕES DOS POVOS ORIGINÁRIOS ANCESTRAIS

Os movimentos indígenas brasileiros seguem suas lutas na mesma linha dos povos de Abya-Yala que, a partir de sua experiência milenar, estabeleceram uma relação harmônica com a terra e questionam duramente a lógica desenvolvimentista predatória:

Somos filhos da “Pachamama”, não seus donos, nem dominadores, vendedores ou destruidores. Nossa vida depende dela e por isso desde milênios construímos nossas

¹¹ O relatório da APIB/AW (2020, p. 4) “mostra que companhias que representam os três principais setores econômicos brasileiros – mineração, agronegócio e energia – estiveram direta ou indiretamente envolvidas em conflitos que afetam os Povos Indígenas e seus territórios”.

Os casos expostos aconteceram nos estados amazônicos do Pará, Maranhão, Mato Grosso, Roraima e Amazonas, com as mineradoras Vale, Anglo American, Belo Sun, Potássio do Brasil; as empresas do agronegócio Cargill, JBS, Cosan/ Raizen; e as companhias de energia Energisa Mato Grosso, Bom Futuro Energia, Equatorial Energia Maranhão e Eletronorte.

Juntamente com essas empresas, destacamos seis grandes instituições financeiras sediadas nos Estados Unidos – BlackRock, Citigroup, J.P. Morgan Chase, Vanguard, Bank of America e Dimensional Fund Advisors – que contribuíram com mais de US\$ 18 bilhões (R\$100 bilhões) para as empresas acima, entre 2017 e 2020. Desvendar essa rede ajuda a mostrar o quanto é problemática a vinculação entre empresas que atuam na Amazônia brasileira com líderes financeiros globais, destacando as más condutas do mundo corporativo e quem contribui para isso”. (ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL; AMAZON WATCH, 2020, p. 4).

¹² Uma das mudanças de conduta de mineradoras em seus projetos de exploração em territórios indígenas que resultam de mobilizações de associações de povos originários foi a campanha junto à Mineradora Anglo American. “A Campanha para que a Anglo American, uma das maiores mineradoras do mundo, encerre seus planos de explorar territórios indígenas, teve início com o relatório Cumplicidade na Destruição III, em outubro de 2020. A mineradora ainda tem 86 interesses minerários ativos na base de dados da ANM que impactam territórios indígenas. *Pará, Brasil, 13 de julho de 2021* – A mineradora inglesa Anglo American se comprometeu formalmente em retirar da Agência Nacional de Mineração (ANM) 27 requerimentos aprovados para a pesquisa de cobre em territórios indígenas, localizados nos estados de Mato Grosso e do Pará. O compromisso foi informado, dia 24 de maio, após pressão do povo Munduruku, da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) e da Amazon Watch” (ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL, 2021).

¹³ “Somado a isso, há a consolidação dos advogados indígenas e do jurídico da APIB como uma força legal dentro do Brasil. O acatamento por unanimidade da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 7095 no STF, apresentada e liderada pela APIB em parceria com várias organizações da sociedade civil e partidos políticos, é um marco histórico para os Povos Indígenas do Brasil e todos os brasileiros – uma conquista inédita para garantir a proteção dos povos originários, assim como para estabelecer a real importância indígena na construção de um país mais justo” (ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL; AMAZON WATCH, 2020, p. 4).

próprias formas do mal chamado “desenvolvimento”, o Sumaq Kawsay/Sumaq Qa-maña. Nosso Bem Viver como alternativa legítima de bem-estar em equilíbrio com a natureza e espiritualidade está longe da IIRSA, que nos quer converter em territórios “de trânsito” de mercadorias, buracos da mineração e rios poluídos de petróleo (Resolución de Pueblos Indígenas sobre el IIRSA, CAOÍ – Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas, La Paz, 19/01/08) (HECK; SILVA; FEITOSA, 2012, p. 25).

Esta visão de mundo fundamenta a concepção de “Bem Viver”: “Buen Vivir”, em espanhol, “Sumak Kawsai” em Quéchua; “Suma Qa-maña” em Aymara; “Kvme Felen”, em Mapuche, “Tekó Porã”, em Guaraní. De modo geral, significa “a boa maneira de ser e viver”, ou seja, viver em aprendizado e convivência com a natureza. Esta sabedoria, presente em todas as culturas ameríndias, nos leva a compreender que a relação entre todos os seres do planeta tem que ser encarada como uma relação social, entre sujeitos, em que cultura e natureza se fundem em humanidade.

A visão dos povos ancestrais indígenas irradia e afeta o meio ambiente global, promovendo um paradigma, um dos mais antigos: o “paradigma comunitário da cultura da vida para viver bem”, baseado em um modo de viver refletido em uma prática cotidiana de respeito, harmonia e equilíbrio com tudo o que existe, entendendo que tudo na vida está interligado, é interdependente e está inter-relacionado (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 11, tradução nossa ¹⁴).

A maioria das culturas originárias brasileiras também entendem a Terra como Mãe. A Mãe protege e promove a vida mediante dádiva e reciprocidade. A natureza torna a vida humana possível. Por reciprocidade, os seres humanos são convidados a cuidar e proteger a natureza.

Há um Bem Viver quando existe harmonia com a natureza e com os membros da comunidade, quando existe alimentação suficiente, saúde e tranquilidade, quando a “divina abundância” permite a economia da reciprocidade, o “jopói”, isto é, “mãos abertas” de um para o outro (MELIÀ, 2013, p. 194).

Este modo de Bem Viver em harmonia em sociedade e com a natureza encontra-se, de modos diferenciados, em vários povos e culturas ancestrais.

O povo Mapuche, na Patagônia, define seu sistema de vida enfatizando a conexão da soberania do território com o equilíbrio da relação entre os seres humanos:

KVME FELEN é o sistema de vida do Povo Mapuche, o que significa estar em equilíbrio consigo mesmo e com outros. NEWEN, por ser parte do WAJ MAPU. O KVME FELEN significa viver em harmonia com o IXOFIJ MOGEN, retomando o AZ MAPU, os princípios ancestrais mapuche de ordem circular, holística e natural; retomando a consciência de que a pessoa é um NEWEN mais em IXOFIJ

¹⁴ “(...) desde la visión de los pueblos ancestrales indígenas-originarios, irradia y repercute en el entorno mundial, promoviendo un paradigma, uno de los más antiguos: el “paradigma comunitario de la cultura de la vida para vivir bien”, sustentado en una forma de vivir reflejada en una práctica cotidiana de respeto, armonía y equilibrio con todo lo que existe, comprendiendo que en la vida todo está interconectado, es interdependiente y está interrelacionado” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 11).

MOGEN, nunca superior a ninguém, apenas com um papel diferente. Daí a **importância e a centralidade do território para a nossa identidade e visão de mundo**; nele se encontra a nossa origem, o nosso ser e a partir dele é que exercemos o nosso governo através do AZ MAPU, como um todo ordenado. Queremos Viver Bem, desde o que fomos ancestralmente e do que hoje consideramos necessário para o nosso povo. Isso significa que o KVME FELEN implica tanto em recuperar e fortalecer nosso KIMVN, RAKIZUAM, PIAM, WEWPIN, VLKANTUN, MAPUZUGUN e IXOFIJ MOGEN (CONFEDERACIÓN MAPUCE DE NEUQUÉN, 2010, p. 12, tradução e grifos nossos¹⁵).

Nesta perspectiva holística, os povos originários andinos reconhecem a importância basilar da Terra, da Natureza, com ser vivo e pessoa, gerador da vida e das culturas humanas. Conforme disseram em 1971 os dirigentes indígenas no Congreso de la Asociación Nacional de Usuarios Campesinos - ANUC, Colômbia, “A terra é uma pessoa, é a nossa Mãe que nos protege e nos dá as alegrias na arte, na música, nos rituais e nas tristezas que a vida nos causa” (GREEN STOCEL, 2006, p. 131-141, tradução nossa¹⁶).

Estes traços de cosmovisões de povos ancestrais da Ameríndia apresentam indícios de princípios epistemológicos semelhantes em povos originários de outros continentes, como entre os povos aborígenes australianos, que também foram historicamente submetidos a diferentes processos de colonização.

Com efeito, Irene Watson, autora pertencente aos povos Tanganekald e Meintangk, aborígenes do sul da Austrália, explica como a busca de escrever sobre sua história e seu contexto lhe permitiu escapar do molde colonial que havia transformado completamente a vida de seu povo. “Nós vivemos e assumimos nossa voz, na luta por decolonizar o projeto colonial” (WATSON, 2015, p. 23, tradução nossa¹⁷). Os povos indígenas veem e vivem a terra como um ser relacional, sustentado em relações de reciprocidade e responsabilidade. “Nós vivemos como parte integrante do mundo natural; somos o mundo natural. O mundo natural é nós. Não

¹⁵ “KVME FELEN es el sistema de vida del Pueblo Mapuce, que significa **estar en equilibrio con uno mismo y con los demás** NEWEN, por ser parte del WAJ MAPU. El KVME FELEN es vivir en armonía desde el IXOFIJ MOGEN, **retomando el AZ MAPU, los principios ancestrales mapuce de ordenamiento circular, holístico y natural**; retomando la consciencia de que la persona es un NEWEN más en el IXOFIJ MOGEN, nunca superior a ninguno, sólo con un rol diferente. De ahí la **importancia y centralidad del territorio para nuestra identidad y cosmovisión**; en él radica nuestro origen, nuestro ser y desde él es que ejercemos nuestro gobierno a través del AZ MAPU, como un todo ordenado. Queremos Vivir Bien, desde lo que fuimos ancestralmente y desde lo que hoy consideramos necesario para nuestro pueblo. Esto significa que el KVME FELEN implica tanto recuperar como fortalecer nuestros KIMVN, RAKIZUAM, PIAM, WEWPIN, VLKANTUN, MAPUZUGUN e IXOFIJ MOGEN” (CONFEDERACIÓN MAPUCE DE NEUQUÉN, 2010, p. 12, grifos nossos).

¹⁶ “La tierra es persona, es nuestra Mamá que nos protege y nos da las alegrías en la arte, en la música, en los rituales y en las tristezas que nos ocasiona la vida” (GREEN STOCEL, 2006, p. 131-141).

¹⁷ “We live and have a voice, which is working to decolonize the colonial project” (WATSON, 2015, p. 23).

tomamos do ambiente mais do que é necessário para sustentar a vida; nós nutrimos a natureza tal como a nós mesmos” (WATSON, 2015, p. 15, tradução nossa¹⁸). Essa visão da terra, essa noção de uma unidade existencial que as pessoas compartilham com todos os elementos naturais é uma filosofia relacional que encontramos entre muitos povos indígenas do mundo, como as cosmovisões do Bem Viver dos povos de Abya Yala.

Watson indica alguns fundamentos de saberes indígenas – “obrigações de reciclar a terra, equilíbrio e renovação, pensamento lateral, consenso, reciprocidade, justiça, harmonia, relação, tempo eterno” (WATSON, 2015, p. 14, tradução nossa¹⁹) – bem diferente da cosmovisão europeia, fundada na “propriedade da terra, progresso, acumulação, controle, pensamento linear, patriarcado hierárquico, troca unidirecional, punição contraditória, binarismo, tempo linear ou mecânico” (WATSON, 2015, p. 14, tradução nossa²⁰).

As visões de mundo indígenas implicam em um modo de vida sustentável. “Os conhecimentos indígenas, ao contrário dos europeus, implicam em obrigações e responsabilidades, como as obrigações de cuidado que vinculam o governar no presente à vida das gerações futuras” (WATSON, 2015, p. 14, tradução nossa²¹).

Em suma, para além da concepção moderna eurodescendente de oposição binária entre natureza e sociedade, o Bem Viver – cultivado por povos da Abya Yala, assim como por povos originários de outros continentes – promove a relação milenar entre mundos biofísicos, humanos e espirituais que dá sustentação aos sistemas integrais de vida dos povos ancestrais. Revalorizar esta relação holística, tecida mediante práticas comunitárias dialógicas integradas com o mundo natural é a condição que torna possível desconstruir a matriz racista e especista constitutiva das relações de poder colonial. Implica, de modo particular, reconfigurar as relações jurídico-políticas do Estado, para além da imposição do nacionalismo monocultural. Implica em viabilizar a convivência intercultural, valorizando as diferenças como potencializadoras de relações sociais críticas e criativas entre os diferentes sujeitos sociais e

¹⁸ “We live as a part of the natural world; we are in the natural world. The natural world is us. We take no more from the environment than is necessary to sustain life; we nurture ruwe as we do ourself” (WATSON, 2015, p. 15).

¹⁹ “obligations to renew land, balance and renewal, lateral thinking, consensus, reciprocity, justice, harmony, relationships, eternal time” (WATSON, 2015, p. 14).

²⁰ “land ownership, progress, accumulation, control, linear thinking, hierarchical patriarchy, one-way exchange, adversarial punishment, binaries, linear or machine time” (WATSON, 2015, p. 14).

²¹ “Indigenous knowledges, unlike those of Europe, carry obligations and responsibilities, such as custodial obligations to ruwe that bind future generations” (WATSON, 2015, p. 14).

entre seus respectivos contextos culturais. Neste sentido é que países como a Bolívia, o Equador e, recentemente, o Chile, impulsionados pelas lutas dos povos ancestrais, vêm incorporando em sua organização política de Estado os princípios do Bem Viver dos direitos da “Mãe Terra”.

Esta transformação política requer mudanças na própria matriz moderno/colonial de saber. Reconhecer a singularidade e relatividade das culturas e das ciências eurodescendentes, desconstruindo o mito de sua universalidade, é a condição para se reconhecer as racionalidades epistêmicas desenvolvidas historicamente por comunidades ancestrais e por movimentos populares, de modo a com eles estabelecer diálogo crítico e interação mutuamente enriquecedores.

1.5. BEM VIVER: VIVER EM PLENITUDE

Bem Viver para os povos indígenas, e suas variações nominais de acordo com a cosmologia/cosmovisão/cosmogonia de cada um, é expressão de filosofias de vida em construção que pretendem promover a decolonialidade do ser, do poder e do saber de forma coletiva (TURINO, 2016).

O Bem Viver se refere à inteira comunidade de todos os seres que compõem o cosmos e não apenas aos seres humanos. “Não se trata do bem comum tradicional reduzido ou limitado apenas ao ser humano, engloba tudo o que existe, preserva o equilíbrio e a harmonia entre tudo o que existe” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 50, tradução nossa²²). Em síntese, “**Viver** bem é vida **em plenitude**. Saber viver em harmonia e equilíbrio; em harmonia com os ciclos da Mãe Terra, do cosmos, da vida e da história, e em equilíbrio com todas as formas de existência em respeito permanente” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 50, tradução e grifo nossos²³).

Luis Macas, equatoriano, indígena Kichwa Saraguro, afirma que os modos de vida das nações originárias na América Andina têm por base o conceito de Sumak Kawsay:

Sumak significa plenitude, grandeza, o justo, completamente, o superior. *Kawsay* é a vida em realização permanente, dinâmica e mutante; é a interação da totalidade da

²² “No se trata del tradicional bien común reducido o limitado sólo a los humanos, abarca todo cuanto existe, preserva el equilibrio y la armonía entre de todo lo que existe” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 50).

²³ “Vivir bien es la vida en plenitud. Saber vivir en armonía y equilibrio; en armonía con los ciclos de la Madre Tierra, del cosmos, de la vida y de la historia, y en equilibrio con toda forma de existencia en permanente respeto” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 50).

existência em movimento; vida entendida do ponto de vista integral. É a essência de todo ser vital. Portanto, *Kawsay* é ser (MACAS, 2014, p. 184, tradução nossa²⁴).

Macas esclarece que a tradução da expressão kichwa *Sumak Kawsay* para o espanhol, *Buen Vivir*, não corresponde à concepção original, pois “[...] *Buen Vivir* na língua Kichwa original significa *Alli Kawsay*, que se relaciona com o bom, com o desejável, com a conformidade. Portanto, *Alli Kawsay* não tem o mesmo significado que *Sumak Kawsay*” (MACAS, 2014, p. 184, tradução nossa²⁵). Para o autor, o conceito de *Sumak Kawsay* expressa uma filosofia de vida inerente a um sistema de vida comunitário, enquanto o conceito de *Buen Vivir* corresponderia a uma visão ocidental cujo objetivo seria melhorar o sistema vigente, estruturado com base no individualismo e na competição.

Maldonado (2014), também equatoriano indígena Kichwa Otavalo, assim como Macas (2014), chama a atenção de que “[...] o risco consiste em adotar um termo, uma categoria formulada por povos indígenas, atribuindo-lhe significados estranhos às suas culturas originárias, para usá-lo de modo funcional ao sistema. Esvaziá-lo de conteúdo para preenchê-lo com um conteúdo estranho e funcional ao sistema” (MALDONADO, 2014, p. 198, tradução nossa²⁶). É com este cuidado que utilizamos aqui o conceito de Bem Viver.

Fernando Huanacuni Mamani enfatiza que o “Viver Bem” só pode ser concebido em comunidade. Deste modo “[...] irrompe para contradizer a lógica capitalista, seu individualismo inerente, a monetarização da vida em todas as suas esferas, a desnaturalização do ser humano e a visão da natureza como um recurso que pode ser explorado, uma coisa sem vida, um objeto a ser usado” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 51, tradução nossa²⁷).

[...] A cosmovisão indígena, que considera a natureza como um todo, que engloba o material, o espiritual e o humano (...) tem uma série de princípios que partem da ideia de que é preciso: cuidar e respeitar o conjunto de seres vivos que coexistem no ecossistema; conservar e promover a terra; proteger os produtos para consumo humano, para melhorar o padrão de vida da família e da comunidade; proteger os recursos não renováveis; incentivar a comunidade a cuidar do próprio meio ambiente;

²⁴ “*Sumak* significa plenitud, grandeza, lo justo, completamente, lo superior. *Kawsay* es vida en realización permanente, dinámica y cambiante; es la interacción de la totalidad de existencia en movimiento; la vida entendida desde lo integral. Es la esencia de todo ser vital. Por tanto, *Kawsay* es estar siendo” (MACAS, 2014, p. 184).

²⁵ “[...] *Buen Vivir* en la lengua original kichwa significa *Alli Kawsay*, que hace relación a lo bueno, a lo deseable, a la conformidad. Por lo tanto, *Alli Kawsay* no guarda el mismo significado que el *Sumak Kawsay*” (MACAS, 2014, p. 184).

²⁶ “[...] el riesgo consiste en que se adopte un término, una categoría de los pueblos indígenas y se lo vacíe de contenido para llenarlo de un contenido extraño que sea funcional al sistema (MALDONADO, 2014, p. 198).

²⁷ “[...] irrumpe para contradecir la lógica capitalista, su individualismo inherente, la monetarización de la vida en todas sus esferas, la desnaturalización del ser humano y la visión de la naturaleza como un recurso que puede ser explotado, una cosa sin vida, un objeto a ser utilizado” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 51).

socializar na organização e na comunidade sobre a conservação do meio ambiente como garantia de uma vida digna para as gerações atuais e futuras (TIBÁN, 2000). (HIDALGO-CAPITÁN; ARIAS; ÁVILA, 2014, p. 49, tradução nossa²⁸).

Acosta (2016, p. 24) afirma que, “O Bem Viver é, essencialmente, um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza”. Viver em harmonia não admite tratar a natureza como mero recurso para satisfazer os atuais padrões de consumo. Pelo contrário, decorre de modos de vida baseados na “[...] comunhão entre a natureza e o ser humano, e seu modo de conceber e construir a vida a partir da complementaridade, da relacionalidade e da solidariedade como ética de coexistência e convivência” (WALSH, 2009, p. 214, tradução nossa²⁹).

A literatura sobre o Bem Viver (WALDMÜLLER, 2014; BENTO, 2018, p. 99-111) apresenta de forma mais ou menos ampla seus princípios³⁰. Vários autores discutem o tema. Acosta (2016, p. 33) indica resumidamente os princípios de “[...] reciprocidade, relacionalidade, complementaridade e solidariedade entre indivíduos e comunidades [...]” como bases do Bem Viver “[...] para formular visões alternativas de vida”. Walsh (2009, p. 217) também descreveu a relacionalidade, a correspondência, a complementaridade e a reciprocidade como princípios do Bem Viver. E Macas (2014), por sua vez, traz os mesmos quatro princípios, porém denomina integralidade o que Walsh (2009) apresenta como correspondência.

O princípio da relacionalidade refere-se à interdependência entre todos os elementos da realidade social, natural e sobrenatural, interconectados de forma a se complementar e

²⁸ “[...] la cosmovisión indígena, que considera a la naturaleza como un todo, que abarca lo material, lo espiritual y humano (...) tiene una serie de principios que parten de la idea de que se debe: cuidar y respetar al conjunto de seres vivientes que coexisten en el ecosistema; conservar y fomentar la tierra; proteger los productos de consumo humano, para mejorar el nivel de vida de la familia y de la comunidad; proteger los recursos no renovables; incentivar a la comunidad para que cuide su propio ambiente; socializar a nivel de la organización y las comunidades acerca de la conservación del entorno como garantía de una vida digna tanto para las actuales generaciones como para las futuras (TIBÁN, 2000)”. (HIDALGO-CAPITÁN; ARIAS; ÁVILA, 2014, p. 49).

²⁹ “[...] la comunión entre la naturaleza y los seres humanos, y su manera de concebir y construir la vida a partir de la complementariedad, la relacionalidad y la solidaridad como ética de coexistencia y de con-vivir” (WALSH, 2009, p. 214).

³⁰ Na Constituição do Equador (2008), que assume o “Buen Vivir” como objetivo central das políticas públicas, os princípios descritos no Título VII, Artigo 340, são a universalidade, igualdade, equidade, progressividade, interculturalidade, solidariedade e não discriminação (ECUADOR, 2008). Já na Constituição da Bolívia (2009), o “Vivir Bien” ou “Suma Qamaña”, estabelece princípios éticos e morais para uma sociedade plural, cujo Estado se sustenta nos valores de unidade, igualdade, inclusão, dignidade, liberdade, solidariedade, reciprocidade, respeito, complementariedade, harmonia, transparência, equilíbrio, igualdade de oportunidades, equidade social e de gênero na participação, bem-estar comum, responsabilidade, justiça social, distribuição e redistribuição dos produtos e bens sociais (BOLÍVIA, 2009).

autorregular (WALSH, 2009). “[...] A ideia de relacionalidade se estende a qualquer atividade – o que um indivíduo faz repercute em seu ambiente, seja ele humano, natural ou sobrenatural” (ALTMANN, 2016, p. 59, tradução nossa³¹). Desse princípio, derivam os demais.

[...] O princípio da relacionalidade expressa a substância do vínculo entre todos os componentes da realidade. Ele nos fala sobre a interrelação que existe entre uns e outros elementos que constituem um sistema. Nada está separado ou desligado do outro. A relacionalidade constitui todo um tecido; os elementos de uma realidade se entrelaçam mutuamente, a fim de possibilitar a totalidade, a integralidade, a vida (MACAS, 2014, p. 187-188, tradução nossa³²).

O segundo princípio se refere à correspondência ou à integralidade: a relação harmoniosa entre os componentes da realidade corresponde a uma matriz inerente ao conjunto de todos os seres existentes. “[...] Não é possível que os elementos da existência se desenvolvam isoladamente, mas sim, a partir de uma matriz integral, dentro do conjunto dessa totalidade” (MACAS, 2014, p. 187, tradução nossa³³). A relação de correspondência existe desde e entre os vários níveis de relação possíveis. Assim, na visão indígena andina:

Entre o micro e o macrocosmo, entre o grande e o pequeno existe uma relação de correspondência. A ordem cósmica dos corpos celestes, das estações, da circulação da água, dos fenômenos climáticos e até do divino tem sua correspondência (ou seja, encontra uma resposta correlativa) no ser humano e em suas relações econômicas, sociais e culturais (MALDONADO, p. 204, tradução nossa³⁴).

A complementaridade, terceiro princípio do Bem Viver, indica a lógica de realização dos dois primeiros. De acordo com este princípio, as dualidades (em que a lógica ocidental enfatiza apenas a relação de oposição e de mútua exclusão), na filosofia indígena andina, são entendidas como relações entre elementos que, ao se diferenciarem, são mutuamente complementares e essenciais para que a vida se realize. Assim, cada elemento ou dimensão do sistema-cosmos, bem como os outros dos quais se diferenciam e se excluem, são forças necessárias que convivem, se relacionam e devem se manter equilibradas. Entende-se que tudo

³¹ “[...] La idea de la relacionalidad se extiende a cualquier actividad – lo que un individuo hace, tiene repercusiones en su entorno, sea este humano, natural o sobrenatural” (ALTMANN, 2016, p. 59).

³² “[...] el principio de relacionalidad, expresa lo sustancial del vínculo entre todos los componentes de la realidad. Nos habla de la interrelación que existe entre unos y otros elementos que constituyen un sistema. Nada está desarticulado o desligado de lo otro. La relacionalidad constituye todo un tejido; los elementos de una realidad se entrelazan mutuamente entre sí, en función de posibilitar la totalidad, la integralidad, la vida” (MACAS, 2014, p. 187-188).

³³ “[...] Los elementos de la existencia no es posible que se desarrollen por separado, sino, desde una matriz integral, dentro del conjunto de esa totalidad” (MACAS, 2014, p. 187).

³⁴ “Entre el micro y el macrocosmos, entre lo grande y lo pequeño existe una relación de correspondencia. El orden cósmico de los cuerpos celestes, las estaciones, la circulación del agua, los fenómenos climáticos y hasta lo divino tiene su correspondencia (es decir, encuentra respuesta correlativa) en el ser humano y sus relaciones económicas, sociales y culturales” (MALDONADO, 2014, p. 204).

o que existe possui energias negativas e positivas, que desagregam e que agregam, sejam animais, plantas ou seres humanos. A continuidade da vida depende que elas se complementem. Ou seja, “cada entidade e cada evento tem um complemento como contraparte, como condição necessária para ser completo e poder existir e agir. Os diferentes se complementam” (MALDONADO, 2014, p. 204, tradução nossa³⁵).

É a constituição de dois elementos componentes em um, a concepção do mundo da dualidade complementar. Isso expressa o essencial do complemento, o ajuste entre um e outro para dar validade a um elemento da realidade. Como nada é incompleto, tudo é integralidade, relacionalidade e complementaridade; da sua complexidade e da dinâmica dos princípios geram-se harmonia e equilíbrio (MACAS, 2014, p. 187, tradução nossa³⁶).

Assim, o mal, a doença, a morte são entendidas como desequilíbrios na interação entre os diferentes seres e entre seus respectivos contextos. São “passagens” fluidas de um padrão relacional para outro, na busca de reequilíbrio e vitalidade. Não são propriedades fixas inerentes aos elementos isolados. A potencialização da complementaridade entre os seres é o que permite estabelecer o fluido equilíbrio vital, em harmonia e correspondência com o cosmos.

Por fim, o quarto princípio, o da reciprocidade, estabelece que a cada ação corresponde uma reação, tanto na relação entre os seres humanos, como na relação destes com o universo (WALSH, 2009). Trata-se de uma prática social e econômica de organização da vida comunitária pautada em relações solidárias e de assistência mútua (MACAS, 2014). A prática da reciprocidade é fundamental e sustenta a organização comunitária de povos indígenas andinos exigindo que “cada ato humano ou divino deve corresponder, como finalidade integral, a um ato equivalente recíproco e complementar entre sujeitos. Dar para receber é uma obrigação social e ética” (MALDONADO, 2014, p. 204, tradução nossa³⁷).

Com base neste princípio, as comunidades indígenas andinas controlam o excedente, evitando o acúmulo e praticando a redistribuição.

A reciprocidade é uma prática de prestígio social, de abundância econômica, de legitimidade política e de força espiritual. Por meio da reciprocidade, os excedentes

³⁵ “cada ente y cada acontecimiento tienen como contraparte un complemento, como condición necesaria para ser completo y ser capaz de existir y actuar. Los diversos se complementan” (MALDONADO, 2014, p. 204).

³⁶ “Es la constitución de dos elementos componentes en uno, la concepción del mundo de la dualidad complementaria. Esto expresa lo indispensable del complemento, el ajuste entre unos y otros para dar validez a un elemento de la realidad. Por cuanto nada es incompleto, todo es integralidad, relacionalidad y complementariedad; desde su complejidad y desde la dinámica de los principios, se genera la armonía y el equilibrio” (MACAS, 2014, p. 187).

³⁷ “a cada acto humano o divino se debe corresponder, como finalidad integral, con un acto recíproco y complementario equivalente entre sujetos. Dar para recibir es una obligación social y ética” (MALDONADO, 2014, p. 204).

são redistribuídos e o equilíbrio social e econômico é alcançado. O cultivo de relações recíprocas, *ayni* ou *randi randi*³⁸, constrói a comunidade e suas relações de poder coletivas (MALDONADO, 2014, p. 200, tradução nossa³⁹).

Em suma, as cosmovisões de povos originários ancestrais nos ensinam a Bem Viver, ou seja, a viver e conviver em plenitude, de forma a promover relações e contextos de harmonia, potencializando relações integrais, correspondentes aos princípios cosmológicos, mediante a ativação da complementaridade e reciprocidade entre todos os seres vivos – sejam humanos, naturais e espirituais.

O Bem Viver sustentado pelos povos originários difere radicalmente da perspectiva do “viver melhor” construída pelas culturas moderno/coloniais.

“[...] na lógica do Ocidente, a humanidade está imersa em viver melhor. Esse modo de vida implica ganhar mais dinheiro, ter mais poder, mais fama ... do que o outro. O viver melhor significa o progresso ilimitado, o consumo inconsciente; estimula a acumulação material e induz a competição. [...] A visão do viver melhor gerou uma sociedade desigual, desequilibrada, predatória, consumista, individualista, dessensibilizada, antropocêntrica e antinatural [...].

Na visão de viver bem, a preocupação central não é acumular. O estar em permanente harmonia com tudo nos convida a não consumir mais do que o ecossistema pode suportar, a evitar a produção de resíduos que não podemos absorver com segurança. E nos incentiva a reutilizar e reciclar tudo o que usamos. Neste tempo de busca de novos caminhos para a humanidade, a ideia do Bem Viver tem muito a nos ensinar (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 50-51, tradução nossa⁴⁰).

Assim, nos perguntamos: o que estamos aprendendo com os povos originários para viver e conviver bem. E que implicações os princípios do “Viver em Plenitude” trazem para os próprios processos educacionais?

³⁸ Em Kichwa, *randi randi* está ligado ao indivíduo, ao apoio pessoal e *ayni* ao trabalho coletivo da comunidade em benefício da própria comunidade (MALDONADO, 2014).

³⁹ “La reciprocidad es una práctica de prestigiamiento social, de abundancia económica, de legitimidad política y de fortaleza espiritual. A través de ella se redistribuyen los excedentes y se logra un equilibrio social y económico. El cultivo de las relaciones de reciprocidad, *ayni* o *randi randi*, construyen la comunidad y sus relaciones de poder colectivas” (MALDONADO, 2014, p. 200).

⁴⁰ “[...] bajo la lógica de occidente, la humanidad está sumida en el vivir mejor. Esta forma de vivir implica ganar más dinero, tener más poder, más fama... que el otro. El vivir mejor significa el progreso ilimitado, el consumo inconsciente; incita a la acumulación material e induce a la competencia. [...] La visión del vivir mejor ha generado una sociedad desigual, desequilibrada, depredadora, consumista, individualista, insensibilizada, antropocéntrica y antinatura [...]. En la visión del vivir bien, la preocupación central no es acumular. El estar en permanente armonía con todo nos invita a no consumir más de lo que el ecosistema puede soportar, a evitar la producción de residuos que no podemos absorber con seguridad. Y nos incita a reutilizar y reciclar todo lo que hemos usado. En esta época de búsqueda de nuevos caminos para la humanidad, la idea del buen vivir tiene mucho que enseñarnos (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 50-51).

1.6. EDUCAR NO BEM VIVER: CONVIVER EM PLENITUDE

A cosmovisão do Bem Viver entende que tudo faz parte da comunidade, formada não apenas por seres humanos, mas por todos os seres que constituem o cosmos. Assim, os processos de aprendizagem não acontecem de modo isolado dos contextos humanos, ecológicos e espirituais, pois na natureza tudo está conectado, a vida de um é complementar à vida de outros. Na educação comunitária se deve ensinar, compreender e respeitar as leis do cosmos.

Os povos originários questionam radicalmente a visão individualista e antropocêntrica da educação ocidental.

A educação que questionamos foi forjada sob a visão ocidental, totalmente individualista; visa simplesmente a educação do indivíduo. É uma educação antropocêntrica. Nesta perspectiva, a premissa aquela cristã ocidental, de que o ser humano é “rei da criação”, se conclui que tudo o mais é inferior aos seres humanos e estes podem usar e abusar de tudo o que não é humano. Esse tipo de educação visa apenas a gerar mão de obra e estimular a competição entre os estudantes (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 65, tradução nossa⁴¹).

Para se reconstituir o Bem Viver é fundamental que se restabeleça a educação comunitária.

A educação comunitária é baseada em uma abordagem e princípio comunitários, ela não implica apenas uma mudança de conteúdo teórico. Isso significa deixar a lógica individual antropocêntrica para entrar na lógica natural comunitária; passar do ensino e avaliação individuais para a educação e a avaliação comunitárias; passar do processo de desintegração do ser humano com a natureza para a consciência integrada com a natureza; superar o ensino voltado para a obtenção apenas de força de trabalho, desenvolvendo a educação que nos permita expressar nossas capacidades naturais; ir além da teoria racional voltada para o mero entendimento, para a prática educacional que nos permita compreender com sabedoria; superar o ensino que estimula o espírito de competição para um ensino-aprendizagem que nos forme na relação de complementaridade e reciprocidade, para que todos vivamos bem e plenamente (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 65, tradução nossa⁴²).

⁴¹ “La educación que estamos cuestionando se ha forjado bajo la visión occidental, totalmente individualista; está dirigida simplemente a la educación del individuo. Es una educación antropocéntrica, gracias a la premisa de esa enseñanza occidental cristiana en la que el ser humano es “rey de la creación” y todo lo demás es inferior a él y puede usar y abusar de todo lo que no es humano. Esta educación pretende únicamente generar fuerza de trabajo y fomenta la competencia entre los alumnos” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 65).

⁴² “La educación comunitaria está basada en un enfoque y principio comunitarios, no implica solamente un cambio de contenidos. Esto significa salir de la lógica individual antropocéntrica para entrar a una lógica natural comunitaria; salir de una enseñanza y evaluación individuales a una enseñanza y valoración comunitarias; salir del proceso de desintegración del ser humano con la naturaleza a la conciencia integrada con la naturaleza; salir de una enseñanza orientada a obtener sólo fuerza de trabajo a una enseñanza que permita expresar nuestras capacidades naturales; salir de la teoría dirigida a la razón para sólo entender, a una enseñanza práctica para comprender con sabiduría; salir de una enseñanza que alienta el espíritu de competencia a una enseñanza-aprendizaje complementaria para que todos vivamos bien y en plenitud” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 65).

Fernando Huanacuni Mamani (2010, p. 65-70) explicita algumas características da educação comunitária para o Bem Viver. O autor enfatiza que todos participam da condução do processo educativo, que é permanente, circular, cíclico, natural, produtivo e intercultural.

“A educação é de todos”, na medida em que todos os atores diretamente envolvidos na prática educativa assumem decisões e responsabilidades, bem como toda a comunidade intervém na condução do processo educacional. Neste sentido, a avaliação é comunitária. “Toda a comunidade assume a responsabilidade de educar direta e indiretamente e, reciprocamente, cada estudante assume a própria responsabilidade por manter o equilíbrio do Bem Viver de sua comunidade” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 67, tradução nossa⁴³). Deste modo, a educação comunitária “vai devolver a nossa sensibilidade para com o ser humano e para com a vida, assim como a responsabilidade por tudo que nos rodeia” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 66, tradução nossa⁴⁴).

A educação é permanente, porque se constrói durante toda a vida, para além dos contextos escolares; permanentemente vamos aprendendo e ensinando.

A educação é circular, pois se aprende ensinando e se ensina aprendendo: “a criança também ensina seus professores; ensina-lhes a sua alegria, a sua inocência, a sua atuação sem medo, sem estruturas, uma educação de ida e volta, onde acima de tudo partilhamos a vida” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 66, tradução nossa⁴⁵).

A educação é cíclica “porque cada um dos participantes vai assumir, em determinado momento, todas as funções que são rotativamente exigidas” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 66, tradução nossa⁴⁶). Assim, as crianças e os jovens podem exercitar todas as suas capacidades naturais e, ao mesmo tempo, valorizar o trabalho que os outros realizam.

A metodologia natural permite construir uma relação de equilíbrio e harmonia com o mundo e com a natureza.

Passar do individualista ao comunitário significa restaurar a nossa sensibilidade e a percepção da vida, principalmente pelo afeto, e não só pela percepção no nível

⁴³ “Toda la comunidad asume la responsabilidad de educar directa e indirectamente y el equilibrio de esta comunidad para vivir bien será también responsabilidad de cada educando” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 67).

⁴⁴ “nos devolverá la sensibilidad con los seres humanos y la vida y la responsabilidad respecto a todo lo que nos rodea” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 66).

⁴⁵ “el niño también le enseña al maestro; le enseña su alegría, su inocencia, su actuar sin temor, sin estructuras, una educación de ida y de vuelta, donde ante todo, compartimos la vida” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 66).

⁴⁶ “porque todos y cada uno de los participantes asumirán en un momento dado todos los roles que se requieran de manera rotativa” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 66).

humano, mas também por todo o multiverso que nos rodeia, no qual a relação já não deveria ser de sujeito a objeto, mas de sujeito a sujeito, pois os animais, as plantas, a montanha, o rio, a pedra, a casinha ... têm energia, portanto vida, e fazem parte do equilíbrio da comunidade (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 67, tradução nossa⁴⁷).

A educação comunitária é produtiva, na medida em que está ligada à vida cotidiana, em equilíbrio e harmonia com os ciclos da vida, com a Mãe Terra, o Cosmos.

A produtividade está relacionada à complementação. Então, ao compreender e praticar valores como *ayni* (reciprocidade e complementação), por exemplo, voltamos à nossa própria natureza de sermos produtivos. O fruto é produto da convergência de muitas forças e energias, não apenas da ação mecânica da semente. Para que a semente se torne fruto, muitos seres contribuíram com sua força: o Pai Sol, a Mãe Lua, o Pai Chuva, a Mãe Terra, a Mãe Água, as minhocas, o vento, etc. Portanto, vamos recuperar nossa produtividade quando reconquistarmos a ação comunitária complementar (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 69, grifo do autor, tradução nossa⁴⁸).

Assim, cada pessoa pode expressar e aprimorar suas capacidades naturais.

A natureza deu a cada um capacidades como a voz, o canto, habilidades manuais, habilidades de expressar detalhes, de iniciar, de concluir, de raciocinar de forma abstrata ou concreta, de encorajar, de curar, de expressar energia forte ou fraca, de paciência, de dinamismo, de criar, de dançar, de cuidar, capacidade emocional, habilidade nos pés, habilidade de descrever, ouvir e muitos outros. Essas capacidades são naturais, fluem como o rio, o ser humano não precisa se esforçar muito para expressar o que a natureza lhe deu (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 69, tradução nossa⁴⁹).

Entretanto, o desenvolvimento das capacidades naturais pessoais só se promove em contextos de interação e diálogo, de complementação recíproca com os outros e com a natureza.

A educação comunitária deve gerar espaços primeiro para cada um descobrir a si mesmo e as próprias capacidades e depois ampliar seu potencial natural. Isso não significa isolar capacidades, mas sim gerar espaços complementares com outras capacidades. A vida floresce quando há diálogo, quando há complementação, quando

⁴⁷ “Pasar de lo individualista a lo comunitario significa devolvemos la sensibilidad y la percepción de la vida, a través del afecto principalmente, y no solo de la percepción a nivel humano, sino de todo ese multiverso que nos rodea, en el que la relación ya no tendría que ser de sujeto a objeto, sino de sujeto a sujeto, pues animales, plantas, la montaña, el río, la piedra, la casita... tienen energía, por lo tanto vida y forman parte del equilibrio de la comunidad (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 67).

⁴⁸ “La productividad está relacionada con la complementación, entonces al comprender y practicar valores como el *ayni* (de reciprocidad y complementariedad), por ejemplo, nos devolvemos nuestra propia naturaleza de ser productivos. El fruto es producto de la convergencia de muchas fuerzas y energías, no solo de la acción mecánica de sembrar; para que la semilla se convierta en fruto, muchos seres aportaron con sus fuerzas: el Padre Sol, la Madre Luna, el Padre Lluvia, la Madre Tierra, la Madre Agua, los gusanitos, el viento, etc. Entonces, nosotros recuperaremos nuestra productividad cuando recuperemos la acción comunitaria complementaria” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 69).

⁴⁹ “La naturaleza ha otorgado a cada uno capacidades como la voz, el canto, la habilidad en las manos, capacidad de expresar detalles, capacidad de iniciar, de concluir, de razonar de manera abstracta, de manera concreta, de alentar, de curar, de expresar energía fuerte, energía débil, de paciencia, dinamicidad, de crear, de bailar, de cuidar, capacidad emotiva, habilidad en los pies, capacidad de describir, de escuchar y muchas otras. Estas capacidades son naturales, fluyen como el río, el ser humano no tiene que hacer mucho esfuerzo para expresar lo que la naturaleza le dio” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 69).

há reciprocidade, quando há deliberação (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 70, tradução nossa⁵⁰).

Os povos indígenas propõem a educação intercultural “que permita o conhecimento da cultura ocidental e a valorização de sua própria cultura mediante o ensino das formas comunitárias de relação, das cerimônias e de sua própria visão de mundo” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 68, tradução nossa⁵¹). Mas que supere a dicotomia entre teoria e prática inerente à educação ocidental. “Na educação comunitária o processo é único, ensina-se e aprende-se ao mesmo tempo, porque as condições do professor são diferentes das condições da criança, que, ao participar da cerimônia ou da atividade em grupo, está vivendo esse pensar-fazendo e aprender-fazendo” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 68, tradução nossa⁵²).

Também a maioria dos povos indígenas brasileiros compartilham muitas dimensões do Bem Viver, bem como a visão educacional que enfatiza a autonomia pessoal, a participação comunitária e a relação integral com a natureza (FLEURI, 2009). Deste ponto de vista, questionam a educação colonial forjada pela modernidade europeia.

1.7. EDUCAR: GERAR VIDA EM PLENITUDE

Para Eliel Benites, pesquisador e educador Kaiowá-Guarani, o sistema escolar e catequético implantado pelos colonizadores desenvolve uma *educação de fora para dentro*. É o que Paulo Freire chama de invasão cultural implementada pela educação bancária. A educação bancária consiste como processo de transmissão de uma pessoa para outra, de um grupo sociocultural para outro, de uma visão de mundo tida em princípio como verdadeira e universal, de tal modo que o outro o absorva e o reproduza de forma alienante e subalternizante. Ao contrário do processo de *educação de fora para dentro* – afirma Eliel Benites – o povo Kaiowá-Guarani procura, hoje, desenvolver a *educação de dentro para fora*: “É como uma

⁵⁰ “La educación comunitaria tiene que generar espacios primero para descubrirse en su capacidad y luego para amplificar su capacidad natural. Esto no significa aislar las capacidades sino generar espacios complementarios con otras capacidades. La vida florece cuando hay diálogo, cuando hay complementación, cuando hay reciprocidad, cuando hay deliberación” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 70).

⁵¹ “que permita el conocimiento de la cultura occidental y la valoración de su propia cultura a través de la enseñanza de las formas de relación comunitarias, las ceremonias y la cosmovisión propia” (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 68).

⁵² “En la educación comunitaria el proceso es uno solo, se enseña y se aprende a la vez, porque las condiciones para el maestro son diferentes de las condiciones para el niño, que al participar en la ceremonia o en la actividad de grupo, está viviendo ese pensar-haciendo y aprender-haciendo” (HUANACUNI MAMANI I, 2010, p. 68).

fonte tapada que, ao ser desobstruída, jorra água em abundância. A água que jorra é a reflexão. A reflexão que se apresenta como a capacidade de se repensar o seu projeto e sua relação com o mundo a longo prazo” (Depoimento de Eliel Benites, apud FLEURI, 2009, p. 17).

Durante o desenvolvimento do sétimo episódio de nosso processo integrado de pesquisa (2018-2022), na busca de aprender com os povos originários do Sul a decolonizar a educação, trabalhamos com a hipótese de que as teorias de educadores, como Paulo Freire, incorporaram perspectivas epistemológicas das culturas dos povos ancestrais da América Latina, desenvolvendo-as à luz de referências culturais de teorias críticas ocidentais.

Assim, buscamos reconhecer os princípios do Bem Viver na metodologia didática dialógica freiriana. Com efeito, Paulo Freire propõe a prática educativa baseada na cooperação e reciprocidade entre educadores e educandos, favorecendo uma atmosfera de aceitação mútua, respeito, compreensão e comunicação entre diferentes sujeitos, na busca de compreensão e transformação dos contextos socioculturais e ambientais em que se constituem.

Por outro lado, desde o ponto de vista dos princípios do Bem Viver, cultivados pelas culturas ancestrais de Abya Yala, somos convidados a reconfigurar a pedagogia crítica freiriana.

O desafio que emergiu com muita potência é o de se complexificar as dimensões e os significados políticos das práticas educacionais. Com efeito, a educação entendida como processo dialógico de problematização e transformação das relações socioculturais desiguais e injustas, apresenta-se como um instrumento de luta política dos grupos sociais e étnicos subalternizados ou excluídos no processo de colonização e de globalização do sistema-mundo capitalista. Mas as lutas sociopolíticas conduzidas protagonisticamente pelos povos ancestrais radicalizam os projetos de transformação social e política para além dos limites do Estado-Nação e do antropocentrismo, criando perspectivas de organização política que sustentem as diferenças culturais e socioambientais, bem como os direitos da natureza.

Na perspectiva de relação de complementaridade, reciprocidade e de integração comunitária entre todos os seres que constituem a Mãe Terra, se constituem as dimensões da educação comunitária dos seres humanos para o Bem Viver, que é permanente, circular, cíclica, natural, produtiva e intercultural (HUANACUNI MAMANI, 2010, p. 65-70). Assim, as concepções educacionais das culturas ancestrais não se reduzem ao âmbito da educação escolar, nem mesmo à dimensão econômico-política das práticas de educação popular conduzidas por movimentos sociais que atuam prioritariamente dentro do quadro do Estado-Nação e da economia capitalista. Os princípios comunitários e integrais da educação conduzida por povos originários problematizam radicalmente as concepções de mundo e de educação

moderno/coloniais, ao assumir que as lutas cotidianas e coletivas por mudanças nos aparelhos estatais e econômicos hegemônicos adquirem significados radicais na medida em que promovam a convivência comunitária e sustentável de todos os seres humanos com todos os seres que constituem a Mãe Natureza.

Neste sentido, as metodologias educacionais são reconfiguradas. Por exemplo, na proposta pedagógica de Paulo Freire, os “círculos de cultura” apresentam-se como uma estratégia educacional para favorecer o diálogo na comunidade sobre as contradições que enfrentam em seu contexto social, de modo a promover a organização política para superá-las. Nesta direção, com as culturas indígenas, aprendemos que as lutas sociais e políticas não se restringem a mudanças no âmbito do sistema-mundo moderno/colonial, mas se busca reconstruir as relações sociais na perspectiva inter-transcultural (GAUTHIER, 2011; PADILHA, 2004).

Por conseguinte, o diálogo problematizador a partir dos “temas geradores” pode ultrapassar o enfoque econômico-político dos processos de opressão e dominação, questionando seus fundamentos epistêmicos moderno/coloniais.

Assim, para além de tematizar desafios da prática social para mobilizar lutas coletivas, os processos educacionais se tornam significativos na medida em que, enraizados nos princípios ancestrais de vida em comunidade e em harmonia com a natureza, mobilizem as pessoas e as comunidades a “gerar vida em plenitude”.

Mediante o diálogo crítico entre as culturas ancestrais, não apenas as pessoas “se educam em comunhão, mediatizadas pelo mundo” (FREIRE, 1975, p. 79) mas também os povos e suas culturas se transformam, se educam, mediante as relações entre as pessoas e com todos os seres naturais, ancestrais e potenciais. Esta dimensão da “integralidade” de nossas relações vitais com todos os seres da Natureza, para além das concepções dicotômicas, lineares e sequenciais, é o que estamos aprendendo com os movimentos populares enraizados em culturas de Abya Yala. As práticas educacionais cotidianas, pois, se enraízam e se nutrem pela presentificação das relações vitais com os ancestrais que nos geraram e com os seres e estruturas de conexão que estamos gerando e cultivando em todos os contextos e momentos de vida em plenitude.

1.8. (RE)FORMULAÇÃO DO OBJETIVO DA PESQUISA

O processo estocástico de pesquisa que temos desenvolvido até agora, particularmente no último quadriênio, possibilitou-nos começar a aprender com os povos originários de Abya Yala a decolonizar a educação. É nesta direção que concentraremos nossos esforços durante a próxima fase de pesquisa, em torno dos objetivos seguintes.

1.8.1. Objetivo geral

Propomos aprofundar o diálogo intercultural crítico, “conversitário”, da Rede Mover de pesquisas com lideranças de movimentos populares de origens ancestrais de Abya Yala, particularmente de povos amazônidas. Buscaremos compreender criticamente as contradições/conexões entre os processos socioculturais instaurados pela modernidade/colonialidade e os processos decoloniais de reexistências, protagonizados pelos povos originários a partir de suas raízes culturais ancestrais. A partir do estudo desta problemática esperamos formular estratégias socioculturais e educacionais para promover o Bem Viver, ou seja, o modo de viver, conviver e gerar vida em plenitude.

1.8.2. Objetivos específicos

O objetivo geral se desdobra na sua dimensão teórica e na metodológica.

Do ponto de vista da elaboração teórica, nos propomos a sustentar e articular os estudos em rede a respeito das contradições/conexões entre os processos moderno/coloniais e os processos reexistenciais de Vida em Plenitude protagonizados pelos povos originários.

Do ponto de vista estratégico/metodológico, promover processos de cooperação intercultural e debate crítico entre pesquisadores acadêmicos e lideranças de povos originários, dando continuidade ao desenvolvimento das ações que estamos desenvolvendo nas atividades da Rede de Pesquisas Mover (<https://mover.ufsc.br/>).

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

“O caminho se faz ao andar ... juntos”

No decurso de nosso longo processo de pesquisa, utilizamos a metáfora do “rizoma” (caule perene, no mais das vezes subterrâneo, que serve como órgão de reservas e que emite anualmente brotos na superfície) para indicar a metodologia que nossa rede de pesquisadores e pesquisadoras, de educadores e educadoras, vem tecendo no sentido de promover a educação intercultural como “busca de criar contextos educativos que favoreçam a integração criativa e cooperativa de diferentes sujeitos, assim como a relação entre os seus contextos sociais e culturais” (FLEURI, 1998, p. 9).

As interações interculturais e complexas, entre pessoas, grupos e contextos socioculturais acontecem de maneira parcialmente aleatória, algumas das quais alcançam resultados esperados. São processos imprevisíveis, justamente porque gerados criativamente por situações e por experiências de conflito, constituídas pela irrupção das diferenças entre sujeitos e contextos, autônomos, vivos. O desafio metodológico, que se coloca para a educação intercultural, e para a pesquisa intercultural, é o de se estabelecer lógicas relacionais estocásticas, que permitam a permanência de determinados resultados dos processos aleatórios que favoreçam “a integração criativa e cooperativa de diferentes sujeitos e de seus respectivos contextos”.

2.1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Por seu caráter estocástico, nossa pesquisa intercultural vem reelaborando criticamente, a partir dos aprendizados decorrentes da própria pesquisa, as concepções teórico-metodológicas que nos orientam. Assim, retomamos e incorporamos à proposta metodológica do presente projeto as aprendizagens decoloniais que temos desenvolvido nas atividades de cooperação e interlocução com os povos originários.

Repensamos e repropomos aqui a própria conceituação e a (re)formulação do “problema” da pesquisa, para delimitar os desafios e definir as estratégias metodológicas que estamos compartilhando com os pesquisadores e as pesquisadoras participantes deste processo integrado de pesquisa.

2.1.1. O que entendemos por “problema” de pesquisa

Partimos do entendimento de que a pesquisa se configura como busca de conhecer, de modo radical, rigoroso e de conjunto, os “problemas” da realidade (SAVIANI, 1980).

O conceito de “problema” não se restringe às ideias de “questão”, “enigma”, “dificuldade”, “dúvida”, mesmo que requeira informações complexas ou a solução de enigmas e dúvidas. Uma “pergunta” enuncia um “problema” apenas quando indica uma *necessidade* assumida conscientemente pelo ser humano na sua interação com o ambiente em que vive. “Problema (...) indica uma situação de impasse. Trata-se de uma necessidade que se impõe objetivamente e é assumida subjetivamente” (SAVIANI, 1980, p. 23).

Na perspectiva da lógica dialética, a “necessidade” constitutiva do “problema” indica a “contradição, não latente, porém em sua mais alta tensão, no momento mesmo da crise e do salto, quando a contradição tende para a solução objetivamente implícita no devir que a atravessa” (LEFEBVRE, 1975, p. 239). A contradição representa a complexidade do devir. “O movimento real, com efeito, implica essas diversas determinações: continuidade e descontinuidade; aparecimento e choque de contradições; saltos qualitativos; superação. (...) Os aspectos do devir são igualmente objetivos e indissolúvelmente ligados no próprio devir” (LEFEBVRE, 1975, p. 240).

Assim entendida, a lógica dialética supera a lógica formal⁵³ e aponta para formas complexas e multidimensionais de se representar discursivamente o mundo⁵⁴, que implicam

⁵³ A lógica formal – formulada por Aristóteles (CIVITA, 1973, p. 76-78) – baseia-se no pressuposto (axioma) de que não se pode afirmar o *ser* e *não ser* ao mesmo tempo e sob o mesmo ponto de vista. A afirmação do *ser* se confirma como verdadeira e necessária pela exclusão de seu oposto, o *não ser*. No amplo debate filosófico grego a respeito da contradição entre *ser* e *não ser*, entretanto, “Platão renova a noção de *não ser*, entendendo-o não como um *nada* ou como o *vazio*: o *não ser* seria o *outro*, a *alteridade que sempre complementa o mesmo*, a *identidade*. Cada existente surge assim como um jogo, em variadas proporções, do mesmo (o que ele é) com o outro (o que não é ele, os demais existentes)” (CIVITA, 1973, p. 80, grifos nossos).

⁵⁴ Sob a perspectiva linguística, Michel Serres (1994) afirma que existe uma filosofia virtual em cada preposição da nossa língua. Assim, existe uma filosofia da *transcendência* na preposição “sobre”, da *substância e do sujeito* em “sob”, da *interação entre o mundo e o eu* em “dentro”, da *Comunicação e do contrato* em “com”, da *tradução* em “através de”, das *interferências* em “entre”, da *passagem* em “por”, da *parasitagem* em “ao lado de” e do *distanciamento* em “fora” (SERRES, 1994). Podemos, reinterpretando e ampliando os princípios da lógica dialética, entender que as conexões constitutivas do devir se configuram não apenas por oposição ou composição (contradição), mas simultaneamente nos desafiam a explorar também outros dispositivos relacionais como os de “super-posição, sub-posição, ante-posição, pos-posição, trans-posição, pro-posição, contra-posição, ex-posição, im-posição, re-posição, justa-posição, inter-posição...”. É preciso, ainda, considerar sempre múltiplos centros, múltiplos contextos e múltiplas relações, que envolvem diferentes sujeitos, também eles policentros, constitutivos dos contextos socioambientais.

diferentes epistemologias, ou seja, de premissas que sustentam nossos modos de fazer distinções, de segmentar os eventos, de dar sentido ao mundo (BATESON, 1972; 1979) e que validam os conhecimentos constitutivos de cada cultura (SANTOS; MENEZES, 2010, p. 13).

Os tipos de distinção mais utilizados em nossas culturas moderno/coloniais são baseados na oposição: ou/ou. Esta forma de pensar nos leva fatalmente a escolher um polo, excluindo ou submetendo todos os outros. Mas, numa perspectiva epistemológica complexa, são propostas “premissas diferentes para nossos sistemas de distinção: uma epistemologia da conexão: e/e” (SEVERI; ZANELLI, 1990, p. 31). Neste contexto, as conexões “permitem às oposições de se diluírem; e isto não tanto porque as contradições desaparecem, mas porque se produzem mudanças, evoluções, que envolvem todos os membros em oposição” (SEVERI; ZANELLI, 1990, p. 32).

Trata-se, pois, de complexidades que se tecem juntas, desafiando-nos a trabalhar com a incerteza e com um pensamento multidimensional, um pensamento baseado, segundo Edgar Morin, na dialógica, que “significa que duas lógicas, duas ‘naturezas’, dois princípios são coligados em uma unidade sem que com isto a dualidade se dissolva na unidade” (MORIN, 1985, p. 57). Neste sentido, o “método da complexidade” nos orienta a “compreender a multidimensionalidade, a pensar com a singularidade, com a localidade, com a temporalidade, a jamais esquecer as totalidades integradoras” (SEVERI; ZANELLI, 1990, p. 59-60).

A concepção complexa e multidimensional torna possível incorporar, no próprio processo de formulação e estudo do problema de pesquisa, diferentes lógicas desenvolvidas por culturas ancestrais dos povos originários, tal como os princípios da reciprocidade, da proporcionalidade, da correspondência e da complementaridade, que nutrem o comunitarismo, princípio e valor central que emana da matriz civilizatória milenar de Abya Yala (SARANGO MACAS, 2014).

Assim, ao formular o problema a ser estudado neste processo de pesquisa, estamos inicialmente assumindo o significado de “problema” como “necessidade” constituída pelas contradições – que incluem conexões de oposição e composição, bem como de reciprocidade, proporcionalidade, correspondência e complementaridade – entre diferentes contextos socioambientais, que mobilizam os sujeitos a promover processos de mudanças conjunturais e transformações estruturais constitutivas destes contextos.

2.1.2. (Re)Formulação do problema de pesquisa

O problema, que estamos pesquisando com obstinação ao longo dos trabalhos realizados, se coloca no campo estratégico das relações de saber e de poder entre os sujeitos de práticas educacionais e socioculturais.

Neste sentido, criamos o termo “conversidade” (FLEURI, 2005; 2019) para expressar o conceito de diálogo crítico e cooperativo, sustentado pela interação criativa de reciprocidade e complementaridade entre grupos atuantes nos contextos acadêmicos universitários e os que atuam, autônoma e proativamente, em movimentos sociais populares. Com este conceito, enfatizamos a singularidade e autonomia dos sujeitos coletivos populares na autoria de conhecimento científico e no agenciamento de organizações sociais e políticas justas, solidárias e sustentáveis.

O reconhecimento da originalidade dos movimentos populares como protagonistas históricos e socioculturais evidencia o empoderamento dos processos de resistência e reexistência das sociedades e culturas originárias. Tal ressurgimento se constitui como um problema ao contrapor seus sistemas-mundo tradicionais ancestrais ao sistema-mundo moderno/colonial. Assim, os modelos neocoloniais de Estado-Nação e do modo de produção capitalista, que se pretendem globalizantes, são radicalmente contestados por processos de reexistência de culturas e povos originários ancestrais não coloniais.

Grande parte dos povos originários se consideram guardiães da natureza, de culturas ancestrais portadoras de modos de vida e de produção sustentáveis. Defendem suas culturas e territórios como alternativas reais e atuais – não apenas passadas ou possíveis, mas presentes e potentes – ao sistema-mundo moderno/colonial capitalista.

Com efeito, os modos de vida e de produção dos povos originários ancestrais – tal como a expressa na concepção de Bem Viver, teorizada por intelectuais orgânicos dos povos andinos Quechua e Aymara – promovem relações de equilíbrio entre os seres da natureza, ao enfatizar a complementaridade e reciprocidade entre os diferentes, bem como a comparação e a integração de cada ser ou comunidade singular com as estruturas vitais cosmológicas. E denunciam a degradação inerente ao sistema-mundo colonial capitalista por se erigir mediante a exploração predatória da força de trabalho (a qual é condicionada a coletivamente produzir riquezas, que a economia capitalista de mercado se apropria e acumulada privadamente) e da natureza (mediante a extração desenfreada de seus recursos, sem respeito a seus processos de vida e de regeneração). A lógica capitalista de exploração predatória da força de trabalho e dos

recursos naturais de que dependem para produzir e acumular riquezas torna-a sistemicamente insustentável.

No contexto contemporâneo, este sistema-mundo se encontra em profunda crise, justamente porque suas maiores expressões de poder (militar, econômico e político) estão conduzindo inexoravelmente a riscos fatais para a humanidade e para o equilíbrio vital em nosso planeta. Tais como os riscos que Noam Chomsky (apud EATON, 2020) tem denunciado: a iminência de uma guerra nuclear e do colapso ambiental, acelerada pela intencional erosão das democracias, agenciada por corporações multinacionais capitalistas, mediante complexas estratégias, como as “guerras híbridas”⁵⁵.

Da radical contradição/conexão entre os processos de reexistência de movimentos populares, ancorados em culturas ancestrais e a crise global do sistema-mundo colonial, emerge o grande desafio de ressurgimento e de recriação de processos e estruturas socioculturais que garantam a sustentabilidade da vida planetária.

Nesta direção é que nos propomos a estudar – em diálogo crítico com parentes, interlocutores e parceiros de povos originários de Abya Yala, particularmente com os conectados a associações e territorialidades decoloniais indígenas, quilombolas e tradicionais atuantes no Brasil – o problema de pesquisa enunciado (estocasticamente) na seguinte questão: *que propostas, concepções e práticas educacionais emergentes na práxis de movimentos populares de origens ancestrais apresentam potencialidades de gerar vida e convivência em plenitude (Bem Viver), como alternativa e resistência à degradação social e ambiental produzida pelo sistema-mundo colonial-capitalista?*

Assim, mediante a pergunta *por que e como educar para o Bem Viver* no contexto sociocultural-ambiental contemporâneo, o presente projeto de pesquisa problematiza a relação complexa entre modernidade/colonialidade e ancestralidade/Bem Viver, ao mobilizar estrategicamente a articulação – também problemática e desafiadora – entre agentes acadêmicos e agentes de movimentos populares ancestrais.

⁵⁵ Guerra Híbrida é uma estratégia militar que mescla táticas de guerra política, guerra convencional, guerra irregular e ciber guerra com outros métodos de influência, tais como *fake news*, diplomacia, *lawfare* e intervenção eleitoral externa (KORYBKO, 2018).

2.1.3. Delimitação do problema de pesquisa

A contradição entre modernidade/colonialidade e ancestralidade/Bem Viver tematiza o *problema* focalizado por este projeto de pesquisa. Tal formulação do problema apresenta um salto de qualidade em relação à fase precedente de nosso processo de pesquisa, em que enunciávamos o problema pela contradição *colonialidade versus não colonialidade*. Ao longo da busca por “aprender com os povos originários do Sul a decolonizar a educação”, entendemos que os processos de resistência e resiliência dos povos originários não se restringem à simples oposição formal à colonialidade imposta pelos processos genocidas e epistemicidas das políticas, dos dispositivos e das práticas de exploração e dominação colonial. A não colonialidade se define em relação (negativa) à colonialidade. Por reversão lógica, os povos colonizados são vistos, interpretados e definidos negativamente, segundo a lógica da colonialidade, como “oprimidos”, “subalternos”, “dominados”, “marginalizados”, “invisibilizados”, “sem voz”, “sem identidade”, “sem história própria”, “sem subjetividade”, “nem autonomia ou criatividade”...

Mas, em diálogo crítico com movimentos sociais enraizados nas lutas de povos originários, indígenas, quilombolas e tradicionais, compreendemos que tais comunidades se constituem como agentes singulares e originais de culturas ancestrais, cujos princípios epistêmicos e éticos, assim como suas estratégias econômico-políticas, socioculturais, educacionais, ecológicas e espirituais vêm sendo recriadas, revitalizadas, potencializadas em diferentes e complexas práticas. Tais práticas – incompreensíveis aos olhares e escutas coloniais, que as estigmatiza negativamente como “bárbaras”, “primitivas”, “selvagens”, e seus saberes são definidos como “superstição”, “senso-comum”, “crendice”, e caracterizados como “não científicos”, “incultos”, “incivis” ... – são referenciadas indiciariamente a múltiplas e complexas epistemologias, éticas e cosmovisões ancestrais, tal como a tematizada pelos povos Quechua e Aymara na concepção de Bem Viver, ou a concepção do Ubuntu⁵⁶, de tradição de povos originários africanos.

⁵⁶ *Ubuntu* é um termo Zulu que indica o próprio conceito de Humanidade, entendendo que o ser de cada pessoa está intimamente conectado ao ser dos outros e da comunidade: “Sou, porque somos” (definição realizada por Leymah Gbowee, ativista pacifista da Libéria). Este mesmo princípio é constitutivo da concepção andina do Bem Viver.

Ao redefinir nosso problema de pesquisa, focalizando a tensão de contradição e complementaridade, de reciprocidade e integralidade entre, de um lado, a modernidade/colonialidade e, de outro, a ancestralidade/Bem Viver, enfatizamos um multidimensional salto de compreensão, nos âmbitos da lógica, da epistemologia, da ética e da própria espiritualidade.

A dimensão espiritual reflete o que Gregory Bateson (1986), um dos autores que deram origem ao pensamento da complexidade, chamou de “Mind”, que pode ser traduzido em português por “Mente” ou “Espírito”. “Espírito” significa as estruturas de conexão dinâmica entre todos os elementos e processos que constituem os seres vivos, os contextos sociais, os ecossistemas (seja nas dimensões do infinitamente pequeno, como as dimensões quânticas infra-atômicas, seja nas dimensões imensas, como nas dimensões inter e supra galácticas, para além do tempo-espaço terrestre!)

Nesta perspectiva, a epistemologia inerente à concepção de Bem Viver apresenta-se como essencial. Tal concepção enfatiza as relações integrais de complementaridade e reciprocidade com o mundo, com a natureza, com as comunidades, com a espiritualidade, ou seja, com as estruturas de conexão vitais entre todos os seres.

O desafio dialógico é o de trabalhar com a contextualização, com a reciprocidade, com a multidimensionalidade das relações existenciais. Os princípios do Bem Viver, cultivados nos modos de vida dos povos originários de Abya Yala, permitem entender que interagir com o outro não se resume a interagir com as pessoas humanas, ou com os grupos sociais e suas instituições econômico-políticas: é interagir com o seu mundo, seus contextos, seus territórios, suas histórias, seus ancestrais, com os contextos ecológicos e cosmológicos de toda a natureza.

Assim, na dimensão teórico-metodológica, os princípios da lógica formal são recontextualizados pelos princípios da lógica dialética que, por sua vez, são complexificados pela dialógica. A evolução crítica das lógicas científicas ocidentais abre possibilidades conceituais e metodológicas para compreender e dialogar com os princípios epistemológicos emergentes nas culturas do “Bem Viver” ou do “Viver em Plenitude”.

2.2. DESAFIOS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

O desafio metodológico para se entender os princípios epistemológicos das culturas ancestrais dos povos originários advém do fato de que, na atualidade, a produção dos conhecimentos, particularmente no campo acadêmico sobre os povos originários é

desenvolvida “dentro de um amplo contexto de relações sociais que racionaliza, justifica e trabalha para operacionalizar um complexo aparato de ações burocráticas, administrativas e disciplinares que continuam confinando as vidas dos indígenas” (NAKATA, 2010, p. 12, tradução nossa⁵⁷). Por isso, é preciso estarmos atentos ao que acontece quando os conhecimentos indígenas são conceituados de maneira simplista e oposicionista como “não científicos”, a partir dos paradigmas “científicos” da modernidade/colonialidade. Na medida em que são fixados como conhecimentos estabelecidos, os conhecimentos indígenas são desconectados de suas comunidades originárias – que na realidade sustentam e reforçam sua eficácia – bem como das práticas socioculturais, que renovam seus significados no aqui e agora. E quando os conhecimentos tradicionais são sistematizados segundo as categorias de classificação e metodologias ocidentais, ajustando-se a hierarquias, à linearidade, aos processos de abstração e objetivação da modernidade – antíteses das tradições e metodologias indígenas de produção de conhecimento – produzem rupturas no modo de vida dos povos originários, tornando-os vulneráveis aos avanços coloniais (NAKATA, 2010, p. 14).

Martin Nakata, doutor em educação australiano originário do Estreito de Torres, considera que os indígenas que interagem com instituições ocidentais, particularmente o mundo acadêmico, vivem num espaço em disputa entre dois sistemas de conhecimento, conceituado como “interface cultural” (NAKATA, 1997). Neste contexto intercultural de fronteira (que Homi Bhabha (1998) chamaria de “entrelugar”, em que o mediador se identifica, ao mesmo tempo em que não se identifica, com um e com outro contexto cultural), coloca-se o desafio de forjar uma posição indígena crítica a partir das questões que formula a partir de sua “posição”⁵⁸,

⁵⁷ “[...] toda la producción del conocimiento sobre pueblos indígenas aún opera dentro de un conjunto de relaciones sociales más amplio que racionaliza, justifica y trabaja para operacionalizar un complejo aparato de acciones burocráticas, administrativas y disciplinarias que continúan confinando las vidas de los indígenas” (NAKATA, 2010, p. 12).

⁵⁸ Nakata assume a teoria da “posição” (POHLHAUS, 2002) como um método de pesquisa pertinente para formular criticamente os conhecimentos indígenas. “La posición o standpoint no se refiere entonces a una determinada posición social, sino mas bien es un compromiso con el tipo de preguntas encontradas allí” (POHLHAUS, 2002, p. 287, apud NAKATA, 2010, p. 19).

“La teoría de la posición es en mi opinión un método de investigación, un proceso para hacer más inteligible “el corpus de conocimiento objetivado sobre nosotros” tal como se va generando y organiza nuestras realidades vividas. Veo esto como teorizar el conocimiento desde una posición particular e interesada, pero no para producir la “verdad” de la posición indígena o la terrible “verdad” de los grupos coloniales “dominantes”, sino para descubrir mejor el funcionamiento del conocimiento y cómo la comprensión de los pueblos está recogida e implicada en este trabajo” (NAKATA, 2010, p. 20).

ou seja, de sua própria experiência e de suas comunidades originárias, e não a partir de princípios e modelos de conhecimento moderno/coloniais.

Nakata considera que uma posição indígena deve ser construída. Não se trata de uma simples reflexão para explicitar algo preexistente na experiência cotidiana. Não é um conhecimento oculto dos povos indígenas. Trata-se de um processo de construção discursiva segundo lógica própria, para expor uma base a partir da qual desenvolve argumentos para uma série de objetivos possíveis. Estes argumentos não determinam nenhuma verdade *a priori*, mas precisam ser razoáveis e ser coerentes com a lógica e os pressupostos em que se baseiam, de modo a serem sustentáveis perante a avaliação crítica dos integrantes de sua comunidade (NAKATA, 2010, p. 19).

Assim, Nakata considera necessário desenvolver uma teoria da posição capaz de gerar relatos de comunidades indígenas em espaços de produção de conhecimento disputados, que promovam a proatividade singular dos indígenas e reconheçam as tensões que emergem no cotidiano entre as posições indígenas e as posições não indígenas. “Desta forma, podemos implantar uma posição indígena para nos ajudar a desvendar e nos separar das condições que definem quem, o que ou como podemos ser ou não ser, para nos ajudar a nos ver a partir do nosso cotidiano e para nos ajudar a compreender as diferentes respostas que estamos dando ao desafios que o mundo colonial nos coloca” (NAKATA, 2010, p. 22, tradução nossa⁵⁹).

Ao assumirmos esta perspectiva metodológica em nossa atual proposta de pesquisa, pretendemos contribuir com o fortalecimento das posições indígenas. Neste sentido, vamos dar continuidade à articulação da Rede Mover priorizando a parceria e o diálogo crítico com pesquisadores e pesquisadoras indígenas, comprometendo-nos com o estudo crítico das questões emergentes nas e entre suas respectivas “posições” (POHLHAUS, 2002; NAKATA, 2010).

Para mobilizar este processo de cooperação científica intercultural continuaremos a nos inspirar nos princípios da pesquisa sociopoética, ao propor um processo cooperativo de produção do conhecimento, em que todos os integrantes se constituem como copesquisadores (GAUTHIER; FLEURI; GRANDO, 2001, p. 7).

⁵⁹ “De esta manera podemos desplegar una posición indígena para ayudar a desentrañar y desenredarnos de las condiciones que delimitan quién, qué o cómo podemos o no podemos ser, a ayudar a vernos con cierta carga de lo cotidiano, y para ayudar a entender nuestras variadas respuestas al mundo colonial” (NAKATA, 2010, p. 22).

A perspectiva da complexidade, formulada por Gregory Bateson (1986), permite-nos entender: (1) que o processo de construção do conhecimento é constituído por pessoas que interagem; (2) que a interação é acionada pela diferença; (3) sendo esta produzida pela iniciativa concomitante de múltiplos sujeitos; (4) e que a diferença codificada produz novas diferenças; (5) em cadeias recursivas de informações; (6) segundo padrões de conjunto que constituem a singularidade de cada sujeito em relação. Neste sentido, o contexto relacional e cultural – produzido, sustentado e constantemente modificado pelas próprias pessoas através da interação entre suas respectivas posições – configura os sentidos de cada ato, palavra ou informação elaborada pelas pessoas em relação.

Para o estudo e análise de informações, continuaremos a seguir princípios do método indiciário de pesquisa, que nos orienta a focalizar detalhes aparentemente “insignificantes”, tradicionalmente pouco observados, de modo a buscar encontrar nos fenômenos diminutos, no micro, estruturas que configuram o panorama macro de um contexto sociocultural (GINZBURG, 2009). Tal perspectiva metodológica pode ser articulada com o estudo sociológico das “ausências” e das “emergências”⁶⁰. Neste sentido, a pesquisa terá também um caráter exploratório (TRIVIÑOS, 1987, p. 109), na medida em que buscaremos aumentar nossa experiência e conhecimento em torno do problema focalizado neste projeto, particularmente mediante a interação com pesquisadores, grupos e mediadores interculturais interessados em discutir, promover e articular processos decoloniais de vida em plenitude promovidos por movimentos sociais de povos originários em diferentes territórios e contextos socioculturais. E, pelo caráter de pesquisa intercultural em rede, o processo de estudo incorporará perspectivas teórico-metodológicas de análise multirreferencial, entendida “como uma leitura plural, sob diferentes ângulos, dos objetos que quer apreender, de acordo com sistemas de referência

⁶⁰ “Enquanto a sociologia das ausências expande o domínio das experiências sociais já disponíveis, a sociologia das emergências expande o domínio das experiências sociais possíveis. As duas sociologias estão estreitamente associadas, visto que quanto mais experiências estiverem hoje disponíveis no mundo mais experiências são possíveis no futuro. Quanto mais ampla for a realidade credível, mais vasto é o campo dos sinais ou pistas credíveis e dos futuros possíveis e concretos. Quanto maior for a multiplicidade e diversidade das experiências disponíveis e possíveis (conhecimentos e agentes), maior será a expansão do presente e a contração do futuro. Na sociologia das ausências, essa multiplicação e diversificação ocorre pela via da ecologia dos saberes, dos tempos, das diferenças, das escalas e das produções, ao passo que a sociologia das emergências as revela por via da amplificação simbólica das pistas ou sinais” (SANTOS, 2002, p. 258).

supostamente diferentes, não redutíveis entre si” (ARDOINO et al., 1991, p. 173, tradução nossa⁶¹).

2.2.1. Propósito e plano de desenvolvimento da pesquisa

Nosso objetivo desta próxima etapa de pesquisa vem sendo amadurecido com os estudos dos processos histórico-socioculturais-educacionais coloniais e neocoloniais em confronto com os processos de resistência, resiliência dos povos originários. Considerando as lutas dos povos originários em sua complexidade e polissemia histórica como processos de reexistência, fomos interpelados a entender as estratégias decoloniais ancoradas nas ancestralidades e no Bem Viver, que vêm sendo construídas com o protagonismo destes povos e de seus múltiplos e heterogêneos movimentos socioculturais.

Os limiares entre as culturas dos diferentes povos originários ancestrais, bem como sua contradição com as cosmovisões coloniais hegemônicas no mundo contemporâneo, constituem fronteiras interculturais em que se colocam mutuamente em questão diferentes epistemologias. Tal confronto implica em riscos de sujeição, exclusão, de genocídios, epistemicídios, gnosecídios (AZEVEDO-LOPES, 2021), ao mesmo tempo que em oportunidades de recriação crítica e de empoderamento de identidades ancestrais e conexões de reciprocidade, de cooperação e de mútua aprendizagem entre diferentes grupos socioculturais. Essas conexões epistêmicas e culturais trazem implicações liminares radicais que podem favorecer a reconfiguração de concepções, políticas, propostas e práticas educacionais voltadas para a sustentabilidade da vida e da convivência em plenitude.

A construção de processos de viver, conviver e gerar vida em plenitude – como superação das contradições entre a modernidade/colonialidade e a ancestralidade/Bem Viver emergentes na relação entre processos colonizadores e os de reexistência por parte de sociedades e culturas originárias – é aqui priorizada como finalidade articuladora de nossa proposta de continuidade da pesquisa. Com efeito, tal propósito vem sendo construído pela interação crítica e dialógica entre vários sujeitos (pessoas e grupos participantes deste projeto)

⁶¹ “Es necesario comprender el análisis multirreferencial como una lectura plural, bajo diferentes angulos, de los objetos que quiere aprehender, en función de sistemas de referencias supuestamente distintos, no reductibles los unos a los otros” (ARDOINO et al., 1991, p. 173).

que vem entretecendo suas ações educacionais e de pesquisa, com apoio de diferentes instituições acadêmicas e socioculturais, produzindo múltiplos artefatos científicos e culturais, que vem contribuindo para mobilizar diferentes ações e movimentos socioculturais.

A equipe de pesquisa vem sendo constituída pela participação em rede de pesquisadores e pesquisadoras, ancorados em grupos e projetos integrados de pesquisa, vinculados a programas de pós-graduação, com os quais estamos colaborando desde longa data. São pesquisadoras e pesquisadores que vêm trabalhando com dimensões chave do problema aqui enunciado e têm demonstrado potencial de contribuições originais e relevantes para o estudo das epistemologias dos povos originários e de suas propostas interculturais e sustentáveis de “Vida em Plenitude”.

2.2.2. Integrantes da equipe do projeto integrado de pesquisa

No próximo quinquênio (2022-2027) vamos consolidar e promover as atividades de pesquisa colaborativa com vários profissionais, estudantes e militantes, por seu potencial de interlocução e cooperação com nosso projeto integrado de pesquisa. Por reciprocidade, a nossa contribuição ativa para o desenvolvimento de seus projetos institucionais de formação e de pesquisa se configura como dimensão essencial de nossa proposta.

O trabalho de pesquisa que vem sendo sustentado pelo Grupo de Pesquisa Viver em Plenitude: Educação Intercultural e Movimentos Sociais (UFSC/CNPq) – registrado no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/581765>) conhecido também como Rede Mover (www.mover.ufsc.br) – sediado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH/UFSC), vem se constituindo como núcleo de ancoragem de múltiplas articulações com instituições e projetos de pesquisa. Tais articulações são mediadas por pesquisadores e pesquisadoras integrantes do Mover.

1. Em primeiro lugar, o vínculo com o PPGICH/UFSC é consolidado pela orientação dos projetos de doutorado de Camila Alessandra Domingues e Lenildo Gomes de Almeida. O trabalho de pós-doutorado de Kércia Figueiredo, além de sua colaboração nas atividades acadêmicas neste Programa, tem mediado a articulação orgânica do nosso projeto integrado de pesquisa com o Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica – Guarani, Kaingang e Xokleng/Laklãnõ (<https://licenciaturaindigena.ufsc.br/curso/>). A participação de

Josué Carvalho, Kaingang, pós-doutor, vem contribuir para as pesquisas junto ao povo Kaingang no Sul do Brasil. Já a intensa dedicação da antropóloga Juliana Akemi Okawati, além de seu potente trabalho de apoio técnico e científico na promoção e na articulação das pesquisas do Mover, tem mantido o intercâmbio com o núcleo Ação Saberes Indígenas na Escola – ASIE (<https://saberesindigenas.ufsc.br/>) e, de modo particular, o fluxo de cooperação interinstitucional, em âmbito nacional e internacional, resultante em importantes publicações, tal como a obra “Pedagogias e narrativas decoloniais” (FLEURI; OKAWATI, 2021).

2. Em segundo lugar, a participação ativa, em nosso grupo de pesquisa, de colegas vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA) tem sido determinante na definição, recontextualização e potencialização deste projeto de pesquisa. De modo particular, Ivanilde Apoluceno de Oliveira, João Colares da Mota Neto, Maria Betânia Barbosa de Albuquerque, Sérgio Roberto Moraes Corrêa, integrantes de nosso grupo de pesquisa, têm mediado a realização de atividades acadêmicas sustentadas pelo PPGEd/UEPA, tais como seminários, colóquios, publicações, coorientação de doutorado e de mestrado, etc. O mais significativo para nosso propósito de pesquisa está sendo e será nossa cooperação em projetos e processos específicos de pesquisa, dos quais destacamos os seguintes:
 - a. Cooperação com a Rede de Pesquisa sobre Pedagogias Decoloniais na Amazônia (site institucional: <https://www.facebook.com/redepedagogiasdecoloniais/>), liderada por João Colares da Mota Neto. Nesta direção, organizamos a Linha de Pesquisas “Viver em Plenitude” com o objetivo de “ampliar e consolidar redes decoloniais de cooperação científica internacional voltadas para o conhecimento, a divulgação e o empoderamento dos modos de produção e de vida dos povos originários não coloniais, particularmente dos povos amazônidas”.
 - b. Cooperação no projeto de pesquisa Bem Viver: Diversidade Sociocultural, Saúde e Práticas Educativas na Amazônia, projeto apoiado pela CAPES no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Pós-Graduação – PDPG – Amazônia Legal, Edital nº 13 de 2020 / Programa de Desenvolvimento da

Pós-Graduação na Amazônia Legal (PDPG Amazônia Legal), Área Temática Contemplada: Diversidade sociocultural, sustentabilidade e atividades socioeconômicas, com vigência de 01/10/2020 a 30/09/2024, sob coordenação de Marta Genú Soares (Coordenação do Projeto), Sérgio Roberto Moraes Corrêa (Coordenação Adjunta) e Ivanilde Apoluceno de Oliveira (Coordenadora do PPGEd/UEPA).

- c. Colaboração e supervisão do projeto de pesquisa de Mariateresa Muraca, em desenvolvimento no contexto da Bolsa Jovem Talento – Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia, sobre o tema Promover a Justiça Social e Epistêmica em Áreas Geopoliticamente Complexas: Uma Pesquisa Situada nas Epistemologias do Sul e no Pensamento decolonial (CAPES, 2021-2024). Este projeto articula também a cooperação científica interinstitucional e internacional entre a Universidade do Estado do Pará (UEPA), a Universidade Federal do Pará (UFPA) e o Istituto Universitario don Giorgio Pratesi (UNIPRATESI- Itália).
3. O presente projeto integrado de pesquisa prioriza a parceira com organizações indígenas. De modo particular, com:
- a. A Associação Multiétnica Wyka Kwara, que tem compartilhado intensamente a trajetória de estudos e pesquisas que estamos realizando no PPGEd/UEPA. Em especial, Aiyra Amana Tupinambá (Alciete Arruda Azevedo) e Miguel Kwarahy Tenetehara Tembê (Miguel Guimarães da Silva).
 - b. Daremos continuidade à cooperação, em experiências pedagógicas e de pesquisa, com os líderes Huni Kuin, Mapu (Adaildo Borges Sereno Kaxinawá) e Siã (José Osair Sales), que vêm generosamente compartilhando sua sabedoria ancestral em nossa trajetória de pesquisas.
 - c. Enfatizamos, ainda, a parceria fecunda, iniciada por intermediação da professora e líder Kaingang Jozileia Daniza Schild, com a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB - <https://apiboficial.org/apib/?lang=en>), a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB - <https://coiab.org.br/>), a Associação das Guerreiras Indígenas de Rondônia (AGIR - <https://associacao-das-guerreiras-indigenas-de-rondonia.webnode.com/>), a Organização dos Povos Indígenas Apurinã e

Jamamadi (OPIAJ - <https://www.facebook.com/popykary/>), a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY - <http://www.yvyrupa.org.br/>), a Articulação dos Povos Indígenas do Sul do Brasil (ARPINSUL - <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/articulacao-dos-povos-indigenas-da-regiao-sul-arpin-sul/>) e diferentes associações de estudantes indígenas.

4. Um fecundo trabalho de cooperação científica interinstitucional, que tende a se consolidar e a se ampliar, vem sendo promovido por liderança de Rodrigo Corrêa Dinis Peixoto, junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA). A partir da realização, em parceria, de vários seminários e produções científicas, constituímos o projeto de pesquisa *ÀWA SURARA: Quilombolas, Indígenas e Outros/as Intelectuais Orgânicos/as na Academia. Produção de conhecimento para o Bem Viver e a Interculturalidade na Universidade e na Comunidade*. Este projeto faz parte importante desta proposta integrada de pesquisa, justamente devido ao protagonismo de estudantes quilombolas e indígenas que estão desenvolvendo seus estudos e pesquisas no PPGSA/UFPA.
5. A colaboração da professora Geórgia Pereira Lima, da Universidade Federal do Acre (UFAC) tem sido determinante para a realização do V Colóquio Diálogos Sul-Sul: Fronteiras e Territórios (In)Visíveis de Vidas em Plenitude: Desafios, Propósitos e Articulações Atuais de Raízes Ancestrais, assim como para a projeção dos próximos eventos. Os Colóquios Diálogos Sul-Sul têm gerado articulações e produções científicas, em âmbitos nacional e internacional, entre pesquisadores e estudantes universitários, em cooperação com instituições e movimentos populares indígenas, quilombolas, tradicionais, que vêm consolidando seu protagonismo e sua liderança. O envolvimento proativo de Geórgia Pereira Lima em nosso Grupo de Pesquisa e neste projeto consolida nosso potencial de pesquisa em interação com movimentos populares amazônidas.
6. Os processos de pesquisa conduzidos em âmbito nacional vêm sendo potencializados e ampliados por sua ancoragem rizomática e múltiplas atividades de cooperação científica internacional:
 - a. Ainda no contexto do Colóquio Diálogos Sul-Sul, tem sido muito importante a parceria com Roberto Esposto, professor vinculado à The University of Queensland (UQ – Brisbane, Australia), onde venho atuando como Honoray

Professor desde 2013. Aliás, foi junto com Roberto Esposto que criamos em 2015 o projeto do Colóquio Diálogos Sul-Sul e, juntos, demos sustentação ao desenvolvimento de todas as edições subsequentes do evento: na University of Queensland (Brisbane, Austrália), em 2015 e 2017; na Universidad Nacional de Tres de Febrero (Buenos Aires, Argentina), em 2018; na Universidade do Estado do Pará (Belém, Brasil), em 2019 e na Universidade Federal do Acre (Rio Branco, Brasil), em 2021.

- b. A cooperação científica com The University of Queensland tem sido base para criação, além do Colóquio Diálogos Sul-Sul, também de várias pesquisas, atividades educacionais e publicações internacionais, assim como de cooperação com várias universidades australianas. A cooperação com o Instituto Curtin University Sustainability Policies (CUSP, Perth, Austrália) tem sido uma das mais permanentes e fecundas parcerias, liderada por Dora Marinova, por longo tempo Diretora do CUSP. Por isso, investiremos todo esforço possível para empoderar junto com o CUSP nossos processos de colaboração científica vinculados ao presente projeto. Da mesma forma, daremos continuidade aos processos de cooperação científica que estamos desenvolvendo com Martin Nakata, Pro Vice-Chancellor Indigenous Education and Strategy da James Cook University (JCU, Townsville, Austrália). E, havendo possibilidade, retomaremos relações de cooperação que têm sido importantes em fases anteriores de nossa pesquisa, como com a Griffith University (GU, Brisbane, Austrália) e a Queensland University of Technology (QUT, Brisbane, Austrália).
- c. Tem sido muito relevante para o desenvolvimento de nossa pesquisa a cooperação científica interinstitucional internacional com instituições canadenses. No momento, o maior potencial de cooperação em função dos objetivos de nosso projeto atual advém de nossas atividades como Membro da Chaire UNESCO en démocratie, citoyenneté mondiale et éducation transformatrice (DCMÉT) de l'Université du Québec en Outaouais (UQO), sob coordenação de Paul Carr e Gina Thesée. (<https://www.education4democracy.net/comites-chaire>). Esperamos, ainda, reativar a cooperação de nosso grupo com os centros de pesquisa de outras universidades canadenses que têm sido muito relevantes ao longo das duas

últimas décadas, tais como a Université de Sherbrooke e a Université de Montreal.

- d. Ainda no plano da cooperação científica internacional, vamos dar continuidade à parceria e interlocução com que estamos tecendo desde longa data. No contexto latino-americano, tem sido muito importante a cooperação científica em rede com Raúl Adolfo Diaz e Jorgelina Villarreal (professor e pesquisadora da Universidade Nacional de Comahue, Argentina), juntamente com a de Bóris Guzmán (pesquisador chileno, doutor pela Universidade Federal da Bahia), particularmente para estudar os desafios e propostas educacionais interculturais do ponto de vista do povo Mapuche na Patagônia argentina e chilena.
- e. Com Zayda Sierra (pesquisadora sênior da Universidad de Antioquia, Colômbia) continuaremos os estudos relativos aos povos originários e afrodescendentes da região andina, assim como a estabelecer conexões com movimentos organizados de povos originários, tanto no contexto regional, quanto em suas articulações internacionais. Zayda Sierra está contribuindo na mediação com outros pesquisadores e pesquisadoras da Universidad de Antioquia (UA, Medellin, Colombia) que apresentam potencial e interesse de cooperação científica com o presente projeto, tal como a recente adesão Andrés García Sánchez coordenador do Grupo Estudios del Territorio – GET/UA.
- f. Contamos também com a colaboração de José Marín (pesquisador sênior peruano-suíço no campo da antropologia latino-americana, sediado na Suíça), que continuará contribuindo para os estudos das cosmovisões de povos originários de Abya-Yala, aprofundando suas conexões com as perspectivas epistemológicas e interculturais de povos ancestrais de outros contextos continentais.
- g. A colaboração de Maria Paula Menezes – investigadora coordenadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, integrando o núcleo de estudos sobre Democracia, Cidadania e Direito (DECIDE), Professora da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique – tornará possível articular com esta rede seus estudos decoloniais relacionados com cosmovisões de povos originários do continente africano. Além disso, favorecerá

interlocução com o Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, referência internacional para os estudos decoloniais.

7. Daremos, também, continuidade às parcerias em âmbito nacional:
 - a. Continuaremos contando com o apoio de Jacques Gauthier, pesquisador sênior, para agenciar e animar a articulação da rede de pesquisas do ponto de vista teórico-metodológico da Sociopoética, assim como para estudar criticamente as aprendizagens epistemológicas na interação com as culturas científicas ocidentais, indígenas e budistas, com as quais vem desenvolvendo intensas pesquisas.
 - b. A cooperação de Beleni Salette Grando – coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpo Educação e Cultura (COEDUC), da Universidade Federal do Mato Grosso – tem sido e continuará sendo importante para realizar pesquisas e elaborar produção acadêmica (apresentação de trabalhos em congressos, publicação de artigos em periódicos científicos, editoração e coautoria de livros) e, particularmente, para mediar a interação com pesquisadoras e pesquisadores orgânicos a povos indígenas da região mato-grossense.
 - c. Adir Casaro Nascimento – professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), líder do Grupo de Pesquisa Educação e Interculturalidade (UCDB/CNPq) e coordenadora do Observatório da Educação, Núcleo UCDB com o projeto Formação de Professores Indígenas Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul: Relações entre Territorialidade, Processos Próprios de Aprendizagem e Educação Escolar – coopera para realizar pesquisas e elaborar produção acadêmica (apresentação de trabalhos em congressos, publicação de artigos em periódicos científicos, editoração e coautoria de livros) e, particularmente, para a articulação orgânica com pesquisas que vêm sendo realizadas por pesquisadores e pesquisadoras vinculados a povos indígenas do território sul-mato-grossense.
 - d. Destacamos, ainda, como parceiros institucionais com os quais temos colaborado no sentido de aprofundar e expandir nossos percursos de pesquisa, o Grupo de Trabalho de Educação Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (GT06/ANPED); o Grupo Temático de Educação Popular em Saúde da Associação Brasileira de Saúde

Coletiva (GT-EPS/ABRASCO), cuja parceria em nossos projetos de pesquisa e publicações tem sido mobilizada particularmente por Pedro José Cruz (UFPB); o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER), que se articula com nosso Grupo de Pesquisa por mediação de Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ); o Observatório Internacional sobre Interculturalidade, Inclusão e Inovação Pedagogia (OIIIPE), mediada pela intensa parceria de Mônica Pereira dos Santos (UFRJ).

8. Estamos, ainda, iniciando cooperação com novos parceiros de pesquisa, de modo particular lideranças e pesquisadoras, pesquisadores, orgânicas a culturas e povos originários, que serão oficialmente integrados como membros da equipe de pesquisa, na medida em que as atividades de parceria e cooperação forem se consolidando. Neste sentido, passamos a contar com Ronnielle de Azevedo-Lopes, para interagir com os povos indígenas de Marabá, PA.

A colaboração já assegurada por parte destes pesquisadores, pesquisadoras, e centros de pesquisa possibilitará o desenvolvimento do presente processo de pesquisa, ao construir vínculos de mediação intercultural e de cooperação dialógica com movimentos organizados e grupos de povos originários de Abya Yala.

Por fim, a nossa tarefa como coordenador deste projeto de pesquisa (PQ/CNPq) consiste em formular e fundamentar o projeto, de modo a mobilizar a articulação da rede de pesquisadores e animar as atividades de pesquisas e debates, promovendo a sistematização e problematização do que esta rede de pesquisadores estará aprendendo na sua interação intercultural com povos originários de Abya Yala.

No Quadro 1, logo abaixo, constam os nomes de pessoas que integram a rede de pesquisas. Vários pesquisadores e colaboradores já se encontram cadastrados no Grupo de Pesquisa Viver em Plenitude: Educação Intercultural e Movimentos Sociais - CNPq/UFSC. Novos integrantes se integrarão à rede durante o desenvolvimento do projeto.

Quadro 1 - Dados dos e das integrantes da equipe de pesquisa

Coordenador	País	Instituição	Link CV
Reinaldo Matias Fleuri	BR	UFSC	http://lattes.cnpq.br/0966229092773143
Pesquisadores	País	Instituição	Link CV
Jorgelina Andrea Villarreal	AR	UNCOMA	https://drive.google.com/open?id=1ZyVO0TZrj_LUxZp2p0s25cGrFjsOGipT
Raúl Adolfo Díaz	AR	UNCOMA	https://drive.google.com/file/d/1ETcnWgXox-j4Yo1pCW9eTS0GRNEJyAPC/view
Nicholas Martin Nakata	AU	JCU	http://research.jcu.edu.au/portifolio/martin.nakata
Roberto Esposito	AU	UQ	https://languages-cultures.uq.edu.au/profile/983/roberto-esposito
Adir Casaro Nascimento	BR	UCDB	http://lattes.cnpq.br/1629728652577164
Beleni Salete Grandó	BR	UFMT	http://lattes.cnpq.br/2322323427528838
Elcio Cecchetti	BR	UNOCHAPECÓ	http://lattes.cnpq.br/6402588298008183
Genivaldo de Souza Santos	BR	IFSP	http://lattes.cnpq.br/7871345424315866
Geórgia Pereira Lima	BR	UFCA	http://lattes.cnpq.br/2433944544835019
Ivanilde Oliveira Apoluceno	BR	UEPA	http://lattes.cnpq.br/6486192420682817
Jacques Henri Maurice Gauthier	BR		
Juliana Andrade Akemi Okawati	BR	UFSC	http://lattes.cnpq.br/1263917353420512
Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto	BR	FMP	http://lattes.cnpq.br/5280846737918794
Maria Betânia Barbosa Albuquerque	BR	UEPA	http://lattes.cnpq.br/6415743127554581
Mônica Pereira dos Santos	BR	UERJ	http://lattes.cnpq.br/8795823734042859
Rodrigo Corrêa Diniz Peixoto	BR	UFPA	http://lattes.cnpq.br/9872938064820413
Ronnielle de Azevedo-Lopes	BR	IFPA	http://lattes.cnpq.br/8640633644229193
Sergio Roberto Moraes Corrêa	BR	UEPA	http://lattes.cnpq.br/1347947243469780
Andrés García Sánchez	CO	UA	https://scienti.minciencias.gov.co/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod_rh=00_00468673
Zayda Sierra	CO	UA	https://www.researchgate.net/profile/Zayda-Sierra
Mariateresa Muraca	IT	UNIVR	http://lattes.cnpq.br/1031878280995937
José del Carmen Marín Gonzáles	SWI		https://drive.google.com/file/d/1QHcWRuWgELJ3Uta_hNNBru3m_JwQI6w8x/view

Colaboradores Indígenas	País	Instituição	Link CV
Jozileia Daniza Jagso Inácio Jacodsen Schild	BR	UFSC	http://lattes.cnpq.br/5737488740282665
Josué Carvalho	PT	ULHT	http://lattes.cnpq.br/3749800038682321
Aiyra Amana Tupinambá	BR	Associação Multiétnica Wyka Kwara	
Miguel Guimarães da Silva	BR	Associação Multiétnica Wyka Kwara	

(Todos/as integrantes da equipe de pesquisa constantes no Quadro 1 assinaram Declaração livre e consciente de colaboração no Projeto Integrado de Pesquisa (Anexo). Outros colaboradores/as estarão se engajando na equipe, proximamente.)

3. IMPACTOS ESPERADOS

**“Pesquisar para transformar...
... e gerar vida em plenitude”**

A experiência de pesquisa e produção científica que desenvolvemos ao longo deste vintênio nos estimula a prospectar e realizar produções acadêmicas que ofereçam contribuições relevantes para o desenvolvimento científico e sociocultural em nosso contexto. Estrategicamente, procuramos analisar os riscos e oportunidades que encontramos na atual conjuntura, bem como considerar as formas de apoio que temos obtido neste momento para o desenvolvimento das atividades.

3.1. RESULTADOS E IMPACTOS ALMEJADOS

O desenvolvimento de nossas pesquisas produz diferentes resultados que nem sempre são identificáveis, devido ao seu caráter interativo, fluido, fractal e estocástico. Aqui, tomamos como indicadores de sua influência sociocultural as publicações e atividades acadêmicas geradas, que surgem a partir dos trabalhos científicos e educacionais mobilizados pela rede.

3.1.1. Livros

A experiência recente do Mover tem evidenciado o potencial pedagógico-científico de editoração cooperativa de publicações mediante o desenvolvimento de atividades acadêmicas de formação de pesquisadores em programas de pós-graduação, bem como durante o desenvolvimento de projetos integrados de pesquisa. Neste sentido, estamos programando a editoração, durante a vigência deste projeto, ao menos de um livro em parceria com PPGSA/UFPA, elaborado em coautoria de estudantes quilombolas e indígenas, e outro livro, a ser elaborado em coautoria com associações nacionais e regionais indígenas. Além destes livros, esperamos produzir outros, com base em seminários a serem propostos no PPGICH/UFSC, PPGEd/UEPA, PPGSA/UFPA. Pretende-se, com este processo de editoração articulado com a formação de pesquisadores e com a articulação de movimentos populares ligados a povos originários, promover o protagonismo coautoral de jovens pesquisadores e pesquisadoras, bem como de lideranças e associações populares ancestrais.

3.1.2. Artigos e capítulos de livros

Resultados parciais das nossas pesquisas serão elaborados, por autoria ou coautoria, para serem discutidos em eventos, editorados e encaminhados para publicação em periódicos científicos, nacionais e internacionais, ou ainda em livros coletivos.

3.1.3. Teses e dissertações

As orientações de teses (três) e de supervisão (uma) de pós-doutorado em desenvolvimento junto ao PPGICH/UFSC, bem como as coorientações de pesquisa de doutorado (uma) e mestrado (uma) junto ao PPGEd/UEPA, resultarão em defesas de teses e dissertações. Uma vez completados os trabalhos em andamento, estaremos disponíveis a assumir a orientação de até dois novos projetos de pesquisa nestes programas de pós-graduação. Além disso, colaboraremos nas comissões examinadoras de qualificação ou defesa, de dissertações ou teses, a que formos convidados até o limite de dois eventos ao semestre. Procuramos, com esta produção, contribuir significativamente para a formação de pesquisadores, tanto quanto para implementar a cooperação científica entre programas de pós-graduação.

3.1.4. Seminários pedagógicos

Os seminários desenvolvidos nos programas de pós-graduação (PPGICH/UFSC, PPGEd/UEPA e PPGSA/UFPA) têm sido experiências de formação orgânicas com o desenvolvimento da pesquisa e de produção bibliográfica em rede, relacionadas ao problema desta pesquisa. Por isso, nos propomos a desenvolver seminários acadêmicos de pós-graduação como estratégia de desenvolvimento desta pesquisa. Ofereceremos, em média, um seminário ao ano.

3.1.5. Eventos

A organização e a participação em eventos têm sido espaço importante de compartilhamento e discussão de trabalhos relacionados com nosso objeto de pesquisa. Nesta

direção, tanto estudantes quanto educadores e lideranças populares, através da apresentação e da discussão de seus trabalhos, empoderaram seu protagonismo autoral e sua articulação em rede com outros agentes socioculturais. Por isso, nos propomos a colaborar na organização bianual dos Colóquios Diálogos Sul-Sul, bem como na organização de outros eventos científicos ou de comunicação/educação popular. Com o recente aumento do potencial de comunicação e interação virtual, propomo-nos a priorizar nossa participação e colaboração com iniciativas de comunicação virtual e presencial comprometidas com as “posições” de movimentos e povos originários, relacionadas ao Bem Viver.

3.1.6. Consultorias

Priorizamos atender às solicitações que nos são encaminhadas pelo CNPq e pela CAPES, dado sua importância para o desenvolvimento científico e para a formação de educadores e de pesquisadores, além de significar nossa reciprocidade ao fomento que tem provido aos nossos projetos de pesquisa. Nesta direção, colaboraremos, com nossa expertise, também com conselhos editoriais de publicações científicas, pois, ao contribuirmos para a qualificação da produção e publicação, também temos uma oportunidade privilegiada de estudo e de atualização científica.

3.1.7. Cooperação científica

As atividades de cooperação científica, tanto em âmbito nacional quanto internacional, tanto em nível interpessoal, quanto interinstitucional, têm sido estrategicamente determinantes para o desenvolvimento, consolidação e ampliação dos processos e dos impactos da nossa pesquisa. Por isso, manteremos nossos esforços para sustentar a colaboração entre as universidades às quais nos vinculamos formalmente (UFSC, UEPA, UQ), bem como entre as instituições com que colaboramos por intermediação de colegas integrantes do Grupo de Pesquisas Mover. Utilizaremos o site do Mover como espaço institucional de comunicação e de repositório da nossa produção científica. Priorizaremos a participação nas atividades de pesquisa, de consultoria, de seminários de formação, de produção bibliográfica, de eventos presenciais ou virtuais, a serem desenvolvidas com estes parceiros, relacionados ao nosso propósito de pesquisa.

3.1.8. Produção acadêmica almejada

Em síntese, o projeto proposto visa atingir a produção acadêmica especificada na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 - Produção científica almejada

ANO SEMESTRE	2022		2023		2024		2025		2026		2027	Soma 10
	01	02	01	02	01	02	01	02	01	02	01	
Livros			1				1					2
Artigos e capítulos		1		1		1		1		1		5
Teses e dissertações	2		1		1				1			5
Seminários pedagógicos		1	1		1		1		1			5
Eventos organizados				1				1				2
Consultorias	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		10
Cooperação científica	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		10

3.2. RISCOS E OPORTUNIDADES

O desafio imediato que se coloca ao desenvolvimento deste processo de pesquisa é o de manter a mobilização e a coesão da equipe, devido à diversidade de vínculos, necessidades, potencialidades e ritmos dos integrantes da rede, que congrega parceiros de diferentes regiões, países, instituições e culturas. O isolamento social imposto pelo contexto de pandemia tem limitado as possibilidades de circulação e comunicação tanto em âmbito nacional quanto internacional. Neste contexto, se faz necessário um programa conjunto bem articulado, que promova a sinergia de diferentes iniciativas mediante interlocução e avaliação constante com todos os participantes. A criação e otimização de mediações virtuais e institucionais são algumas das estratégias para transformar os obstáculos em alicerces para a construção do trabalho em rede e das atividades de cooperação científica interinstitucional, nacional e internacional. Assim, cultivaremos as relações pessoais e institucionais que desenvolvemos ao longo das atividades realizadas pela Rede Mover. Buscaremos otimizar o uso dos recursos

disponíveis, assim como as oportunidades de participação em eventos, de publicações e de visitas institucionais.

O uso das novas Tecnologias de Informação e Comunicação se torna cada vez mais inexorável e totalitário. A concentração do controle de produção, circulação, armazenamento, análise e mercantilização das informações e conhecimentos, promovida pelo capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2015), coloca em risco a autonomia dos processos de pesquisas, seja no controle da produção científica, seja na apropriação e uso de seus resultados. Neste contexto, continuaremos a adotar e aperfeiçoar os dispositivos e estratégias de produção, recepção, armazenamento, comunicação de informações, seguindo rigorosamente os protocolos de segurança e os princípios éticos e político-democráticos.

Em um contexto de acentuada erosão das instituições democráticas e políticas públicas, enfrentamos também a deterioração da autonomia das universidades públicas e das agências de fomento científico. Mediante nosso trabalho acadêmico consistente e cooperativo, continuaremos a apoiar a construção e o aprimoramento das instituições públicas científicas e educacionais, alimentando microfisicamente as práticas, relações e estratégias participantes e críticas, coerentes com os princípios do Bem Viver. Ao mesmo tempo, buscaremos alimentar a parceria e o diálogo com lideranças de movimentos populares comprometidos com povos originários, no sentido de contribuir para que elaborem sua compreensão crítica do contexto contemporâneo e consolidem suas estratégias de resistência, resiliência e reexistência. Pois o empoderamento dos movimentos populares é fundamental para a (re)construção democrática do país.

Ao defender obstinadamente opções críticas e democráticas no desenvolvimento deste projeto de pesquisa, estaremos contribuindo proativamente para conter a aceleração da degradação ambiental e a corrida armamentista, riscos que estamos hoje enfrentando globalmente (EATON, 2020).

3.3. MODALIDADES DE APOIO AO PROJETO DE PESQUISA

O projeto de pesquisa, no último quadriênio, foi agraciado com as seguintes modalidades de apoio proporcionado pelo CNPq e pela CAPES:

(1.) Bolsa de Produtividade em Pesquisa – PQ. 306049/2017-1. Chamada CNPq N ° 12/2017 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ. Processo com vigência de março de 2018 a março de 2022: Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri.

(2.) Auxílio Pesquisa CNPq, Processo 27990/2018-1. Vigência 12/12/2018. Chamada MCTIC/CNPq N° 28/2018 - Universal/Faixa C.

(3.) Bolsa de Professor Visitante Nacional Sênior (UEPA/PROCAD), com vigência de setembro de 2019 a setembro de 2022.

4. ORIGINALIDADE, RELEVÂNCIA, VIABILIDADE E POTENCIAL INOVADOR DA PROPOSTA

O presente projeto resulta de um processo estocástico e fractal de pesquisa tecido ao longo de cinco décadas⁶², sendo as últimas duas com o apoio da bolsa de pesquisa nível 1 do CNPq. Sua originalidade concentra-se na formulação do problema, progressivamente aguda e radical, seja nas suas opções teórico-metodológicas, seja na sua articulação com a práxis socioeducacional intercultural.

Hoje, estamos tematizando o problema de pesquisa, focalizando a relação entre a colonialidade/modernidade e a ancestralidade/Bem Viver. Cada termo desta formulação incorpora diferentes dimensões da compreensão do problema estudado.

Entendemos “problema” como “estrutura de conexões” (BATESON, 1986) entre elementos ou contextos interagentes. Ao longo de nossa trajetória de pesquisa, fomos estocasticamente compreendendo a problematicidade das relações educativas como contrariedade (lógica formal), contradição (lógica dialética), complexidade (dialógica). A originalidade teórico-metodológica da nossa atual concepção de “problematicidade” advém da incorporação da dimensão “cosmológica” do Bem Viver, que redimensiona os princípios lógicos da relacionalidade (já enfatizada na lógica dialética) por sua articulação com os princípios de complementaridade, reciprocidade e integralidade.

⁶² Iniciei minha carreira de pesquisador ao ingressar em 1972 no Programa de Pós-Graduação em Educação, começando a estudar os processos de formação da consciência crítica pela articulação da prática educacional escolar com a práxis de educação popular. A partir da pesquisa de pós-doutorado em 1995-1996, com apoio do CNPq, passamos a direcionar nossa trajetória de pesquisa para o estudo da relação entre Educação Intercultural e Movimentos Sociais. Recentemente, aprendemos com os povos originários de Abya Yala a considerar o Bem Viver, ou Viver em Plenitude, como horizonte decolonial da educação intercultural crítica.

Tal contexto teórico-metodológico possibilita entender as relações entre sujeitos e entre contextos socioculturais, para além da dimensão individual da relação eu-tu, do seu contexto econômico-político de opressão e de suas dimensões ético-epistêmicas antropocêntricas constitutivas da modernidade/colonialidade. A cosmologia do Bem Viver redimensiona o entendimento da problemática das relações educacionais e interculturais na perspectiva ético-epistêmica “ecológica” e “cosmológica” da relação de integralidade, complementaridade e reciprocidade entre todos os seres da Natureza (para além do antropocentrismo e de seu viés econômico-político). Tal radicalidade lógico-epistemo-eco-cosmológica permite reinterpretar os processos de resistência e resiliência das classes e dos grupos “oprimidos”, a partir e para além do contexto do sistema-mundo moderno colonial capitalista, como tramas rizomáticas complexas de reexistências socioculturais, ancoradas em suas conexões ancestrais com o “sistema-vida” ecológico e cosmológico.

Do ponto de vista da práxis intercultural crítica, a originalidade de nosso propósito de pesquisa consiste em buscar reconhecer, nos entrelugares interculturais, o protagonismo e a autonomia dos povos e das culturas ancestrais na reconstituição decolonial crítica de seus modos ancestrais de saber e de poder, de ser e de viver. Tal perspectiva se configura e se empodera a partir das lutas de organizações indígenas, quilombolas, tradicionais, bem como através de movimentos populares enraizados ancestralmente, que atravessam de modo complexo e rizomático as histórias das diferentes sociedades.

Desta perspectiva teórico-metodológica decorre a relevância da contribuição deste processo de pesquisa para o desenvolvimento científico, tecnológico e sociocultural de nosso país.

Ao se incorporar os princípios epistêmicos da relacionalidade, complementaridade, reciprocidade e integralidade como critérios de “cientificidade” da produção dos saberes, se reconhece a contribuição das culturas ancestrais para o entendimento e enfrentamento radical dos impasses globais que estamos vivendo neste limiar de milênio. Assim, poderemos entender “cientificamente”, em sua complexidade cosmológica, as causas do colapso ambiental, da militarização e da erosão dos regimes democráticos, reconfigurando políticas e práticas socioculturais de viver, conviver e manter a vida em plenitude. Tal entendimento, ao se configurar na perspectiva complexa de ciência, poderá animar o protagonismo dos movimentos decoloniais de reexistências ancestrais, no sentido de conter o avanço acelerado das estratégias econômico-políticas neocoloniais, promotoras das tiranias, do avanço da corrida armamentista e da devastação dos “recursos” naturais.

Assim, do ponto de vista acadêmico e cultural, a originalidade e a relevância desta proposta residem principalmente em seu caráter de articulação de um processo de cooperação científica intercultural, interinstitucional e internacional para problematizar a colonialidade inerente aos processos interculturais no mundo contemporâneo e empoderar iniciativas, estratégias e perspectivas de cooperação intercultural crítica decoloniais na perspectiva do Bem Viver, emergentes em processos socioculturais de reexistências ancestrais agenciados pelos povos originários.

Este projeto de pesquisa dará continuidade a processos de cooperação científica entre grupos de pesquisa, em âmbito brasileiro e internacional, que vêm sendo promovidos, particularmente desde 1995, pela Rede Mover liderada pelo Grupo de Pesquisa Viver em Plenitude: Educação Intercultural e Movimentos Sociais - CNPq/UFSC. Este trabalho implementará as relações de cooperação com pesquisadoras e pesquisadores que atuam em vários contextos no Brasil, na América Latina, na Austrália e na África, promovendo a construção de mediações de diálogo crítico e cooperação decolonial com lideranças, comunidades e movimentos socioculturais de povos originários, no sentido de contribuir para seu empoderamento e protagonismo político-sociocultural.

O processo cooperativo de estudos e debates mobilizados por este projeto tem resultado em produção bibliográfica e científica, bem como de divulgação em rede mundial (de modo particular, através da www.mover.ufsc.br) que contribuem para a articulação de estudos do estado da arte e de produções críticas sobre a temática aqui focalizada, que servirão de referência para a formação de educadores, definição e defesa de políticas públicas, formulação e condução de projetos inovadores de ação sócio-culturais-ambientais no campo da sustentabilidade e da interculturalidade crítica.

A viabilidade da execução deste projeto é sustentada, por um lado, pela Rede Mover, construída ao longo da trajetória do Núcleo Mover – o Grupo de Pesquisa Viver em Plenitude: Educação Intercultural e Movimentos Sociais (CNPq/UFSC) – que vem desenvolvendo diferentes atividades de cooperação científica com pesquisadores e grupos de pesquisa de diferentes regiões brasileiras, bem como de universidades estrangeiras.

Estas redes contam com apoio institucional das universidades que sediam os grupos de pesquisa que as compõem. O projeto conta com o apoio particularmente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC), ao qual me encontro atualmente vinculado como professor permanente.

Também contamos com o apoio institucional do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGE-UEPA) e do programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA-UFPA).

Contamos com a parceria de colaboradores da pesquisa atuantes em diferentes contextos brasileiros e internacionais, particularmente na Colômbia, Argentina, Chile, Itália, Canadá e Austrália, com possibilidade de ampliar a rede de pesquisa para outros contextos nacionais e internacionais pertinentes.

Contamos, por fim, com a continuidade do apoio que o CNPq e a CAPES vêm prestando desde 1995 aos nossos projetos pioneiros de pesquisa e de formação de educadores. Este apoio é indispensável neste momento para sustentar a nossa trajetória de pesquisa, que se encontra no auge de seu potencial crítico e inovador no campo da educação intercultural.

Em suma, a viabilidade e a importância institucional deste projeto se consolidam por sua relevância e originalidade epistêmica e sociocultural, na medida em que avança numa perspectiva crítica e decolonial. Tal perspectiva pode ter efeitos sociopolíticos e ecológicos importantes. Pois, ao mobilizar formas decoloniais de poder, saber, ser e viver, promoverá a construção de estratégias socioculturais necessárias para garantir a convivência de todos os seres humanos com a natureza e entre si, para além de dispositivos e de estruturas de dominação sociocultural e de destruição sistemática da natureza vigentes no atual contexto mundial. Reconhecer criticamente e potencializar dialogicamente a densidade e a originalidade das contribuições dos diferentes povos e grupos socioculturais de origens ancestrais é condição de sobrevivência e de crescimento de todos. E isto pressupõe o desenvolvimento de processos interculturais decolonializantes. A originalidade deste trabalho, assim, está não só nos processos de estudo da produção científica atual, promovida sinergicamente por grupos de pesquisas avançadas, mas sobretudo pelas possibilidades de criação e transformação epistemológica e social a serem criadas pela interação e pelo debate crítico entre pesquisadores e pesquisadoras vinculados a instituições acadêmicas e a movimentos populares.

5. CONSIDERAÇÕES AVALIATIVAS SOBRE A PRODUTIVIDADE ACADÊMICA

Em fevereiro de 2022 completam-se 20 anos de minha atuação como pesquisador 1 do CNPq, configurando esta proposta como elegível para obter a bolsa de Pesquisador Sênior (PQ-Sr). As bolsas obtidas ao longo desse período estão apresentadas a seguir, no Quadro 2.

Quadro 2 - Bolsas CNPq PQ 1 Reinaldo Matias Fleuri (2002-2022)

Processo	Classificação PQ 1	Vigência
350006/2000-8	1D	01/03/2002 – 28/02/2004
304741/2003-5	1D	01/03/2004 – 28/02/2007
301810/2006-0	1C	01/03/2007 – 28/02/2010
305389/2009-2	1C	01/03/2010 – 28/02/2014
309054/2013-3	1C	01/03/2014 – 28/02/2018
306049/2017-1	1D	01/03/2018 – 28-02/2022

Fonte: COSAE/CNPq. Acesso em: 13 jul. 2021.

Assim, o presente projeto integrado de pesquisa, a ser desenvolvido no período de 2022-2027, dará continuidade à trajetória que estamos realizando há mais de duas décadas.

Numa visão prospectiva, ao formular o Projeto de Pesquisa “Educação intercultural: viver, conviver e gerar vida em plenitude”, decidimos continuar a explorar novas fronteiras científicas em um projeto de risco – tal como já mencionamos acima – propondo-nos a aprofundar o diálogo intercultural crítico, “conversitário”, da Rede Mover de pesquisas com lideranças de movimentos populares de origens ancestrais de Abya Yala, particularmente de povos amazônidas. Buscaremos compreender criticamente as contradições/conexões entre os processos socioculturais instaurados pela modernidade/colonialidade e os processos decoloniais de reexistências, protagonizados pelos povos originários a partir de suas raízes culturais ancestrais.

Ao convidar parceiros de pesquisas com quem estamos interagindo e cooperando desde longa data, surpreendeu-nos a prontidão e intensidade com que aceitaram compor e conduzir sociopoeticamente a rede internacional e intercultural para desenvolver e ampliar este projeto. Esta pronta mobilização, a partir do apelo feito por este projeto de pesquisa, demonstra a liderança acadêmico-científica na área da educação intercultural que construímos no país e no exterior.

Tal liderança e capacidade de explorar novas fronteiras científicas em projetos de risco veio se consolidando paulatinamente. Com efeito, ao realizar uma retrospectiva de nossa

trajetória de pesquisa ao longo das últimas duas décadas, destacamos indicadores da sua relevância, originalidade e caráter inovador da contribuição científica, tecnológica, intelectual e sociocultural.

5.1. EXERCÍCIO DE LIDERANÇA DO GRUPO DE PESQUISA

A trajetória do Grupo de Pesquisas Viver em Plenitude: Educação Intercultural e Movimentos Sociais (CNPq/UFSC) – tal como já parcialmente relatada e analisada em Fleuri (2017b) e retomada na introdução do presente projeto – evidencia o caráter pioneiro e inovador de sua produção no campo da educação intercultural no Brasil, mantendo sua liderança no campo das pesquisas interculturais na comunidade científica brasileira.

A partir da pesquisa de pós-doutorado (Università di Perugia, 1995-1996), tematizamos a educação intercultural na perspectiva da complexidade, quando esta temática estava apenas emergente no cenário acadêmico nacional. Nossos sucessivos processos de pesquisa, apoiados pelo CNPq de 2000 a 2022, estudam os desafios interculturais que se colocam no Brasil, no contexto intersetorial das relações interétnicas, de gênero, de gerações, de diferenças físicas e mentais. Propõem, desenvolvem e analisam projetos de formação de educadores para atuar com a educação inclusiva, educação popular, educação para a diversidade e cidadania e para a compreensão intercultural das religiões. Aprofundam estudos epistemológicos decoloniais e chegam, agora, com a enunciação de novo projeto intercultural e internacional (2022-2027), a propor a continuidade da articulação de pesquisas em rede, acolhendo o protagonismo e a complexidade dos movimentos populares enraizados nas cosmovisões dos povos originários ancestrais, para promover a potencialização de estratégias e práticas educacionais que promovam o viver, conviver e gerar vida em plenitude.

5.2. PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Ao longo dos vinte anos de atuação como Pesquisador 1 do CNPq, publicamos 45 artigos completos em periódicos (sendo 23 publicações no decênio 2001-2011 e 22, no último decênio), 24 livros (14 na primeira década e 10 na última) e 44 capítulos de livros (sendo 23 na década anterior a 2011 e 31 na década posterior), além de trabalhos e resumos em anais de eventos e outras publicações, conforme indicado na Tabela 2. O ritmo da produtividade científica manteve-se constante e crescente, como se evidencia ao se comparar o conjunto de

publicações realizado no primeiro decênio (2001-2011) e o demonstrado no decênio recente (2011-2021), conforme apresentado no Apêndice, Quadros 3, 4 e 5.

Tabela 2 - Indicadores de produção bibliográfica (2001-2021)

Produção bibliográfica	Total
Artigos completos publicados em periódicos	45
Livros	24
Capítulos de livros	54
Trabalhos publicados em anais de eventos	44
Resumos publicados em anais de eventos	29
Outras	108

Fonte: CV Lattes (<http://lattes.cnpq.br/0966229092773143>). Acesso em: 20 ago. 2021.

Tal produção teve significativo impacto na comunidade científica, como representado na Figura 1. O Google Acadêmico indica o total de 2726 citações (até 27/08/2021), em média crescente nas últimas décadas (sendo 200 citações/ano, no último quinquênio).

Figura 1 – Citações por ano no período de 2001 a 2021



Fonte: Google Acadêmico (<https://bit.ly/3D4Bvtg>). Acesso em: 20 ago. 2021.

As obras mais citadas ao longo do período, segundo o Google Acadêmico, referem-se a estudos pioneiros sobre o tema da educação intercultural no Brasil : FLEURI, 2003 ([Intercultura e educação](#)); 2003 ([Educação intercultural: mediações necessárias](#)) e 2001 ([Desafios à educação intercultural no Brasil](#)).

Já as obras mais procuradas recentemente, conforme o Academia, são as que focalizam os temas da “Educação intercultural e movimentos sociais”, “Perfil profissional docente no Brasil”, “Aprender com os povos indígenas” e “sustentabilidade”. As obras mais acessadas podem ser verificadas na Tabela 3 ou, em tempo real, online (<https://bit.ly/3j6Lx1w>).

Tabela 3 - Obras mais acessadas (2001-2021)

Título (Title)	Visto (All-Times Views)	Baixados (All-Times Downloads)
Educação Intercultural e Movimentos Sociais: Trajetória de Pesquisa da Rede Mover	238	91
Perfil Profissional Docente no Brasil: Metodologias e Categorias de Pesquisas	253	60
Learning from Brazilian Indigenous Peoples: Towards a Decolonial Education Special issue: South-South Dialogues: Global Approaches to Decolonial Pedagogies	104	52
Aprender com os povos indígenas	68	18
Conversidade	197	14
(Enfoque) Sustentabilidade: desafios para a educação científica e tecnológica.	400	13
Fleuri 2012 Visão Global-Apresentação	55	10
(Apresentação) Sustentabilidade: desafios para a educação científica e tecnológica	251	6
Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional	35	6

Fonte: Academia (<https://bit.ly/3j6Lx1w>). Acesso em: 20 ago. 2021.

De nosso ponto de vista, as obras recentes mais significativas em termos de originalidade científica e pedagógica são os três livros que apresentam a trajetória de pesquisa e artigos produzidos ao longo do processo de pesquisa realizado pelo Núcleo Mover (FLEURI, 2017b, 2018, 2019), que focalizam a trajetória do Núcleo Mover, a formação de educadores e a concepção da “conversidade”, constituindo-se, portanto, numa referência histórica do debate sobre educação intercultural no Brasil. Já os livros publicados em coautoria com pesquisadores em formação têm relevância pedagógica inovadora, como indicaremos adiante. Salientamos, ainda, os artigos recentes publicados em periódicos internacionais (FLEURI; FLEURI, 2017), (FLEURI, 2020; 2021) e nacionais (FLEURI, 2017a), (ALBUQUERQUE; FLEURI, 2020) que vêm discutindo a temática emergente da interculturalidade crítica e fundamentando a temática do Viver em Plenitude, priorizada no presente projeto de pesquisa.

5.3. FORMAÇÃO DE PESQUISADORES

O potencial de formação de pesquisadores neste vintênio está indicado sinopticamente na Tabela 4 - Orientações concluídas (2001-2021) e corresponde a 14 orientações concluídas de mestrado, 10 de doutorado e 4 de pós-doutorado, bem como 18 de iniciação científica e 19 de outra natureza. Além disso, há projetos de pesquisa em andamento de doutorado (3), de mestrado (1) e de pós-doutorado (1), tal como apresentados no Apêndice, Quadro 6 - Orientações Realizadas.

Tabela 4 - Orientações concluídas (2001-2021)

	Total
Mestrado	14
Doutorado	10
Supervisão de pós-doutorado	4
Iniciação Científica	18
Outras	19

Fonte: CV Lattes (<http://lattes.cnpq.br/0966229092773143>). Acesso em: 20 ago. 2021.

Ressalta-se a contribuição inovadora para a formação de estudantes de pós-graduação através de experiências pedagógicas geradoras de publicações em coautorias, como foram os seminários desenvolvidos no PPGICH/UFSC (2018), no PPGEduc/UNIRIO (2018) e no PPGEd/UEPA (2019 e 2020), que resultaram na publicação dos livros (FLEURI; OLMO-EXTREMERA, 2019 e FLEURI; OKAWATI, 2021) – Quadro 3 - Seminários de pós-graduação realizados recentemente (2017-2021).

5.4. GESTÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA

O exercício de gestão acadêmico-científica em nível internacional é destacado pela atuação como Presidente da Association Internationale pour la Recherche Interculturel no período de 2007 a 2011, bem como pelo exercício de cargos em diferentes órgãos colegiados da UFSC.

Com base nos vínculos institucionais que assumimos como professor visitante e voluntário particularmente após nossa aposentadoria em 2011 – Apêndice, Quadro 4 - Cargos desempenhados (2001-2021) – concentramos nossos esforços, para além de atividades

administrativas, na promoção e gestão de projetos de pesquisa e de extensão (Apêndice, Quadro 11 - Projetos de pesquisa e de extensão). Destacamos a coordenação dos projetos integrados de pesquisa que vêm sendo apoiados pelo CNPq e pela CAPES, ao longo de 20 anos, bem como nossa parceria com projetos específicos recentes liderados por pesquisadores da UEPA e da UFPA, que constituem a base para a construção do presente projeto integrado de pesquisa. Destacamos, ainda, as atividades de extensão que tiveram relevância em nossa trajetória de pesquisa foram os processos de cooperação científica internacional, bem como os projetos de formação de educadores desenvolvidos em parceria o Ministério da Educação, a Universidade de Montreal, o SESI e a Fundação Palmares.

5.5. COORDENAÇÃO DE PROJETOS NUCLEADORES

A coordenação de projetos nucleadores de diferentes grupos de pesquisa no país se evidencia desde quando, na qualidade de líder do Grupo de Pesquisa Educação Intercultural e Movimentos Sociais (CNPq/UFSC), assumimos também a liderança do Projeto Rizoma - Educação Intercultural e Movimentos Sociais: Cidadania e Reconhecimento Identitário no Sul do Brasil, financiado pelo CNPq no âmbito do Plano Sul de Pesquisa e Pós-Graduação desenvolvido no período de 2001 a dezembro de 2004.

Tal ação articuladora se ampliou em nível nacional e internacional mediante a coordenação de quatro seminários internacionais (1997, 2003, 2006 e 2009), culminando com a realização do XII Congresso Internacional da Association Internationale pour la Recherche Interculturelle (ARIC), sediado na UFSC no período de 29 de junho a 03 de julho de 2009. Este evento reuniu 560 pesquisadores de 31 países dos 5 continentes.

5.6. INSERÇÃO INTERNACIONAL

A inserção internacional é evidenciada também pela profícua participação em eventos internacionais (Apêndice, Quadro 5 - Organização de eventos científicos), mobilizados pela organização de projetos de cooperação científica internacional entre grupos de pesquisa. Destacamos o denso processo de cooperação que se realizou, com o apoio financeiro de órgãos de fomento canadenses, entre o Núcleo Mover e o Centro de Estudos Ethniques des Universités Montrealaises, seja mediante intercâmbio de estudantes de doutorado (de Maria Olandina Machado e Tania Goitiandia Moore), seja pela organização dos colóquios de estudos

comparados entre Brasil e Quebec sobre Educação Intercultural e Inclusiva, envolvendo a cooperação do IFC, da UDESC, da FURB e da UFRJ em 2015 (em Florianópolis), sediado na Université de Quebec à Trois Rivières em 2016 (em Trois-Rivieres, Canadá) e sediado na Universidade Federal do Sul da Bahia em 2017 (Porto Seguro, Brasil), que resultaram em publicações conjuntas internacionais (Apêndice, Quadro 6 - Organização de eventos científicos).

Destaque-se o envolvimento na organização do Colloque International de l'ARIC 2016, que se realizou em Olinda, em 25-28 de abril de 2016 e do IV Seminário Internacional Inclusão em Educação: Universidade e Participação, realizado no Rio de Janeiro em 11-13 de maio de 2016.

Destacamos também a liderança na criação e reedição dos Colóquios Internacionais Diálogos Sul-Sul. O primeiro e o segundo encontros de Diálogos Sul-Sul foram promovidos pela University of Queensland (Brisbane, Austrália) em 2015 e 2017. O terceiro encontro se realizou na Universidad Nacional de Tres de Febrero (Buenos Aires, Argentina) em 2018. O quarto Colóquio se realizou na Universidade do Estado do Pará em 2019 (Belém, Brasil) e o quinto, realizado online, foi mobilizado pela Universidade Federal do Acre (Rio Branco, Brasil).

A inserção internacional se evidencia, enfim, pelas atividades de professor visitante na Université de Sherbrooke (Canadá, 2006), no Curtin University Sustainability Policies Institute (Perth, Austrália, 2013), bem como as nomeações como Honorary Professor na Griffith University (2014-2020) e na University of Queensland (Brisbane, Austrália, de 2014-atual).

5.7. COLABORAÇÃO EM COMITÊ EDITORIAL

Destaca-se, por fim, a participação como membro de Comitê Editorial de periódicos científicos qualificados na Área (Apêndice, Quadro 8 - Atividades de editoração científica - 2001-2021). Propomo-nos a manter nossa cooperação como membro de conselhos editorial de ao menos três periódicos com que mais temos colaborado recentemente (Interface, E-Curriculum e IGI).

Em suma, estes destaques na trajetória de produção acadêmica justificam a concessão da bolsa PQ/CNPq, na modalidade de Pesquisador Sênior, ao demonstrar a regularidade na produção acadêmica e formação de recursos humanos, expressando liderança acadêmico-científica na área de pesquisas em Educação Intercultural no país e no exterior, bem como o

potencial para explorar novas fronteiras científicas em projetos de risco, tal como se consolida no novo projeto de PQ-Sr proposto para o próximo quinquênio.

6. SINOPSE

Relevância, originalidade e caráter inovador da contribuição científica, tecnológica, intelectual e artística do proponente ao longo da carreira, com ênfase na atividade recente.

A carreira acadêmica do professor Reinaldo Matias Fleuri, iniciada há 50 anos, vem prestando significativa contribuição científica, intelectual e criativa à prática educacional e à pesquisa, nos campos da educação intercultural, educação ambiental, formação de educadores e pesquisadores. A relevância de tal contribuição para a produção científica se verifica principalmente pelo significativo número de citações de sua obra, pela crescente produtividade acadêmica, assim como pelas atividades de cooperação científica interinstitucional e internacional que vem realizando. As pesquisas desenvolvidas e lideradas pelo pesquisador são pioneiras no campo da educação intercultural e têm focalizado temas e questões de vanguarda no debate científico em âmbito nacional e internacional, trazendo perspectivas e propostas originais e enraizadas no contexto sociocultural contemporâneo.

Partindo do estudo da educação intercultural, como linha de fuga que traça a perspectiva de superação das relações autoritárias e disciplinares na escola (tema desenvolvido na pesquisa de pós-doutorado em 1995-1996), aprofunda, ao longo do primeiro decênio do milênio, o estudo da complexidade, das contradições e das criativas articulações entre educação escolar e educação popular, bem como suas implicações para a formação de educadores populares e de professores. Neste campo, aprimora criticamente teorias e propostas educacionais de vanguarda como tem sido a dialogicidade, a complexidade, a decolonialidade. Agora, no último decênio, vem aprofundando o estudo das contribuições críticas e paradigmáticas das culturas ancestrais dos povos originários para o desenvolvimento científico.

A originalidade deste processo de construção teórico-metodológica tem promovido processos radicalmente inovadores na práxis pedagógica (ao experimentar e teorizar metodologias dialógico-problematizadoras na prática educacional escolar e popular, como os estudos realizados junto a experiências de formação de educadores populares de capoeira, assim como nos projetos formação para a educação inclusiva e para a diversidade, realizadas na década de 2001-2011). Na mesma direção, durante a última década (2011-2021), as pesquisas avançaram significativamente no campo da interculturalidade crítica e da práxis dialógica de formação de pesquisadores e de educadores, em nível de pós-graduação, que resultaram em emblemáticas obras produzidas recentemente em coautoria com pesquisadores e pesquisadoras

em formação (tais como: FLEURI; OLMO-EXTREMERA, 2019 e FLEURI; OKAWATI, 2021).

Mérito acadêmico e intelectual, originalidade e relevância do projeto para o desenvolvimento científico, tecnológico ou social do país, considerando, adicionalmente, seus potenciais impactos e caráter inovador.

O presente projeto de pesquisa – que propõe focalizar o tema da educação intercultural, recorrente em todas os projetos de pesquisa realizados nas últimas três décadas, agora focalizando as cosmovisões ancestrais dos povos originários de Abya Yala, voltadas para a perspectiva de “viver, conviver e gerar vida em plenitude” – fundamenta a formulação de seus objetivos em referências teórico-metodológicas estudadas e debatidas criticamente ao longo do percurso de pesquisa.

A consistência teórica do projeto enseja avanços na concepção da metodologia de formulação e do estudo do problema (indicado pela contradição entre a modernidade/colonialidade e a ancestralidade/Bem Viver), ao incorporar princípios epistêmicos de culturas ancestrais complexos, para além das lógicas modernas, formal e dialética. Neste sentido, problematiza-se o racionalismo, antropocentrismo e o especismo, viabilizando-se um diálogo crítico decolonial com as cosmovisões de povos originários, ao se reconhecer os princípios ético-epistêmicos da relacionalidade, complementaridade, reciprocidade e integralidade. Assim, o atravessamento ético-epistêmico transmoderno possibilita desativar os dispositivos subalternizantes, montados segundo as lógicas bipolares e generalizantes da modernidade, abrindo possibilidade de reconhecer a alteridade, a singularidade e o protagonismo dos povos originários, e aprender com os modos de saber e de poder, de ser e de viver das culturas ancestrais de Abya Yala. Tal aprendizado é extremamente relevante no contexto contemporâneo, uma vez que pode fundamentar e mobilizar estratégias socioculturais e políticas públicas necessárias para enfrentar com eficácia os três grandes impasses em que a humanidade se encontra hoje, tal como apontados por Noam Chomsky (ou seja, lembrando o que já indicamos anteriormente, os riscos do colapso ambiental global, da corrida armamentista e da erosão das democracias). Neste sentido, a contribuição do presente projeto é extremamente necessária, original e inovadora.

A articulação do processo de pesquisa em rede constitui-se como estratégica fractal e sustentável de cooperação científica interinstitucional e internacional, que lhe garante

viabilidade e amplo potencial de expansão. A promoção cooperativa de eventos e colóquios, em que lideranças e pesquisadores orgânicos aos povos e movimentos populares de raízes ancestrais desempenham posição protagonista, se constitui como processo de produção de pesquisa, ao mesmo tempo que de empoderamento de pesquisadores populares, na busca de Bem Viver, ao conviver e gerar vida em plenitude.

Contribuição do proponente para a formação de recursos humanos altamente qualificados e atuação em cursos de graduação e pós-graduação.

O proponente tem contribuindo para a formação de pesquisadores e educadores mediante as orientações realizadas (nos últimos 20 anos, orientou 14 pesquisas de mestrado, 10 de doutorado e 5 de pós-doutorado, além da orientação dos projetos de pesquisa em andamento), tendo atuado em cursos de graduação e de pós-graduação, construindo experiências pedagógicas inovadoras no sentido dialógico-problematizador, ao mesmo tempo em que acadêmica e culturalmente produtivo. Com efeito, muitas das experiências pedagógicas resultaram em publicações coautorais, demonstrando a potencialização criativa e autoral dos estudantes e das estudantes.

Cooperação com grupos de pesquisas ou instituições no país e no exterior, e participação ou coordenação de projetos e redes de pesquisa.

Desde 1997, professor Reinaldo Fleuri lidera o Grupo de Pesquisa “Viver em Plenitude: Educação Intercultural e Movimentos Sociais”, que tem sustentado uma ampla rede de pesquisas em âmbito nacional e internacional, responsável pela organização de Congressos e Colóquios Internacionais (Apêndice, Quadro 10 - Organização de eventos científicos), publicações científicas (Apêndice, Quadro 7 - Periódicos científicos) e projetos integrados de pesquisa (Apêndice, Quadro 11- Projetos de pesquisa e de extensão).

Grau de aderência do projeto às Áreas: Estratégicas, Habilitadoras, de Produção, para Desenvolvimento Sustentável e para Qualidade de Vida bem como o grau de aderência do projeto à ciência básica e fundamental.

O projeto de Pesquisa, ao consolidar a produção científica de vanguarda sobre o tema do “viver, conviver e gerar vida em plenitude” adere essencialmente às áreas estratégicas de Desenvolvimento Sustentável e para Qualidade de Vida, dando continuidade à produção científica desenvolvida nos campos da sustentabilidade e Bem Viver.

Atuação em sociedades científicas e editoria de periódicos científicos no país e no exterior, atuação em gestão científica, prêmios, condecorações, e outras distinções, considerando sua fase profissional.

O Proponente vem atuando assiduamente em sociedades científicas nacionais (ANPED, ABRASCO, IPF) e internacionais (CEETUM, DCMET, tendo sido presidente da ARIC em duas gestões), realizou estágios de professor visitante no Brasil (IFC, UNIRIO, UEPA) e no exterior (Université de Sheerbrooke), sendo professor honorário desde 2014 nas universidades australianas Griffith University e The University of Queensland.

Em suma, caráter pioneiro e inovador do processo de pesquisa desenvolvido durante a carreira de pesquisador CNPq 1, com significativo impacto na produção científica, para a formação de pesquisadores e educadores, bem como para a cooperação científica interinstitucional, em âmbito nacional e internacional, justifica a classificação do proponente no nível de Pesquisador Sênior CNPq.



Ficha Técnica: *Título:* (Conversidade ancestral). *Autora:* Carla Bethania Ferreira da Silva *aliás,* Yapoti Porã Eté. *Ano:* 2021. *Dimensões:* 60x50cm. *Técnica:* Pintura, tinta de tecido, puff e urucum sobre tela. *Fotografia:* Reinaldo Matias Fleuri.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

ALBUQUERQUE, Carla Pontes de; FLEURI, Reinaldo Matias. Lições da pandemia: aprender com outras epistemologias o cuidado coletivo com reciprocidade. Revista de Educação Popular, Uberlândia, p. 268-280, jul. 2020. Edição especial. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/56010>. Acesso em: 7 ago. 2021.

ALTMANN, Philipp. Buen Vivir como propuesta política integral: dimensiones del Sumak Kawsay. **Mundos Plurales**: Revista Latinoamericana de Políticas y Acción Pública, v. 3, n. 1, p. 55-74, maio 2016. Disponível em: <https://revistas.flacsoandes.edu.ec/mundosplurales/article/view/2318>. Acesso em: 15 ago. 2021.

ARDOINO Jacques et al. Sciences de l'éducation, Sciences Majeures. ACTES DE JOURNEES D'ETUDE TENUES A L'OCCASION DES 21 ANS DES SCIENCES DE L'EDUCATION. Issy-les-Moulineaux: EAP, Colección Recherches et Sciences de l'éducation, 1991, p. 173-181. Disponível em http://publicaciones.anuies.mx/pdfs/revista/Revista87_S1A1ES.pdf . Acesso em 21.08.2021

ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL (APIB). **Vitória**: Movimento indígena pressiona e Anglo American desiste de 27 autorizações para pesquisa de cobre em territórios. Pará, 2021. Disponível em: <https://cimi.org.br/2021/07/vitoria-movimento-indigena-pressiona-anglo-american-desiste-27-autorizacoes-pesquisa-cobre-territorios/> . Acesso em: 19 ago. 21.

ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL (APIB); AMAZON WATCH. **Cumplicidade na destruição III**: como corporações globais contribuem para violações de direitos dos povos indígenas da Amazônia Brasileira. APIB/AW, 2020. Disponível em: <https://amazonwatch.org/assets/files/2020-cumplicidade-na-destruicao-3.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2021.

AZEVEDO-LOPES, Ronnielle. **Temëjakrekatê: gnosecídio, resistência e transcolonialidade dos saberes tradicionais no Vale do Tocantins-Araguaia**. 2021. 350 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

BATESON, Gregory. **Mente e Natureza**: a unidade necessária. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986,

BATESON, Gregory. **Una Sacra unità**: altri passi verso un'ecologia della mente. Milano: Adelphi, 1997.

BATESON, Gregory. **Verso un'ecologia della mente**. Milano: Adelphi, 1976.

BENTO, Karla Lucia. **Povo Laklãnõ/Xokleng e/em processos de decolonização**: leituras a partir da Escola Indígena de Educação Básica Vanhecu Patté - Aldeia Bugio/Terra Indígena Ibirama/SC. 2018. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, 2018. Disponível em: https://bu.furb.br/docs/TE/2018/364848_1_1.pdf. Acesso em: 15 ago. 2021.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOLÍVIA. **Constitución Política del Estado**. Ciudad de El Alto de La Paz, [2009]. Disponível em: https://www.oas.org/dil/esp/Constitucion_Bolivia.pdf Acesso em: 15 ago. 2021.

CAMPOS, Marico D'Olne. Editorial. **Revista Interdisciplinar Sulear**, Belo Horizonte, ano 2, n. 2, p. 6-8, set. 2019. Disponível em: <https://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2020/01/Dossie-Sulear-SURear.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2021.

CIVITA, Victor (ed.). **Aristóteles**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 66-84. (Coleção Os Pensadores).

CLASTRES, Hélène. **Terra sem mal**: o profetismo Tupi-Guarani. São Paulo: Brasiliense, 1978.

CONFEDERACIÓN MAPUCE DE NEUQUÉN - CMN. **Propuesta para un KVME FELEN MAPUCE**. Neuquén: CMN, 2010. Disponível em: <http://www.unter.org.ar/imagenes/kvme-felen-Plan-de-vida.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

EATON, George. **Noam Chomsky**: the world is at the most dangerous moment in human history. New Statesman, 2020. Disponível em: <https://www.newstatesman.com/world/2020/09/noam-chomsky-world-most-dangerous-moment-human-history> Acesso em: 15 ago. 2021.

ECUADOR. **Constitución de la Republica del Ecuador 2008**. Ciudad Alfaro, Montecristi, [2008]. Disponível em: https://www.oas.org/juridico/pdfs/mesicic4_ecu_const.pdf. Acesso em: 15 ago. 2021.

FERRAZ, [Marcos Grinspum](#). **“Temos que aprender a ser índios antes que seja tarde”, diz antropólogo**. Arte!Brasileiros, 2017. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/brasil/temos-que-aprender-a-ser-indios-antes-que-seja-tarde-diz-antropologo-2/> Acesso em: 14 ago. 2021.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Consciência crítica e universidade**. 1978. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1978.

FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural e movimentos sociais: considerações introdutórias. In: FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis, Mover/NUP, 1998.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação popular e universidade**: contradições e perspectivas emergentes nas experiências de extensão universitária em educação popular da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP (1978-1987). Florianópolis: NUP/CED/ UFSC, 2001.

FLEURI, Reinaldo Matias. **A questão do conhecimento na educação popular**: uma avaliação do Seminário Permanente de Educação Popular e de suas implicações epistemológicas. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

FLEURI, Reinaldo Matias. Conversidade: conhecimento construído na relação entre educação popular e universidade. **Revista Educação Brasileira**, Brasília, DF, v. 27, n. 54, p. 11-67, 2005.

FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios epistemológicos emergentes na relação intercultural. **Série Estudos** - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande, n. 27, p. 11-21, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/181/0>. Acesso em: 12 mar. 2017.

FLEURI, Reinaldo Matias. Aprender com os povos indígenas. **Revista de Educação Pública**, [S.l.], v. 26, n. 62/1, p. 277-294, maio 2017a. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4995>. Acesso em: 21 jul. 2017.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação intercultural e movimentos sociais**: trajetória de pesquisas da Rede Mover. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017b.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação intercultural e formação de Educadores**. João Pessoa: UFPB, 2018.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Conversidade**: conhecimento construído na relação entre educação popular e universidade. João Pessoa: UFPB, 2019.

FLEURI, Reinaldo Matias. Paulo Freire e as cosmovisões dos povos originários. **Educazione Aperta**, v.7, p. 242-261, 2020. Disponível em: <https://educazioneaperta.it/archives/2828>. Acesso em: 14 ago. 2021.

FLEURI, Reinaldo Matias. Interculturality, identity and decoloniality. **International Journal of Information Systems and Social Change**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 32-44, Jan./Mar. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/2WezpXa> . Acesso em: 7 ago. 2021.

FLEURI, Reinaldo Matias; FLEURI, Lilian Jurkevicz. Learning from Brazilian indigenous peoples: toward a decolonial education. **The Australian Journal of Indigenous Education**, Brisbane, Australia, v. 47, n. 1, p. 8-18, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/184960>. Acesso em: 7 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GAUTHIER, Jacques. Demorei tanto para chegar... - ou: nos vales da epistemologia transcultural da vacuidade. **Tellus**, Campo Grande, ano 11, n. 20, p. 39-67, jan./jun. 2011.

Disponível em: <https://tellusucdb.emnuvens.com.br/tellus/article/view/214/260>. Acesso em: 15 ago. 2021.

GAUTHIER, Jacques; FLEURI, Reinaldo Matias; GRANDO, Beleni Salette (org.). **Uma pesquisa sociopoética: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação**. Florianópolis: Núcleo de Publicações do Centro de Ciências da Educação da UFSC, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 143-179.

GREEN STOCEL, Abadio. **La educación desde la Madre Tierra: un compromiso con la humanidad**. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN, INVESTIGACIÓN Y FORMACIÓN DOCENTE, 2006, Medellín. **Anais [...]**. Medellín: Facultad de Educación, Universidad de Antioquia, 2006.

HECK, Egon Dionísio; SILVA, Renato Santana da; FEITOSA, Saulo Ferreira (org.). **Povos indígenas: aqueles que devem viver. Manifesto contra os decretos de extermínio**. Brasília: Conselho Indigenista Missionário, 2012.

HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis; ARIAS, Alexander; ÁVILA, Javier. “El pensamiento indigenista ecuatoriano sobre el *Sumak Kawsay*”. In: **Sumak Kawsay Yuyay: antología del pensamiento indigenista ecuatoriano sobre Sumak Kawsay**. Huelva; Cuenca: FIUCUHU, 2014. p. 25-73. Disponível em: https://base.socioeco.org/docs/libro_sumak.pdf Acesso em: 15 ago. 2021.

HUANACUNI MAMANI, Fernando. **Buen Vivir/Vivir Bien: filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas**. Lima: Coordinadora Andina de Organizaciones, 2010. Disponível em: <http://www.dhl.hegoa.ehu.es/recursos/733>. Acesso em: 6 ago. 2017.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MACAS, Luis. “El *Sumak Kawsay*”. In: HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis; GARCÍA, Alejandro Guillén; GUAZHA, Nancy Deleg (ed.). **Sumak Kawsay Yuyay: antología del pensamiento indigenista ecuatoriano sobre Sumak Kawsay**. Huelva; Cuenca: FIUCUHU, 2014. p. 179-192. Disponível em: https://base.socioeco.org/docs/libro_sumak.pdf. Acesso em: 15 ago. 2021.

MACHADO, Ricardo. Casé Angatu Xukuru Tupinambá: “Nós não somos donos da terra, nós somos a terra”. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, ano XVIII, n. 527, p. 38-41, ago. 2018. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao527.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021.

MALDONADO, Luis. “El Sumak Kawsat/Buen Vivir/Vivir Bien. La experiencia de la República del Ecuador”. In: HIDALGO-CAPITÁN, Antonio Luis; GARCÍA, Alejandro Guillén; GUAZHA, Nancy Deleg (ed.). **Sumak Kawsay** Yuyay: antología del pensamiento indigenista ecuatoriano sobre Sumak Kawsay. Huelva; Cuenca: FIUCUHU, 2014. p. 193-210. Disponível em: https://base.socioeco.org/docs/libro_sumak.pdf. Acesso em: 15 ago. 2021.

MELIÀ, Bartolomeu. Palavras ditas e escutadas. **Mana**, v. 19, n. 1, p. 181-199, 2013.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mana/a/RpgFGc8zn8bYWVCCpqvzQ5b/?lang=pt&format=pdf>

Acesso em: 15 ago. 2021.

MORIN, Edgard. Le vie della complessità. In: BOCCHI G.; CERUTI M. (org.). **La sfida della complessità**. Milano: Feltrinelli, 1985. p. 49-60.

NAKATA, Martin. La Interfaz Cultural. **Revista Peruana de Investigación Educativa**, v.2, n. 2, p. 7-26, 2010. Disponível em: <https://revistas.siep.org.pe/index.php/RPIE/article/view/8>. Acesso em: 15 ago. 2021.

NAKATA, Martin. **The cultural interface**: an exploration of the intersection of Western knowledge systems and Torres Strait Islanders positions and experiences. 1997. Tese - James Cook University, Townsville, 1997. Disponível em: <https://researchonline.jcu.edu.au/11908/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

PADILHA, Paulo Roberto. **Currículo intertranscultural**: novos itinerários para a educação. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

POHLHAUS, Gaile. Knowing communities: An investigation of Harding’s standpoint epistemology. **Social Epistemology**, v. 16, n. 3, p. 283-293, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, out. 2002. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1285>. Acesso em: 14 ago. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Toward a new common sense**: law, science and politics in the paradigmatic transition. Nova Iorque: Routledge, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, João Vitor. Os desafios de reconhecer o índio como agente ativo na História.

Revista do Instituto Humanitas Unisinos, ano XVIII, n. 527, p. 15-18, ago. 2018.

Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao527.pdf>.

Acesso em: 26 jul. 2021.

SARANGO MACAS, Luis Fernando. **El paradigma educativo de Abya Yala**: continuidad histórica, avances y desafíos. Managua: URACAN, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1980.

SERRES, Michel. **Eclaircissements**. Paris: Flammarion, 1994.

SEVERI, V.; ZANELLI, P. **Educazione, complessità e autonomia dei bambini**. Firenze: Nuova Italia, 1990.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TURINO, Célio. Prefácio à edição brasileira. In: ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, 2016. p. 13-16.

WALDMÜLLER, Johannes M. Buen Vivir, Sumak Kawsay, ‘Good Living’: an introduction and overview. **Alternautas**, v. 1, n. 1, p. 17-28, dez. 2014. Disponível em: <http://www.alternautas.net/blog/2014/5/14/buen-vivir-sumak-kawsay-good-living-an-introduction-and-overview> Acesso em: 15 ago. 2021.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, sociedad**: luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Universidad Andina Simon Bolívar: Abya Yala, 2009.

WATSON, Irene. **Aboriginal peoples, colonialism and international law**. Abington: Routledge, 2015.

ZUBOFF S. Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization. **Journal of Information Technology**, v. 30, n. 1, p. 75-89, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/jit.2015.5> Acesso em: 23 ago. 2021.

APÊNDICE

Na sequência são apresentadas as produções acadêmicas, categorizadas por tipo de trabalhos publicados e segmentadas em dois períodos: 2001 a 2010 e 2011 a 2021, a fim de possibilitar um comparativo entre as duas décadas de atuação consideradas no presente projeto de pesquisa. Adicionalmente, são descritas atividades acadêmicas desempenhadas ao longo do mesmo período.

Quadro 8 - Periódicos científicos

PUBLICAÇÕES EM PERIÓDICOS (2011-2021)		
Ano	Referência	e-ISSN
2021	OLIVEIRA, Waldma Maíra Menezes; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; FLEURI, Reinaldo Matias. Sentidos e significados de graduandos da Educação do Campo da UFPA/Cametá sobre a pessoa com deficiência. Línguas e Letras , v. 22, n. 52, p. 109-125, 2021. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewFile/27127/pdf . Acesso em: 20 ago. 2021.	1981-4755
2021	FLEURI, Reinaldo Matias. Interculturality, identity and decoloniality. International Journal of Information Systems and Social Change , [s.l.], v. 12, n. 1, p. 32-44, Jan./Mar. 2021. Disponível em: https://bit.ly/2WezpXa . Acesso em: 7 ago. 2021.	1941-868X
2020	BENTES, José Anchieta de Oliveira; LOBATO, Huber Kline Guedes. Alteridade e diálogo em Paulo Freire: entrevista com Reinaldo Matias Fleuri. Periferia , [s.l.], v. 12, n. 1, p. 248-270, jan./abr. 2020. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/48449 . Acesso em: 7 ago. 2021.	1984-9540
2020	FLEURI, Reinaldo Matias. Paulo Freire e as cosmovisões dos povos originários. Educazione aperta , [s.l.], v. 7, p. 242-261, 2020. Disponível em: https://zenodo.org/record/3993204#.YQ8OLYhKjcc . Acesso em: 7 ago. 2021.	
2020	ALBUQUERQUE, Carla Pontes de; FLEURI, Reinaldo Matias. Lições da pandemia: aprender com outras epistemologias o cuidado coletivo com reciprocidade. Revista de Educação Popular , Uberlândia, p. 268-280, jul. 2020. Edição especial. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/56010 . Acesso em: 7 ago. 2021.	1982-7660
2020	REAL, Márcio Penna Corte; FLEURI, Reinaldo Matias; FRATTI, Rodrigo Graboski; FALCÃO, José Luis. A dor e a delícia de dialogar: investigação temática e interculturalidade crítica em um curso de formação de educadores populares de	2357-7266

	capoeira. Revista UniFreire, ano 8, edição 8, p. 125-142, dez. 2020. Edição especial I - Centenário Paulo Freire. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/220170 . Acesso em: 7 ago. 2021.	
2019	FLEURI, Reinaldo Matias. Apresentação. Educação Intercultural: aprender com os povos originários do Sul a decolonizar a educação. Revista Interinstitucional Artes de Educar , Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 464-470, out. 2018/jan. 2019. Número temático. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/riae/article/view/40849 . Acesso em: 7 ago. 2021.	2359-6856
2018	ODININO, Juliane di Paula Queiroz ; FLEURI, Reinaldo Matias. Apresentação. Linhas , Florianópolis, v. 19, n. 39, p. 6-10, jan./abr. 2018. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723819392018006/pdf_1 . Acesso em: 7 ago. 2021.	1984-7238
2017	FLEURI, Reinaldo Matias; FLEURI, Lilian Jurkevicz. Learning from Brazilian indigenous peoples: toward a decolonial education. The Australian Journal of Indigenous Education , Brisbane, Australia, v. 47, n. 1, p.8-18, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/184960 . Acesso em: 7 ago. 2021.	2049-7784
2017	FLEURI, Reinaldo Matias. Aprender com os povos indígenas. Revista de Educação Pública , [s.l.], v. 26, n. 62/1, p. 277-294, maio/ago. 2017. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4995 . Acesso em: 7 ago. 2021.	0104-5962
2016	FLORIT, Luciano Félix; OLIVEIRA, Lilian Blanck de; FLEURI, Reinaldo Matias; WARTHA, Rodrigo. Índios do "Vale Europeu". Justiça ambiental e território no Sul do Brasil. Novos Cadernos NAEA , [s.l.], v. 19, n. 2, p. 21-41, maio/ago. 2016. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/2478 . Acesso em: 7 ago. 2021.	2179-7536
2015	FLEURI, Reinaldo Matias. Reformas curriculares: como desconstruir a subalternidade? Revista Teias , Rio de Janeiro, v. 16, n. 40, p. 99-117, 2015. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24553 . Acesso em: 7 ago. 2021.	1982-0305
2014	FLEURI, Reinaldo Matias. Interculturalidade, identidade e decolonialidade: desafios políticos e educacionais. Série-Estudos , Campo Grande, n. 37, p. 89-106, jan./jun. 2014. Disponível em: https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/771 . Acesso em: 7 ago. 2021.	2318-1982
2014	FLEURI, Reinaldo Matias. Pedagogias populares: Freinet e Freire. Direcional Educador , [s.l.], v. 10, p. 15-17, 2014.	1982-2898

2014	FLEURI, Reinaldo Matias. Apresentação. Sustentabilidade: desafios para a educação científica e tecnológica (organizador). Em Aberto , Brasília, v. 27, n. 91, p. 15-18, jan./jun. 2014. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485895/Sustentabilidade+desafios+para+a+educa%C3%A7%C3%A3o+cient%C3%ADfica+e+tecnol%C3%B3gica/b730fe39-d5ce-4322-a8f7-6fc15433aa54?version=1.1 . Acesso em: 7 ago. 2021.	0104-1037
2014	FLEURI, Reinaldo Matias. Sustentabilidade: desafios para a educação científica e tecnológica. Em Aberto , Brasília, v. 27, n. 91, p. 21-42, jan./jun. 2014. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485895/Sustentabilidade+desafios+para+a+educa%C3%A7%C3%A3o+cient%C3%ADfica+e+tecnol%C3%B3gica/b730fe39-d5ce-4322-a8f7-6fc15433aa54?version=1.1 . Acesso em: 7 ago. 2021.	0104-1037
2012	FLEURI, Reinaldo Matias; FERREIRA, Viviane Lima. Desafios à inclusão digital para a escola latino-americana. Revista Pedagógica , Chapecó, ano 15, v. 1, n. 28, p. 303-332, jan./jun. 2012. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5611479.pdf . Acesso em: 7 ago. 2021.	1984-1566
2012	FLEURI, Reinaldo Matias; SILVA, Mauricio Roberto da. Educação, interculturalidade e tópicos especiais da produção do conhecimento em educação. Revista Pedagógica , Chapecó, ano 15, v. 1, n. 28, p. 7-22, jan./jun. 2012. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/184890 . Acesso em: 7 ago. 2021.	1984-1566
2012	FLEURI, Reinaldo Matias. Apresentação. Educação intercultural: decolonializar o poder e o saber, o ser e o viver. Visão Global , Joaçaba, v. 15, n.1-2, p. 7-22, jan./dez. 2012. Disponível em: https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/3408 . Acesso em: 7 ago. 2021.	2179-4944
2012	GRIGOROV, Stefan Krasimirov; FLEURI, Reinaldo Matias. Ecopedagogy: educating for a new eco-social intercultural perspective. Visão Global , Joaçaba, v. 15, n.1-2, p. 433-454, 2012. Disponível em: https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/3435 . Acesso em: 7 ago. 2021.	2179-4944
2012	COPPETE, Maria Conceição; FLEURI, Reinaldo Matias; STOLTZ, Tania. A educação intercultural frente ao princípio constitucional da não discriminação: uma questão de direitos humanos. Visão Global , Joaçaba, v. 15, n.1-2, p. 281-302, 2012. Disponível em: https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/3426 . Acesso em: 7 ago. 2021.	2179-4944
2012	COPPETE, Maria Conceição; FLEURI, Reinaldo Matias; STOLTZ, Tania. Educação para a diversidade numa perspectiva intercultural. Revista Pedagógica ,	1984-1566

	Chapecó, v. 14, n. 28, p. 207-230, jan./jun. 2012. Disponível em: https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/1366 . Acesso em: 7 ago. 2021.	
Publicações em periódicos (2011-2021): 22		
PUBLICAÇÕES EM PERIÓDICOS (2001-2010)		
2010	FIGUEIREDO, Clara de Freitas; FLEURI, Reinaldo Matias. "Entrelugares" identificados numa experiência de intercâmbio universitário na Itália. Visão Global , Joaçaba, v. 13, n. 1, p. 157-166, jan./jul. 2010. Disponível em: https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/770 . Acesso em: 7 ago. 2021.	2179-4944
2010	BARCELOS, Valdo; FLEURI, Reinaldo Matias. Antropofagia cultural brasileira e educação ambiental - a construção da reciprocidade antropofágica no Brasil a partir do contexto latino-americano. Espaço Pedagógico , Passo Fundo, v. 17, n. 2, p. 267-278, jul./dez. 2010. Disponível em: http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/2048 . Acesso em: 7 ago. 2021.	2238-0302
2010	ORÇO, Cláudio Luiz; FLEURI, Reinaldo Matias. O processo educativo: cultura e identidade indígenas. Espaço Pedagógico , v. 17, n. 2, p. 335-347, jul./dez. 2010. Disponível em: http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/2044 . Acesso em: 7 ago. 2021.	2238-0302
2009	VEGA, Pedro Marcote; FREITAS, Mário Jorge Cardoso Coelho; ALVAREZ, Pedro Suárez; FLEURI, Reinaldo Matias. Educación ambiental e intercultural para la sostenibilidad: fundamentos y praxis. Utopía y Praxis Latinoamericana , Maracaibo, v. 14, n. 44, p. 25-38, enero-marzo 2009. Disponível em: https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/19178 . Acesso em: 7 ago. 2021.	1316-5216
2009	FLEURI, Reinaldo Matias. A contribuição de Victor Valla ao pensamento da educação popular. Victor Valla e a pesquisa militante. Revista Brasileira de Educação , [s.l.], v. 14, n. 42, p. 579-583, dez. 2009. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782009000300013	1809-449X
2008	FLEURI, Reinaldo Matias. Rebeldia e democracia na escola. Revista Brasileira de Educação , [s.l.], v. 13, n. 39, p. 470-482, dez. 2008. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000300005	1809-449X
2007	FLEURI, Reinaldo Matias. Educación intercultural y epistemología de la complejidad: implicaciones pedagógicas. Enfoque Social - Revista de Historia, Política y Sociedad , Tamaulipas, n. 1, p. 67-89, enero-jun. 2007. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181380/Educaci%C3%B3n%20intercultural.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em: 7 ago. 2021.	

2007	VEGA, Pedro Marcote; FREITAS, Mário Jorge Cardoso Coelho; ALVAREZ, Pedro Suárez; FLEURI, Reinaldo Matias. Marco teórico y metodológico de educación ambiental e intercultural para un desarrollo sostenible. Revista Eureka sobre Enseñanza y Divulgación de las Ciencias , Cádiz, v. 4, n. 3, p. 539-554, sept. 2007. Disponível em: https://revistas.uca.es/index.php/eureka/article/view/3792 . Acesso em: 7 ago. 2021.	1697-011X
2007	WEBER, Cátia; FLEURI, Reinaldo Matias. Povos indígenas, educação superior e interculturalidade: uma experiência entre as professoras Xokleng da Terra Indígena Ibirama, em Santa Catarina. Série-Estudos , Campo Grande, n. 22, p. 125-140, jul./dez. 2007. Disponível em: https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/280 . Acesso em: 7 ago. 2021.	2318-1982
2006	FLEURI, Reinaldo Matias. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. Educação & Sociedade , Campinas, v. 27, n. 95, p. 495-520, maio/ago. 2006. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/181384 . Acesso em: 7 ago. 2021.	1678-4626
2005	FLEURI, Reinaldo Matias. Conversidade: conhecimento construído na relação entre educação popular e universidade. Educação Brasileira , Brasília, v. 27, n. 54, p. 11-67, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/184886 . Acesso em: 7 ago. 2021.	0102-3209
2005	FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. 1. ed. Educação, Sociedade & Culturas , Porto, n. 23, p. 91- 124, 2005. Disponível em: https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC23/23-Reinaldo.pdf . Acesso em: 7 ago. 2021.	0872-7643
2004	FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios de uma política intercultural de educação: a perspectiva desenvolvida pelo Núcleo Mover (UFSC). Pedagogia , São Miguel do Oeste, v. 3, n. 5, p. 7-40, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181386/ap2004_UNOESTE_FLEURI_desafios%20intercultural.pdf?sequence=1 . Acesso em: 7 ago. 2021.	
2004	FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura y educación. 3. ed. Astrolabio , Córdoba, v. 1, p. 1-20, 2004. Disponível em: https://revistas.unc.edu.ar/index.php/astrolabio/article/view/155 . Acesso em: 7 ago. 2021.	1668-7515
2003	FLEURI, Reinaldo Matias; SOUZA, M. I. P. de. Educação nos limiaries entre culturas. Marco Social , Rio de Janeiro, v. 5, p. 28-34, 2003. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/184885/ap2003_FLEURI_Educacao_nos_limiares_entre_culturas.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em: 7 ago. 2021.	1806-2121

2003	FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. Revista Brasileira de Educação , [s.l.], n. 23, p. 16-35, maio/ago. 2003. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200003	1809-449X
2003	FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural, gênero e movimentos sociais. Educar em Revista , Curitiba, v. especial, p. 121-136, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/pyNvqXP9HPZ8wyTfLRmCCGB/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 7 ago. 2021.	1984-0411
2003	FLEURI, Reinaldo Matias. Educação e intercultura. 2. ed. Grifos , Chapecó, v. dossie, p. 17-47, 2003.	1414-0268
2002	FLEURI, Reinaldo Matias; SIEWERDT, Maurício José. As mediações e a cultura: os estudos de recepção como alternativa pedagógica para a percepção das identidades e do outro. Reflexão e Ação , Santa Cruz do Sul, v. 10, n. 2, p. 89-109, 2002.	0103-8842
2001	FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural no Brasil: a perspectiva epistemológica da complexidade. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos , Brasília, v. 80, n. 195, p. 277-289, 2001. DOI: https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.80i195.987	2176-6681
2001	FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios à educação intercultural no Brasil. Educação, Sociedade & Culturas , Porto, v. 16, n. 16, p. 45- 62, 2001. Disponível em: https://www.fpce.up.pt/cie/revistaesc/ESC16/16-2.pdf . Acesso em: 7 ago. 2021.	0872-7643
2001	FLEURI, Reinaldo Matias. Entre o oficial e o alternativo em propostas curriculares: para além do hibridismo. Revista Brasileira de Educação , [s.l.], v. 17, n.17, p. 115-126, maio/ago. 2001. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782001000200009	1809-449X
2001	FLEURI, Reinaldo Matias. Freinet: confrontation avec le pouvoir disciplinaire. Le Nouvel Educateur , Nantes, n. 134, p.30-34, déc. 2001. Disponível em: https://www.icem-pedagogie-freinet.org/book/export/html/10949 . Acesso em: 7 ago. 2021.	
Publicações em periódicos (2010-2001): 23		
Total de publicações: 45		

Quadro 9 - Livros publicados

LIVROS PUBLICADOS (2021-2011)			
Ano	Tipo	Referência	ISBN
2021	Organizador	FLEURI, Reinaldo Matias; OKAWATI, Juliana. Akemi Andrade. Pedagogias e narrativas decoloniais . 1. ed. Curitiba: CRV, 2021.	9786525112343
2020	Autor	LOUREIRO, Camila Wolpato; MORETTI, Cheron Zanini; MOTA NETO, João Colares da; FLEURI, Reinaldo Matias. Paulo Freire hoje em Abya Yala . Porto Alegre: CirKula, 2020.	9786599047046
2019	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias. Conversidade: diálogo entre universidade e movimentos sociais . João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.	9788595591493
2019	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias; OLMO-EXTREMERA, MARTA (org.). Colonialidade e resistências . Curitiba: Appris, 2019.	9788547337421
2018	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural e formação de professores . João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.	9788595591226
2017	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural e movimentos sociais: trajetória de pesquisa da Rede Mover . João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.	9788595590274
2013	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias. Conversidade: interculturalidade e complexidade em contextos educacionais . Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2013.	9783639895612
2013	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias; OLIVEIRA, Lílian Blanck; HARDT, L. S.; CECCHETTI, E.; KOCH, S. R. (org.). Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver . Blumenau: Edifurb, 2013.	
2012	Organizador	SILVA, Mauricio Roberto da; FLEURI, Reinaldo Matias. (org.). Revista Pedagógica . Chapecó: Argos, 2012.	
2012	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias. Revista Visão Global . 1. ed. Joaçaba: UNOESC, 2012.	
Livros Publicados (2021-2011): 10			
LIVROS PUBLICADOS (2010-2001)			

2009	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias. Educação para a diversidade e cidadania : módulo 2: introdução conceitual: educação para a diversidade e cidadania. Florianópolis: MOVER/NUP/CED/EAD/UFSC, 2009.	9788587103499
2009	Organizador	COPPETE, Maria Conceição, CATAPAN, A. H.; RONCARELLI, D.; FLEURI, Reinaldo Matias; WEBER, Cátia; XAVIER, M. R. S.; SIMÕES, Silvia Régia Chaves de Freitas; TRAMONTE, Cristiana; BARCELOS, V. H. L.; SILVA, I. S.; CARDOSO, F.; FERNANDES, F. B. M.; FROES, A.; GROSSI, M. P.; BECHE, R. C. E.; SILVA, S. C. (org.). Curso de educação para a diversidade e cidadania . Florianópolis: MOVER/NUP/CED/EAD/UFSC, 2009.	
2008	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias. Entre disciplina e rebeldia na escola . Brasília: Liberlivro, 2008.	
2008	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias. Reinventar o presente ... pois o amanhã se faz na transformação do hoje : conversas com Paulo Freire. Fortaleza: Edições UFC, 2008.	9788572823067
2008	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias. Fundamentos da educação inclusiva . Florianópolis: SESI-SC, 2008.	
2005	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias; COSTA, Marisa Cristina Vorraber. Travessia : questões e perspectivas emergentes na pesquisa em educação popular. 2. ed. rev. ampliada. Ijuí: Unijuí, 2005.	9788574291811
2003	Organizador	FLEURI, Reinaldo Matias (org.). Educação intercultural : mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.	9788574902296
2003	Organizador	FLEURI, Reinaldo Matias. II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais. 1. ed. Florianópolis: UFSC, 2003. v. 1. 29 p.	
2002	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias. A questão do conhecimento na educação popular . Ijuí: Unijuí, 2002.	
2002	Organizador	FLEURI, Reinaldo Matias (org.). Intercultura : estudos emergentes. Ijuí: Unijuí, 2002.	9788574292311
2001	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias. Educar para quê? Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola. São Paulo: Cortez, 2001.	
2001	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias; COSTA, Marisa Cristina Vorraber. Travessia : questões e perspectivas emergentes na pesquisa em educação popular. Ijuí: Unijuí, 2001.	

2001	Organizador	GAUTHIER, Jacques; FLEURI, Reinaldo Matias; GRANDO, Beleni Salete (org.). Uma pesquisa sociopoética: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação. Florianópolis: Núcleo de Publicações do Centro de Ciências da Educação da UFSC, 2001.	9788587103079
2001	Autor	FLEURI, Reinaldo Matias. Educação popular e universidade. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2001.	
			Livros Publicados (2010-2001): 14
			Total de Livros Publicados: 24

Quadro 10 - Capítulos de livros publicados

CAPÍTULOS DE LIVROS PUBLICADOS (2021-2011)		
Ano	Referência	ISBN
2021	FLEURI, Reinaldo Matias. Educação e decolonialidade: aprender com os povos originários. In: FONSECA, Alexandre Basil; DIAS, Juliana (org.). Aprendizagens, experiências, sensibilidades e resistências: estratégias para enfrentar as desigualdades na educação. Rio de Janeiro: Instituto NUTES de Educação em Ciências Sociais/UFRJ, 2021. p. 22-32.	9786589347002
2020	FLEURI, Reinaldo Matias. Paulo Freire e as cosmovisões dos povos originários. In: CRUZ, Gisele Barreto; FERNANDES, Claudia; FONTOURA, Helena Amaral da; MESQUITA, Silvana. (org.). Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas. Petrópolis: DP et Alii, 2020. p. 428-452.	9788584270514
2020	FLEURI, Reinaldo Matias. "Reinaldo Matias Fleuri". In: GRUPO TEMÁTICO DE EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA (ABRASCO). Antologia da educação popular e saúde no Brasil. João Pessoa: Editora do CCTA/UFPB, 2020. p. 114-140.	9786556211213
2018	PEIXOTO, Kércia Priscilla Figueiredo; FLEURI, Reinaldo Matias. "Um pouquinho de cada": os indígenas ensinam a educar. In: RODRIGUES, Allan de Carvalho; BERLE, Simone; KOHAN, Walter Omar (org.). Filosofia e educação em errância: inventar escola, infâncias do pensar. Rio de Janeiro: NEFI, 2018. p. 523-541.	9788593057151
2018	FLEURI, Reinaldo Matias. Introdução. In: MARQUES-LAURENDON, Candy; COSTA-FERNANDEZ, Elaine M.; XYPAS, Rosiane (org.). Territórios, mobilidade, redes: desafios e perspectivas interculturais emergentes. Recife: UFPE, 2018. p. 11-28.	9788541509336
2018	FLEURI, Reinaldo Matias. Paulo Freire: aprender a educar com os povos indígenas. In: GADOTTI, Moacir; CARNOY, Martin (org.). Reinventando Freire. São Paulo: Instituto Paulo Freire. 2018.	
2016	FLEURI, Reinaldo Matias. A educação inclusiva e intercultural pressupõe epistemologia complexa. In: SANTOS, Mônica Pereira; VENTURINI, Angela Maria; FREITRAS, José Guilherme de Oliveira; SEPVEDA, Denize; CORREIA, Regina Maria de Souza (org.). Seminário Internacional Inclusão em Educação: universidade e participação na contemporaneidade – tecendo diálogos. Rio de Janeiro: Autografia, LaPEADE, 2016. p. 229-249.	

2016	FLORIT, Luciano Félix; FLEURI, Reinaldo Matias; WARTHA, Rodrigo. A "European Valley": in South America: regionalisation, colonisation, and environmental inequalities in Santa Catarina, Brazil. In: DESSEIN, Joost; BATTAGLINI, Elena; HORLINGS, Lummina. (org.). Cultural Sustainability and Regional Development: theories and practices of territorialisation . New York: Routledge, 2016. p. 235-248.	9781138743533
2015	FLEURI, Reinaldo Matias. Interculturalidade, educação e desafios contemporâneos: diversidade religiosa, decolonialidade e construção da cidadania. In: POZZER, Adecir; PALHETA, Francisco; PIOVEZANA, Leonel; HOLMES, Maria José Torres (org.). Ensino religioso na educação básica: fundamentos epistemológicos e curriculares . Florianópolis: Saberes em Diálogo, 2015. p. 35-51.	9788569886006
2015	FLEURI, Reinaldo Matias; GARCIA, Regina Leite. Contribuição latino-americana para as pesquisas e práticas interculturais. In: GARCIA, Regina Leite; ESTEBAN, Maria Teresa; SERPA, Andréa (org.). Saberes cotidianos em diálogo . Petrópolis: DP et Alii, 2015. p. 11-23.	9788584270286
2014	COPPETE, Maria Conceição; Reinaldo Matias; STOLTZ, Tania. Educação intercultural e diversidade: perspectivas possíveis. In: CECCHETTI, Elcio; POZZER, Adecir (org.). Educação e interculturalidade: conhecimentos, saberes e práticas descoloniais . Blumenau: Edifurb, 2014. p. 69-87.	9788571142121
2014	FLEURI, Reinaldo Matias. Interculturalidade, identidade e decolonialidade. In: ALVARENGA, Marcia Soares de; MAURÍCIO, Lúcia Velloso; RIBETTO, Anelice (org.). Vozes da educação: formação docente - experiências, políticas e memórias polifônicas . Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 187-205.	9788575113493
2013	FLEURI, Reinaldo Matias. Relações interculturais, diversidade religiosa e educação: desafios e possibilidades. In: FLEURI, Reinaldo Matias; OLIVEIRA, Lílian Blanck de; HARDT, L. S.; CECCHETTI, Elcio; KOCH, S. R. (org.). Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver . Blumenau: Edifurb, 2013. p. 57-80.	
2013	FLEURI, Reinaldo Matias. Perspectivas epistemológicas em educação popular. In: BRAYNER, Flávio (org.). Educação popular: novas abordagens, novos combates, novas perspectivas . Recife: Editora UFPE, 2013. p. 151-155.	9788541502795
2013	FLEURI, Reinaldo Matias. A produção das diferenças pela escola. In: NEVES, Josélia Gomes; PACÍFICO, Juracy Machado; MÜLLER, Maria Cândida; TAMBORIL, Maria Ivonete Barbosa; ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto (org.). Escolarização, cultura e diversidade: percursos interculturais . Porto Velho: EDUFRO, 2013. p. 10-17.	9788577640515

2013	FLEURI, Reinaldo Matias; MURACA, Mariateresa. Um enfoque feminista da perspectiva político-pedagógica Freiriana. In: STREK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (org.). Educação popular : lugar de construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 96-109.	9788532646385
2013	FLEURI, Reinaldo Matias. Pour une épistémologie décoloniale de la recherche interculturelle: l'expérience de l'ARIC. In: VATZ LAAROUSSI, Michèle; RIARD, Émile-Henri; GÉLINAS, Claude; JOVELIN, Emmanuel (org.). Les défis de la diversité . Enjeux épistémologiques, méthodologiques e pratiques. Paris: Harmattan, 2013. p. 23-31.	9782343019055
2012	FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural: desafio polissêmico. In: MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO Cristina Satiê; HAHN, Fábio André. (org.). Educação, identidades e patrimônio . Campo Mourão: FELCICAM; Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2012. p. 15-33.	
2012	AZIBEIRO, Nadir Esperança; FLEURI, Reinaldo Matias. Paradigmas interculturais emergentes na educação popular. In: DANTAS, Sylvia Duarte (org.). Diálogos interculturais : reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais. São Paulo: IEA-USP, 2012. p. 219-245.	9788563007032
2012	FLEURI, Reinaldo Matias; GARCIA, Regina Leite. Contribution de l'Amérique Latine aux recherches et pratiques interculturelles. In: COSTA-FERNANDEZ, Elaine; LESCARRET, Odette (org.). De la diversité linguistique aux pratiques interculturelles . Paris: Harmattan, 2012. p. 85-95.	9782296991590
2012	FLEURI, Reinaldo Matias. Postface. In: COSTA-FERNANDEZ, Elaine; LESCARRET, Odette (org.). De la diversité linguistique aux pratiques interculturelles . Paris: Harmattan, 2012. p. 241-247.	9782296991590
2012	FLEURI, Reinaldo Matias; TRAMONTE, Cristiana; GUZMAN, Boris Alfonso Ramírez; SILVA, Zenete Ruiz da; FERREIRA, Viviane Lima. Desafios interculturais e lingüísticos em contextos educacionais latino-americanos. In: RODRIGUES, José Maria (org.). Ciudadanía democrática y multilingüismo : la construcción de la identidad lingüística y cultural del Mercosur. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica (CEADUC), 2012. p. 31-55.	9789995376543
2011	FLEURI, Reinaldo Matias. Silêncios e irrupção das diferenças. In: FERRARI, Anderson; MARQUES, Luciana Pacheco (org.). Silêncios e educação . Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011. p. 27-37.	9788576721246

Capítulos de Livros Publicados (2021-2011): 23

CAPÍTULOS DE LIVROS PUBLICADOS (2011-2001)

2010	FLEURI, Reinaldo Matias; AZIBEIRO, Nadir Esperança. Paradigmas interculturais emergentes na educação popular. In: GARCIA, Regina Leite (org.). Diálogos cotidianos . Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010. p. 275-296.	9788561593285
2010	FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios epistemológicos emergentes na relação intercultural. In: RODRIGUES, José Maria (org.). Diversidad, interculturalidad y educación en Brasil y en Paraguay : problemas, experiencias y realidades. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica (CEADUC), 2010. p. 157-172.	9789995376277
2010	FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios epistemológicos emergentes na relação intercultural (2. ed.). In: NUÑES, Angel; PADOIN, Maria Medianeira; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (org.). Dilemas e diálogos platinos : relações e práticas socioculturais. Dourados: Editora UFGD, 2010. p. 201-214.	9788561228712
2010	FLEURI, Reinaldo Matias. Pluralidade cultural e inclusão social. In: RODRIGUES, José Maria. (org.). Educación, lenguas y culturas en el Mercosur : pluralidade cultural e inclusión social en Brasil y en Paraguay. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica (CEADUC), 2010. p. 23-37.	9789995376369
2009	FLEURI, Reinaldo Matias. Conversidade: extensão universitária e movimentos sociais. In: MARCON, Telmo; FIOREZE, Cristina (org.). O popular e a educação : movimentos sociais, políticas públicas e desenvolvimento. Ijuí: Unijuí, 2009. p. 85-130.	9788574297798
2009	FLEURI, Reinaldo Matias. Complexidade e interculturalidade: desafios emergentes para a formação de educadores em processos inclusivos. In: FÁVERO, Osmar; FERREIRA, Windyz; IRELAND, Thimoty; BARREIROS, Débora. (org.). Tornar a educação inclusiva . Brasília: UNESCO, 2009. p. 65-88.	9788576520900
2009	FLEURI, Reinaldo Matias; AZIBEIRO, Nadir Esperança; COPPETE, M. C. Pesquisas interculturais: descolonizar o saber, o poder, o ser e o viver. In: OLIVEIRA, Lilian Blank; CECCHETTI, Elcio; CEZARO, Rosa Assunta; RISKE-KOCH, Simone (org.). Culturas e diversidade religiosa na América Latina : pesquisas e perspectivas pedagógicas. Blumenau: EDIFURB; São Leopoldo: Nova Harmonia, 2009. p. 30-46.	9788571142824
2009	FLEURI, Reinaldo Matias. Desconstruir o autoritarismo: descolonizar o saber e o poder. In: MAFRA, Jason; ROMÃO, José Eustáquio; SCOCUGLIA, Afonso Celso; GADOTTI, Moacir. (org.). Globalização, educação e movimentos sociais : 40 anos da Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire: Editora Esfera, 2009. p. 171-181	9788561910273

2009	FALCÃO, José Luis Cirqueira; FLEURI, Reinaldo Matias; REAL, Márcio Penna Corte; SILVA, Bruno Emmanuel Santos da; BRITO, Valmir Ari; ANNUNCIATO, Dráuzio Pezoni; STOTZ, Marcelo Backes Navarro; NARDI, Ivanete; ACORDI, Leandro de Oliveira; LEITE, Lourival Fernando Alves; OLIVEIRA, Marcos Duarte de; SAVENHAGO, Daniel Cristiano. A experiência do "PERI-Capoeira": curso de formação de educadores populares de capoeira na perspectiva intercultural. In: FALCÃO, José Luiz Cirqueira; SARAIVA, Maria do Carmo. (org.). Práticas corporais no contexto contemporâneo: (in)tenas experiências . Florianópolis: Copiart, 2009. p. 205-268.	9788599554302
2009	FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural e irrupção das diferenças. In: CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; PEREIRA, Maria Zuleide da Costa; PORTO, Rita de Cassia Cavalcanti (org.). Globalização, interculturalidade e currículo na cena escolar . Campinas: Alínea, 2009. p. 101-112.	9788575163375
2008	FLEURI, Reinaldo Matias. Can rebelliousness bear democracy? In: LUND, Darry E.; CARR, Paul R. (org.). Doing democracy: striving for political literacy and social justice . New York: Peter Lang, 2008. p. 103-117.	978-0820497457
2008	FLEURI, Reinaldo Matias. Encontros para descolonizar o saber e o poder. In: GADOTTI, Moacir (org.). 40 olhares sobre 40 anos da Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. p. 21-23.	9788561910020
2007	FLEURI, Reinaldo Matias. Relações dialógicas e interculturais na Escola. In: XAVIER, Márcia Regina Souza. Ciclo de leituras Paulo Freire . Londrina: Humanidades, 2007. p. 17-25.	9788599600306
2006	FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura, educação e movimentos sociais: a perspectiva de pesquisas desenvolvidas pelo núcleo Mover (UFSC). In: LOPES, Alice Ribeiro Casimiro; MACEDO, Elizabeth Fernandes de; CARLOS, Maria Palmira. Cultura e política de currículo . Araraquara: Junqueira&Marin, 2006. p. 11-34.	9788586305290
2006	FLEURI, Reinaldo Matias. Tolerância e educação intercultural. In: FÁVERO, Altair Alberto; DALBOSCO, Claudio Almir; MARCON, Telmo. Sobre filosofia e educação: racionalidade e tolerância . Passo Fundo: Editora UPF, 2006. p. 302-311.	9788575153581
2006	FLEURI, Reinaldo Matias. Formação de profissionais da saúde: reflexões a partir de vivências estudantis. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão; FROTA, Lia Haikal; SIMON, Eduardo (org.). Perplexidade na universidade: vivências nos cursos de saúde . São Paulo: Hucitec, 2006. p. 231-264.	9788584040643
2006	FLEURI, Reinaldo Matias. L'interculturel métissé au Brésil. In: LENOIR, Yves; XYPAS, Constantin; JAMET, Christian. École et citoyeneté: un défi multiculturel . Paris: Armand Colin, 2006. p. 99-114.	9782200346652

2006	FLEURI, Reinaldo Matias. Um percurso de cooperação educativa intercultural: a experiência de Casa Laboratório como decolagem para uma abordagem metodológica da educação popular. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso. Paulo Freire na história da educação do tempo presente . Porto: Afrontamento, 2006. p. 101-123.	9789723608427
2005	FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura, educação e movimentos sociais: a perspectiva de pesquisas desenvolvida pelo Núcleo Mover (UFSC) In: GARCIA, Regina Leite; ZACCUR, Edwiges; GIAMBIGI, Irene. Cotidiano: diálogo sobre diálogos . Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 163-185.	9788574903675
2005	FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural e a irrupção das diferenças. In: PEREIRA, Maria Zuleide da Costa; MOURA, Arlete Pereira. Políticas e práticas curriculares: impasses, tendências e perspectivas . João Pessoa: Idéia, 2005. p. 139-150.	9788575392485
2004	FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura y educación. In: FOVERO, Eduardo Andrés Sandoval; BAEZA, Manuel Antonio. Cuestión étnica, culturas, construcción de identidades . Sinaloa: Universidad Autónoma Indígena de Mexico: Asociación Latinoamericana de Sociología: Ediciones El Caracol, 2004. p. 139-174.	9789709359824
2004	FLEURI, Reinaldo Matias. La construction de l'école démocratique et populaire dans le scénario éducationnel de Rio Grande do Sul (Brésil). In: OUELLET, Fernand. Quelle formation pour l'éducation à la citoyenneté? Quebec: Presses de l'Université Laval, 2004. p. 155-177.	9782763780917
2004	FLEURI, Reinaldo Matias. Currículo e intercultura. In: GONSALVES, Elisa Pereira; PEREIRA, Maria Zuleide da Costa; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Currículo e contemporaneidade: questões emergentes . 1 ed. Campinas, SP : Alínea, 2004, p. 89-102.	9788575164785
2003	FLEURI, Reinaldo Matias. Interdisciplinaridade: meta ou mito? In: GADOTTI, Moacir; GOMEZ, Margarita; FREIRE, Lutgardes. Lecciones de Paulo Freire: cruzando fronteras: experiencias que se completan . Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2003. p. 115-130.	9789509231832
2003	FLEURI, Reinaldo Matias, SOUZA, Maria Izabel Porto de. Entre limites e limiars de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, Reinaldo Matias (org.). Educação intercultural: mediações necessárias . Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 53-84.	9788574902296
2003	SIEWERDT, Maurício José, FLEURI, Reinaldo Matias. Mídia e mediações culturais na escola. In: FLEURI, Reinaldo Matias (org.). Educação intercultural: mediações necessárias . Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 125-149.	9788574902296

2002	FLEURI, Reinaldo Matias. Sonho que se sonha junto é realidade! Considerações em torno da construção da escola democrática e popular. In: GONSALVES, Elisa Pereira. Educação e grupos populares: temas (re)correntes . Campinas: Alínea, 2002. p. 25-44.	9788575160350
2002	FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios à educação intercultural no Brasil. In: FLEURI, Reinaldo Matias (org.). Intercultura: estudos emergentes . Ijuí: Unijuí, 2002. p. 129-150.	9788574292311
2002	FLEURI, Reinaldo Matias. Cultura: uma categoria plural. In: FLEURI, Reinaldo Matias (org.). Intercultura: estudos emergentes . Ijuí: Unijuí, 2002. p. 7-17.	9788574292311
2001	FLEURI, Reinaldo Matias. A reciprocidade de olhares entre diferentes culturas: implicações para a construção da identidade pessoal e do pertencimento coletivo. In: GAUTHIER, Jacques; FLEURI, Reinaldo Matias; GRANDO, Beleni Salete (org.). Uma pesquisa sociopoética: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação . Florianópolis: Núcleo de Publicações do Centro de Ciências da Educação da UFSC, 2001. p. 101-107.	9788587103079
2001	FLEURI, Reinaldo Matias. Apresentação. In: GAUTHIER, Jacques; FLEURI, Reinaldo Matias; GRANDO, Beleni Salete (org.). Uma pesquisa sociopoética: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação . Florianópolis: Núcleo de Publicações do Centro de Ciências da Educação da UFSC, 2001. p. 7-12.	9788587103079
Capítulos de Livros Publicados (2011-2001): 31		
Total de Capítulos de Livros Publicados: 44		

Quadro 11 - Orientações realizadas

Ano	Trabalho	Tipo	Orientando/Local
Em andamento	Supervisão	Pós-Doutorado	Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto. Início: 2018. Universidade Federal de Santa Catarina.
Em andamento	Orientação	Doutorado	Camila Alessandra Domingues. Amazônia, Literatura e Educação: contribuições para uma educação intercultural na formação de professores. Início: 2020. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina.
Em andamento	Orientação	Doutorado	Lenildo Gomes de Almeida. Uma cartografia estético-expressiva dos movimentos populares. Início: 2020. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina.
Em andamento	Orientação	Doutorado	Eliton Clayton Rufino Seara. Entre Fraldas, Soninhos e Choros: A Prática Docente do(a) Professor(a) de Educação Física e as Relações com a Educação Infantil no Município de Itajaí. Início: 2016. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina.
Em andamento	Coorientação	Mestrado	Henrique de Moraes Junior. Educação Itaputyr Tembé Tenetehara e o Ensino de Filosofia: Olhar Decolonial e Intercultural na Amazônia Paraense. Início: 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará.
Em andamento	Coorientação	Doutorado	Waldma Maíra Menezes de Oliveira. Narrativas Surdas e o Pensamento Decolonial: construção de identidades de sujeitos surdos na Amazônia tocantina.. Início: 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Pará.
2010	Supervisão	Pós-Doutorado	Alicia Fignoni. Arte educação: elaboração de referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos sobre a arte como experiência estética na educação e no cotidiano. 2010. Universidade Federal de Santa Catarina
2008	Supervisão	Pós-Doutorado	Valdo Hermes de Lima Barcelos. 2008. Universidade Federal de Santa Maria, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
2007	Supervisão	Pós-Doutorado	Mário Jorge Cardoso Coelho Freitas. 2007. Universidade Federal de Santa Catarina.

2007	Supervisão	Pós-Doutorado	João Batista de Albuquerque Figueiredo. 2007. Universidade Federal de Santa Catarina
2003	Supervisão	Pós-Doutorado	Telmo Marcon. 2003. Universidade Federal de Santa Catarina
2015	Orientação	Doutorado	Mariateresa Muraca. Práticas pedagógicas populares, feministas e decoloniais do movimento de mulheres camponesas em Santa Catarina. Uma etnografia colaborativa. 2015. Tese (Doutorado em Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2012	Orientação	Doutorado	Bruno Emmanuel Santana da Silva. Capoeira de capelo e os intelectuais maloqueiros: limites e possibilidades para formação de educadores(as) populares de capoeira. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina
2012	Orientação	Doutorado	Maria Conceição Coppete. Educação intercultural e sensibilidade: possibilidades para a docência.. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2012	Orientação	Doutorado	Claudio Luiz Orço. Educação intercultural e a desconstrução da subalternidade indígena Kaingang. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2010	Orientação	Doutorado	Márcia Rejania Souza Xavier. Comunicação, conhecimento e docência na formação de educadores de EJA. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2006	Orientação	Doutorado	Márcio Penna Corte Real. As musicalidades das rodas de capoeiras: diálogos interculturais, campo e atuação de educadores. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2006	Orientação	Doutorado	Nadir Esperança Azibei. Educação intercultural e comunidades de periferia: limiares da formação de educadoras/es. 2006. 337 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2005	Orientação	Doutorado	Willer de Araújo Barbosa. Cultura Puri e Educação Popular em Araponga (MG): duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio

			ambiente. 2005. 150 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2004	Orientação	Doutorado	Beleni Saete Grando. Relações interculturais nas práticas corporais do Povo Bororo em Mato Grosso: em busca de referenciais para a formação de professores. 2004. 353 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2004	Orientação	Doutorado	Cleonice Maria Tomazzetti. Pedagogia e infância na perspectiva intercultural: Implicações para a formação de educadores. 2004. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2011	Orientação	Mestrado	Rita de Cassia Lopes Hass. Ponta do Coral: desenvolvimento urbano e movimento ecológico. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2011	Orientação	Mestrado	Kelly Aparecida dos Santos. Sujeitos em contextos de violências: o cuidado no Centro de Atendimento às Vítimas de Crimes. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2011	Orientação	Mestrado	Zenete Ruiz da Silva. Práticas pedagógicas interculturais na tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru: um estudo na Escola Estadual Marechal Rondon. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2009	Orientação	Mestrado	Ivanete Nardi. Intercultura e Sustentabilidade: um estudo de caso centrado nas interrelações com as comunidades de pescadores de Porto Said e Rio Bonito, município de Botucatu (SP). 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2009	Orientação	Mestrado	Leandro de Oliveira Acordi. Memória e experiência: elementos de formação do sujeito de capoeira. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2008	Orientação	Mestrado	Marisa Fátima Padilha Giroletti. Cultura Surda e educação escolar Kaingang. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa

			Catarina.
2008	Orientação	Mestrado	Benedito Carlos Libório Caires Araujo. A capoeira na sociedade do capital: a docência como mercadoria-chave na transformação da capoeira no século XX. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2007	Orientação	Mestrado	Cátia Weber. Tornar-se professora xokleng/Laklãnõ: escolarização, ensino superior e identidade étnica. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2007	Orientação	Mestrado	Silvia Régia Chaves de Freitas Simões. Educação Cigana: entre-lugares entre escola e comunidade étnica. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2004	Orientação	Mestrado	Rosângela Steffen Vieira. Juventude e Sexualidade no contexto (escolar) de assentamento do MST. 2004. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2004	Orientação	Mestrado	Vera Huber. Cartografias das singularidades de um processo escolarizador. 2004. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2003	Orientação	Mestrado	Márcia Rejania Souza Xavier. Educação e Religião: os entre-lugares da Educação de Adultos na ação educativa do PEACE. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2002	Orientação	Mestrado	Maria Izabel Porto de Souza. Construtores de Pontes: explorando limiares de experiências em educação intercultural. 2002. 336 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2001	Orientação	Mestrado	Ancelmo Pereira de Oliveira. Brasileiros e de origem na oralidade cotidiana escolar: emblemas de uma tensão interétnica. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.

2006	Coorientação	Mestrado	Dráuzio Pezzoni Annunciato. A Liberdade disciplinada: relações de confronto, poder e saber entre capoeiristas em Santa Catarina. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2006	Coorientação	Mestrado	Bartira Telles Pereira Santos. O Ensino religioso nas escolas. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia
2005	Orientação	Iniciação Científica	Gladis Tibourski Lazzarotto. Educação Intercultural: elaboração de referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos para práticas educativas escolares e populares. 2005. Iniciação Científica (Graduanda em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2005	Orientação	Iniciação Científica	Juliana Achcar. Educação Intercultural: elaboração de referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos para práticas educativas escolares e populares. 2005. 20 f. Iniciação Científica (Graduanda em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2005	Orientação	Iniciação Científica	Morgana Dias Johann. Educação Intercultural: elaboração de referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos para práticas educativas escolares e populares. 2005. Iniciação Científica (Graduanda em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2005	Orientação	Iniciação Científica	Gillian Travia Giwa. Educação Intercultural: elaboração de referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos para práticas educativas escolares e populares. 2005. Iniciação Científica (Graduando em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2005	Orientação	Iniciação Científica	Clara de Freitas Figueiredo. Educação Intercultural: elaboração de referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos para práticas educativas escolares e populares. 2005. Iniciação Científica (Graduanda em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

2004	Orientação	Iniciação Científica	Lia Vainer Schucmam. Educação Intercultural: desafios e perspectivas da identidade e diferença cultural nas práticas educativas e movimentos sociais no Brasil. 2004. Iniciação Científica (Graduanda em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2004	Orientação	Iniciação Científica	Fernando Angeoletto. Educação Intercultural: desafios e perspectivas da identidade e diferença cultural nas práticas educativas e movimentos sociais no Brasil. 2004. Iniciação Científica. (Graduando em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2004	Orientação	Iniciação Científica	Thaís Fernanda Castro Rodrigues. Educação Intercultural: elaboração de referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos para práticas educativas escolares e populares. 2004. Iniciação Científica (Graduanda em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2003	Orientação	Iniciação Científica	Marcio José Cubiak. Educação Intercultural e Movimentos Sociais: cidadania e reconhecimento identitário no sul do Brasil. 2003. Iniciação Científica (Graduando em Serviço Social) - Fundação Universidade Regional de Blumenau.
2003	Orientação	Iniciação Científica	Kely Regina Spricigo. Educação Intercultural e Movimentos Sociais: cidadania e reconhecimento identitário no sul do Brasil. 2003. 23 f. Iniciação Científica (Graduanda em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2003	Orientação	Iniciação Científica	Fernando Taques. Educação Intercultural e Movimentos Sociais: cidadania e reconhecimento identitário no sul do Brasil. 2003. Iniciação Científica. (Graduando em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2002	Orientação	Iniciação Científica	Roselei Schmitz. Gênero e Infância: a busca de uma relação. 2002. 30 f. Iniciação Científica. (Graduanda em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2002	Orientação	Iniciação Científica	Luiz Gabriel Angenot. A dimensão espacial de terreiros das religiões afro-brasileiras em municípios da Grande Florianópolis - SC. 2002. 23 f. Iniciação Científica. (Graduando em Geografia) -

			Universidade Federal de Santa Catarina.
2001	Orientação	Iniciação Científica	Cristina de Souza. Currículo e diversidade cultural. 2001. 20 f. Iniciação Científica. (Graduanda em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2001	Orientação	Iniciação Científica	Rosângela Steffen Vieira. Implicações pedagógicas da educação intercultural em escola de assentamento do MST. 2001. 30 f. Iniciação Científica. (Graduanda em Pedagogia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2001	Orientação	Iniciação Científica	Christian Janiake. Educação intercultural e movimentos sociais: cidadania e reconhecimento identitário no sul do Brasil. 2001. Iniciação Científica (Graduando em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2001	Orientação	Iniciação Científica	Rita de Cássia Muller. Educação Intercultural e Movimentos Sociais: cidadania e reconhecimento identitário no sul do Brasil. 2001. Iniciação Científica (Graduanda em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
2001	Orientação	Iniciação Científica	Danielle Mauricio. Educação Intercultural e Movimentos Sociais: cidadania e reconhecimento identitário no sul do Brasil. 2001. Iniciação Científica (Graduanda em Serviço Social) - Fundação Universidade Regional de Blumenau.
2013	Orientação	Outra natureza	Tania Goitiandia Moore. Estágio no quadro do Programa Estudantes para o Desenvolvimento (EPD) na UFSC/IFC. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina.
2013	Orientação	Outra natureza	Maria Olandina Machado. Estágio de pesquisa junto à Université de Montreal (UdM). 2013. Université de Montreal, Centre d'Etudes Ethniques des Universités Montrealses.
2012	Orientação	Outra natureza	Ivanete Nardi Efe. Educação intercultural: descolonizar o saber e o poder, o ser e o viver. 2012. Universidade Federal de Santa Catarina.

2011	Orientação	Outra natureza	Viviane Lima Ferreira. Interculturalidade: descolonizar o saber e o poder, o ser e o viver. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina.
2010	Orientação	Outra natureza	Cristiana Valente. Educação intercultural: descolonizar o saber, poder, ser e viver. 2010. Universidade Federal de Santa Catarina.
2009	Orientação	Outra natureza	Jane Vieira da Rocha. Educação intercultural: desconstrução de subalternidades em práticas educativas e socioculturais. 2009. Universidade Federal de Santa Catarina.
2008	Orientação	Outra natureza	Alexis Mariel Vidal Cabezas. Educação Intercultural: desconstrução de subalternidades em práticas educativas e socioculturais. 2008. Universidade Federal de Santa Catarina.
2004	Orientação	Outra natureza	Silvana Maria Bitencourt. Educação intercultural: desafios e perspectivas da identidade e diferença cultural nas práticas educativas e movimentos sociais no Brasil. 2004. Universidade Federal de Santa Catarina
2004	Orientação	Outra natureza	Luiz Gabriel Angenot. Educação intercultural: desafios e perspectivas da identidade e diferença cultural nas práticas educativas e movimentos sociais no Brasil. 2004. 10 f. Universidade Federal de Santa Catarina.
2004	Orientação	Outra natureza	Ana Carolina Mendes Peres. Educação intercultural: elaboração de referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos para práticas educativas escolares e populares. 2004. 10 f. Universidade Federal de Santa Catarina.
2004	Orientação	Outra natureza	Ivanete Nardi. Educação intercultural: elaboração de referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos para práticas educativas escolares e populares. 2004. Universidade Federal de Santa Catarina.
2003	Orientação	Outra natureza	Sandra Cristina da Silva. Educação intercultural e movimentos sociais: cidadania e reconhecimento identitário no sul do Brasil. 2003. Universidade Federal de Santa Catarina.

2003	Orientação	Outra natureza	Wivian Jany Weller. Educação intercultural e movimentos sociais: cidadania e reconhecimento identitário no sul do Brasil. 2003. Universidade Federal de Santa Catarina.
2003	Orientação	Outra natureza	Rosangela Steffen Vieira. Organização Escolar. 2003. 10 f. Universidade Federal de Santa Catarina.
2003	Orientação	Outra natureza	Ana Paula Grigoli. Educação intercultural e movimentos sociais: cidadania e reconhecimento identitário no sul do Brasil. 2003. Universidade Federal de Santa Catarina
2002	Orientação	Outra natureza	Marcio Paludo. Educação Intercultural: desafios e perspectivas da identidade e diferença cultural nas práticas educativas e movimentos sociais no Brasil. 2002. Universidade Federal de Santa Catarina.
2002	Orientação	Outra natureza	Vera Huber. Fundamentos da Educação. 2002. Universidade Federal de Santa Catarina.
2001	Orientação	Outra natureza	Ana Paula Martins. Educação intercultural e movimentos sociais: cidadania e reconhecimento identitário no sul do Brasil. 2001. Universidade Federal de Santa Catarina.
Total de orientações realizadas e em andamento: 73			

Quadro 12 - Cargos desempenhados (2001-2021)

Período	Instituição	Cargo
2011 - atual	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Professor Voluntário
2019 - atual	Universidade do Estado do Pará (UEPA)	Professor Visitante
2018 - 2018	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	Professor Visitante
2012 - 2016	Instituto Federal Catarinense (IFC)	Professor Visitante
1993 - 2011	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Professor Titular

Quadro 13 - Atividades de editoração científica (2001-2021)

Período	Instituição / Periódico	Função
2016 - atual	Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE)	Revisor de projeto de fomento
2012 - atual	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)	Revisor de projeto de fomento
2000 - atual	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)	Revisor de projeto de fomento
2021 - atual	IGI Global Journal	Membro de corpo editorial
2020 - atual	Práxis Educativa	Membro de corpo editorial
2020 - atual	Atos de Pesquisa em Educação	Membro de corpo editorial
2019 - 2019	Seminário Nacional do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura	Membro de corpo editorial
2017 - atual	Revista e-Curriculum (PUCSP)	Membro de corpo editorial
2013 - atual	Interface - Comunicação, Saúde, Educação	Membro de corpo editorial
2013 - 2018	Revista Pedagógica (Unochapecó)	Membro de corpo editorial
2013 - 2018	Educação e Filosofia (UFU)	Membro de corpo editorial
2010 - 2012	Visão Global	Membro de corpo editorial
2011 - 2012	Entrelugares: Revista de Sociopoética e Abordagens Afins	Membro de corpo editorial
2011 - 2018	Educação e Pesquisa - Revista da Faculdade de Educação da USP	Membro de corpo editorial
2010 - 2019	Tellus (UCDB)	Membro de corpo editorial
2010 - 2018	Revista da FAGED	Membro de corpo editorial
2005 - 2007	Revue des Sciences de l'Éducation	Membro de corpo editorial
2004 - 2010	Semina (Londrina)	Membro de corpo editorial
2004 - 2004	Cadernos de Educação (Pelotas)	Membro de corpo editorial
2000 - 2004	Revista Brasileira de Educação	Membro de corpo editorial
2000 - 2002	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	Membro de corpo editorial
Total de funções desempenhadas: 21		

Quadro 14 - Seminários de pós-graduação realizados recentemente (2017-2021)

Ano	IES	Seminário
2021	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH - UFSC)	Educação Intercultural: decolonializar o saber e o poder, o ser e o viver
2020	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED - UEPA)	Educação intercultural: aprender com os povos originários amazônidas a Viver em Plenitude
2019	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED - UEPA)	Educação intercultural: aprender com os povos originários amazônidas a Viver em Plenitude
2018	Programa de Pós-Graduação em Educação da universidade da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEdu – UNIRIO)	Educação e Sociedade
2017	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH - UFSC)	Educação Intercultural: decolonializar o saber e o poder, o ser e o viver

Quadro 15 - Organização de eventos científicos

PRINCIPAIS EVENTOS CIENTÍFICOS ORGANIZADOS		
Ano	Evento	Tipo
2021	V Colóquio Internacional Diálogos Sul-Sul e o II Congresso Internacional de Pesquisa e Práticas em Educação (CONIPPE)	Congresso
2019	IV Colóquio Internacional Diálogos Sul-Sul	Congresso
2018	XVI Seminário do PPGE/UEPA	Congresso
2018	III Conferencia Dialogo Sur - Sur: Epistemologías Ancestrales y Decoloniales	Congresso
2017	The 2nd South – South Dialogues: coloniality, race, and indigenous epistemologies	Congresso
2016	II Seminário Comparativo Quebec - Brasil / II Colloque de Coopération Brésil Québec.	Congresso
2016	III Seminário de Ensino Pesquisa e Extensão do Instituto Federal Catarinense (III SIEPE)	Seminário
2016	VII Seminário Internacional: Fronteiras étnico-culturais e fronteiras da exclusão	Congresso
2015	I Colóquio de Cooperação Brasil Quebec - I Colloque de Coopération Brésil Québec.	Congresso
2015	South-South dialogues Symposium (1st)	Simpósio
2014	II Seminário Integrado De Ensino, Pesquisa E Extensão do IFC	Seminário
2009	XII Congrès de l'Association Internationale pour la Recherche Interculturelle.	Congresso
2006	III Seminário Internacional Educação Intercultural, Movimentos Sociais e Sustentabilidade: perspectivas epistemológicas e propostas metodológicas e I Colóquio da Association Internationale pour la Recherche Interculturelle na América Latina	Congresso
2003	I Jornada Latino-Americana II Colóquio Nacional Pluralidade e Realidade Latino-Americana: Desafios à Mudança em Educação	Congresso

Quadro 16 - Projetos de pesquisa e de extensão

Período	Nome do projeto	Tipo	Função exercida	Entidades relacionadas
2021 - atual	ÀWA SURARA. Quilombolas, Indígenas e outros/as intelectuais orgânicos/as na academia. Produção de conhecimento para o Bem Viver e a interculturalidade na universidade e na comunidade	Pesquisa	Participante	Coordenação: Rodrigo Corrêa Dinis Peixoto (PPGSA/UFPA)
2021 - atual	Promover a justiça social e epistêmica em áreas geopoliticamente complexas: uma pesquisa situada nas Epistemologias do Sul e no Pensamento decolonial	Pesquisa	Participante (Supervisão)	Supervisão: Mariateresa Muraca (Bolsa Jovem Talento – Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia, CAPES, 2021-2024)
2020 - atual	Bem viver: diversidade sociocultural, saúde e práticas educativas na Amazônia	Pesquisa	Participante	CAPES
2002 - 2004	Educação intercultural: desafios e perspectivas da identidade e da diferença cultural em práticas educativas e movimentos sociais no Brasil	Pesquisa	Participante	CNPq
2018 - atual	Educação intercultural: aprender com os povos originários do Sul a decolonizar a educação	Pesquisa	Coordenador	CNPq
2014 - 2016	Desafios interculturais e ecológicos para a Educação científica e tecnológica	Pesquisa	Coordenador	CAPES
2012 - 2016	Pesquisa Institucional Participante - Instituto Federal Catarinense - IFC	Pesquisa	Coordenador	CAPES
2010 - 2014	Educação Intercultural: descolonizar o saber, o poder, o ser e o viver	Pesquisa	Coordenador	CNPq
2007 - 2010	Educação intercultural: desconstrução de subalternidades em práticas educativas e socioculturais	Pesquisa	Coordenador	CNPq
2003 - 2007	Educação intercultural: elaboração de referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos para práticas educativas escolares e populares	Pesquisa	Coordenador	CNPq

2001 - 2003	Educação intercultural e movimentos sociais: cidadania e reconhecimento identitário no sul do Brasil - Plano Sul de Pesquisa e Pós-graduação	Pesquisa	Coordenador	CNPq
2000 - 2002	Educação intercultural: desafios e perspectivas da identidade e pluralidade étnica no Brasil	Pesquisa	Coordenador	CNPq
2013 - 2020	Cooperação científica internacional com a Griffith University	Extensão	Coordenador	---
2013 - 2016	Cooperacao científica com a Curtin University	Extensão	Coordenador	Curtin University of Technology
2011 - atual	Cooperação científica internacional com a University of Queensland	Extensão	Coordenador	---
2010 - 2013	Diversidade Religiosa e Direitos Humanos	Extensão	Coordenador	Ministério da Educação
2009 - 2019	Cooperacao científica com a Universidade de Montreal	Extensão	Coordenador	Université de Montreal
2009 - 2010	Curso de Formação de Professores para a Diversidade e Cidadania	Extensão	Coordenador	Ministério da Educação
2008 - 2008	Construção Curricular da Educação de Jovens e Adultos (EJA-SESI/SC) na perspectiva intercultural inclusiva	Extensão	Coordenador	SESI - Departamento Regional do Estado de Santa Catarina
2007 - 2007	Curso de Capacitação de formadores para a educação inclusiva	Extensão	Coordenador	SESI - Departamento Regional do Estado de Santa Catarina
2005 - 2007	Curso de Formação de Educadores Populares de Capoeira na Perspectiva Intercultural	Extensão	Coordenador	Fundação Cultural Palmares
Total de projetos realizados: 21				

ANEXO

Declaração livre e consciente de colaboração no Projeto Integrado de Pesquisa

Identificação do Projeto:

Título: **Educação intercultural: viver, conviver e gerar vida em plenitude.**
(**Intercultural education: to live, to live together, to generate well living**).

Referência da Chamada: CNPq-Produtividade em Pesquisa – Modalidade PQ Sênior
Vigência do Projeto Março de 2022 a fevereiro de 2027

Coordenador do Projeto: Reinaldo Matias Fleuri

Instituição Executora: UFSC/PPGICH

Palavras Chave: Bem Viver, educação intercultural, sustentabilidade, decolonialidade, indígenas.

Key-words: Well-living, intercultural education, sustainability, decoloniality, indigenous.

Declaramos nossa decisão de colaborar no desenvolvimento do Projeto Integrado de Pesquisa acima identificado, de acordo com os objetivos propostos.

Local, Data:

Assinatura

Nome:

instituição:

CPF:

Data de Nascimento:

CV (Link):

ORCID:

Resumo do Perfil Profissional: *(10 linhas)*